



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

KALENA UCHÔA DIAS

**FEIRA DA CIDADE, ANANINDEUA-PA: PROPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE
ESPAÇOS DE TRABALHO DOS FEIRANTES SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA
AMBIENTAL**

BELÉM, PA

2025

KALENA UCHÔA DIAS

**FEIRA DA CIDADE, ANANINDEUA-PA: PROPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE
ESPAÇOS DE TRABALHO DOS FEIRANTES SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA
AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof^a Dra. Izabel Cristina Melo de Oliveira Nascimento

BELÉM, PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

D541f Dias, Kalena Uchôa.
Feira da Cidade, Ananindeua-PA : proposição arquitetônica de
espaços de trabalho dos feirantes sob a ótica da Psicologia
Ambiental / Kalena Uchôa Dias. — 2025.
96 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Izabel Cristina Melo de Oliveira
Nascimento
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Instituto de Tecnologia, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Belém, 2025.

1. espaço construído. 2. comportamento espacial. 3.
satisfação do usuário. I. Título.

CDD 720

KALENA UCHÔA DIAS

**FEIRA DA CIDADE, ANANINDEUA-PA: PROPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE
ESPAÇOS DE TRABALHO DOS FEIRANTES SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA
AMBIENTAL**


Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof^a Dr.^a Izabel Cristina Melo de Oliveira Nascimento


Data de aprovação: 08 / 09 / 2025

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 IZABEL CRISTINA MELO DE OLIVEIRA NASCIMENTEN
Data: 25/09/2025 16:18:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Izabel Cristina M. de O. Nascimento - Orientadora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)/ITEC/UFPA

Documento assinado digitalmente
 LOUISE BARBALHO PONTES
Data: 25/09/2025 13:38:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Louise Barbalho Pontes – Examinadora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)/ITEC/UFPA


Prof.^a Dr.^a Monique Benjes Machado Sardo Leão - Examinadora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)/ITEC/UFPA

À minha mãe, que me ergueu sobre os pilares
mais fortes: sua fé e seu amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Me sinto privilegiada de ter conseguido ingressar na universidade e ter descoberto um mundo cheio de possibilidades ainda tão jovem. Um início conturbado, pois entrar no ano da pandemia não foi fácil, os cinco anos de graduação, de repente, viraram seis. No entanto, hoje me encontro em um lugar que eu jamais imaginei que poderia estar. O fim desse ciclo é marcado por anseios, surpresas, mas, sobretudo, por pessoas, aquelas que me apoiaram em todas as fases da minha vida, aquelas que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional e aquelas que nunca deixaram de acreditar em mim, me dando forças dia e noite, que nunca pouparam palavras para me levantar mediante tamanhas inseguranças e sentimentos de insuficiência. Esse trabalho leva o meu nome, mas a vitória é coletiva. Por isso, meus mais sinceros agradecimentos àqueles que me ajudaram a subir cada degrau até aqui.

À Prof.^a Dr.^a Izabel Nascimento, a qual tive o privilégio de ser orientanda, me acolheu da melhor forma possível em um momento que ainda me sentia perdida. A maneira como conduziu o trabalho, com sua metodologia, organização e atenção, fez com que eu sentisse uma sintonia especial, tornando a realização desta pesquisa mais confortável e segura. Minha sincera gratidão pelas palavras de encorajamento, pela imensa disponibilidade e paciência em me ensinar.

Aos meus familiares: meu pai por, mesmo de longe, me ajudar e apoiar no que fosse preciso e possível; ao meu irmão, pelas orientações, por sempre se mostrar presente e com interesse em me ajudar; ao meu padrasto, por todas as vezes que precisei e ele estava lá. Mas, em especial, à minha mãe, que é a razão desse trabalho se tornar realidade, pois sem ela não estaria onde eu estou. Agradeço pelas orações pedindo a Deus para me proteger, me conceder sabedoria e pelos agradecimentos todas as vezes que chego em casa com vida. Agradeço a sua atenção, seu carinho e amor incondicional. Agradeço por nunca medir esforços para ver seus filhos saudáveis e felizes. Nenhuma palavra vai ser o suficiente para expressar o que fez e continua fazendo por nós, tirando nosso sustento através da feira, incansavelmente, por mais de trinta anos. Muito obrigada.

À minha segunda família do Guajará, que acolheu a mim e a minha mãe quando mais precisamos, mostrando que ser família vai muito além do laço de sangue. Serei eternamente grata por cuidarem de mim, me educarem e por terem acompanhado meu crescimento e apoiarem meus projetos. Obrigada por me proporcionarem um lar repleto de carinho e afeto: Tia Zilda, Tio Vero, Sueyla, Karlila – minha madrinha – e Paulo – meu padrinho.

Aos meus amigos de infância e aos que chegaram no meio do caminho. Expresso minha imensa gratidão a Natasha, é um privilégio estar ao teu lado, crescer, evoluir, amadurecer e celebrar cada conquista juntas, serás para sempre meu primeiro exemplo de amizade e lealdade, pois mesmo em rotinas diferentes, nossa conexão e essência nunca se perdeu. Às amigas que a FAU me deu, vocês surgiram na minha vida em um momento que achei estar sozinha, vocês tornaram esse caminho mais leve e suportável de carregar nas costas, é impossível contar todas as vezes que cada uma me ajudou e incentivou, seja através de ações ou palavras, pois foram muitas: à Aline, por ser a pessoa com as palavras mais doces que eu pude conhecer, seu alto astral, carinho e sua sinceridade comigo me faz ter certeza do quanto és iluminada e especial para mim; à Elizabeth, que por ironia do destino, já conhecia antes de saber que seríamos parceiras de trabalho e da vida, és um dos exemplos mais puros de empatia que eu conheço, que não mede esforços para se dedicar de corpo e alma para que tudo funcione da melhor forma, obrigada por sua amizade tão única; à Marcelly, minha parceira de risos frouxos, nossa conexão transcende o meio físico e parece dividirmos os mesmos neurônios, muito obrigada pelos conselhos e pela troca sincera, nunca serei capaz de expressar toda minha gratidão, aliás, você, sem saber, me deu o maior presente que alguém poderia me oferecer.

Ao meu companheiro, namorado e melhor amigo, Mateus. Se eu passei a acreditar em destino, foi por causa de você. Tudo caminhou para que a gente se encontrasse e agradeço a Deus e ao universo por ter te colocado na minha vida. Obrigada por se doar inteiramente para me ver feliz e integrar o meu mundo. Se os dias e as noites em claro fazendo trabalho foram suportáveis, foi porque você esteve acordado ao meu lado me incentivando e apoiando. Agradeço por todos os gestos de amor, carinho, cuidado e por estar presente nos momentos de dúvida e incerteza, sempre me lembrando da minha força e do que sou capaz.

Aos feirantes da Feira da Cidade Nova IV, que se mostraram muito solícitos em me ajudarem desde que souberam que eu estava ali para a pesquisa de campo, disponibilizando seu tempo e atenção para a realização desse trabalho.

E por último, mas não menos importante, aos animais que fizeram e fazem parte da minha vida. Aos que (sobre)vivem na rua de casa e, por um instante, sentem o que é ter atenção e carinho quando colocamos comida todos os dias para eles. Aos que chegaram a provar o que é ter um lar, mas rápido se foram. E, em especial, àqueles que se mantiveram ao meu lado dia e noite durante essa longa jornada: Robert (*in memoriam*), Zangado, Gordinha, Branquinha e, ao meu eterno companheiro que conseguia transmitir todos os seus sentimentos através de olhares e miados, incluindo os “eu te amo”, que compartilhava comigo cada instante da vida tornando-a mais alegre, para sempre nos meus pensamentos, Sapeca (*in memoriam*).

RESUMO

As feiras desempenham um papel fundamental na economia e cultura das cidades, o que torna essencial que os espaços de trabalho sejam adequados às demandas e expectativas dos feirantes. No entanto, é possível que tais ambientes não estejam alinhados plenamente às necessidades dos seus trabalhadores. Por esse motivo, este trabalho teve como objetivo analisar, à luz da Psicologia Ambiental e suas variáveis de análise (ambiente sócio físico, *affordance*, espaço pessoal e territorialidade), quais aspectos do espaço construído da Feira da Cidade – localizada no conjunto Cidade Nova em Ananindeua, Pará – influenciam o comportamento em relação aos impactos e as possíveis estratégias de adaptação adotadas pelos comerciantes. Para isso, o percurso metodológico adotado incluiu pesquisa bibliográfica e documental, observação assistemática, aplicação de formulário e observação sistemática com uso do mapeamento comportamental, utilizando critérios de análise baseados nos referenciais teóricos de Pinheiro, Elali e Fernandes (2008) com as fichas de observação e plantas esquemáticas, e de Douglas Aguiar (2010), com os conceitos de barreiras, passagens e percursos. Os resultados revelaram que os feirantes, no geral, possuem uma boa relação com o ambiente da feira, no entanto, aspectos como espaço insuficiente e estrutura inadequada para o seu serviço são os principais desafios enfrentados por eles, o que está diretamente relacionado às adaptações feitas no espaço registradas no processo. A observação do comportamento dos feirantes contribuiu para a discussão sobre a relação dos aspectos observados com as variáveis de análise da Psicologia Ambiental, uma vez que a configuração espacial e o comportamento revelam a feira como um ambiente social e fisicamente reconhecido, além de claros traços de *affordance* com um único objeto sendo utilizado para diversas finalidades e espaço pessoal e territorialidade a partir da relação e uso de suas bancas/boxes. Dessa forma, a partir dessas reflexões, foram elaboradas sugestões com o objetivo de orientar futuras concepções de um espaço de trabalho mais confortável e adequado às necessidades dos feirantes.

Palavras-chave: espaço construído; comportamento espacial; satisfação do usuário.

ABSTRACT

Markets play a fundamental role in the economy and culture of cities, which makes it essential that workspaces are adequate to the demands and expectations of fairground vendors. However, it is possible that such environments are not fully aligned with the needs of your workers. For this reason, this work aimed to analyze, in the light of environmental psychology and its analysis variables (socio-physical environment, *affordance*, personal space and territoriality), which aspects of the built space of the Feira da Cidade – located in the Cidade Nova complex in Ananindeua, Pará – influence the behavior in relation to the impacts and the possible adaptation strategies adopted by the merchants. For this, the methodological path adopted included bibliographic and documentary research, unsystematic observation, application of form and systematic observation using behavioral mapping, using analysis criteria based on the theoretical references of Pinheiro, Elali and Fernandes (2008) with observation sheets and schematic plans, and Douglas Aguiar (2010), with the concepts of barriers, passages and routes. The results revealed that the stallholders, in general, have a good relationship with the market environment, however, aspects such as insufficient space and inadequate structure for their service are the main challenges faced by them, which is directly related to the adaptations made in the space registered in the process. The observation of the behavior of the stallholders contributed to the discussion about the relationship of the observed aspects with the analysis variables of environmental psychology, since the spatial configuration and behavior reveal the market as a socially and physically recognized environment, in addition to clear traces of *affordance* with a single object being used for various purposes and personal space and territoriality from the relationship and use of their stalls/boxes. Thus, from these reflections, suggestions were elaborated with the objective of guiding future conceptions of a more comfortable workspace that is adequate to the needs of the stallholders.

Keywords: built space; spatial behavior; user satisfaction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema com os principais conceitos e teorias	23
Figura 2 – Mapa de situação geográfica de Ananindeua	24
Figura 3 - Mapa esquemático da localização do conjunto Cidade Nova em Ananindeua.....	25
Figura 4 – Mapa da divisão setorial do bairro Cidade Nova	25
Figura 5 - Localização da Feira da Cidade	27
Figura 6 – Local da antiga “Feira do Quatro” e do lote escolhido para a “Feira da cidade” ...	28
Figura 7 – Vista aérea da Feira da Cidade	29
Figura 8 – Planta esquemática da Feira da Cidade	31
Figura 9 – Fotos de cada setor	31
Figura 10 - Substituição da estrutura das bancas após reforma.....	32
Figura 11 - Refrigeradores instalados interno e externo à banca.....	33
Figura 12 – O uso da cobertura ao longo do tempo	33
Figura 13 - Cartão-resposta de apoio ao formulário.....	37
Figura 14 – Faixa de circulação livre reduzida por mercadorias.....	44
Figura 15 – Bicicletas estacionadas em pilares e bicicletário subutilizado	44
Figura 16 - Feirante cortando carne com o auxílio de uma tábua	45
Figura 17 - Feirante cortando coco usando um banco como suporte	45
Figura 18 - Pilares como apoio para as mercadorias	46
Figura 19 - Diferença de níveis entre os boxes abertos.....	46
Figura 20 - Placas de proteção nas entradas de alguns boxes fechados	47
Figura 21 - Poças de água próximas às vendas de carnes e frutos do mar	47
Figura 22 - Banca fechada	48
Figura 23 - Localização dos participantes do formulário	49
Figura 24 - Mapa de percursos e barreiras dos feirantes observados	56
Figura 25 - Box do Feirante 01 (F1).....	57
Figura 26 - Box do Feirante 13 (F13).....	58
Figura 27 - Box do Feirante 02 (F2).....	59
Figura 28 - Banca do Feirante 08 (F8)	60
Figura 29 - Banca do Feirante 03 (F3)	61
Figura 30 - Banca do Feirante 04 (F4)	62
Figura 31 – Banca(s) do Feirante 14 (F14)	63
Figura 32 - Banca do Feirante 05 (F5)	64

Figura 33 – Banca do Feirante 06 (F6).....	65
Figura 34 - Banca do Feirante 07 (F7)	66
Figura 35 - Banca do Feirante 15 (F15)	67
Figura 36 - Banca do Feirante 10 (F10)	68
Figura 37 - Banca do Feirante 12 (F12)	69
Figura 38 - Banca do Feirante 09 (F9)	70
Figura 39 - Banca do Feirante 11 (F11).....	71
Figura 40 - Marcação no piso ao redor das bancas.....	78
Figura 41 - Layout proposto para o setor de hortifruti e frutas	79
Figura 42 - Layout proposto para o setor de importados.....	79
Figura 43 - Layout proposto para o setor de frutos do mar	80
Figura 44 - Layout proposto para o setor de carnes	81
Figura 45 - Layout proposto para o setor de gastronomia.....	82
Figura 46 - Layout proposto para o setor de farinha	83
Figura 47 - Layout proposto para o setor de ervas	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modelos de configurações espaciais projetados para a Feira da Cidade.....	30
Quadro 2 - Quantidade de participantes por setor	38
Quadro 3 - Ajustes do formulário pré-teste	39
Quadro 4 - Relação entre as abordagens metodológicas e da Psicologia Ambiental	41
Quadro 5 - Etapas, Objetivos e Técnicas da pesquisa	43
Quadro 6 – Questões observadas relacionadas às variáveis da Psicologia Ambiental.....	76
Quadro 7 - Síntese das orientações para a concepção de bancas de feira	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crescimento Populacional de Ananindeua	26
Gráfico 2 - Percepção dos feirantes quanto aos aspectos de satisfação.....	50
Gráfico 3 - Percepção dos feirantes quanto aos aspectos de produtividade	52
Gráfico 4 - Percepção dos feirantes quanto aos aspectos de interação.....	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA	16
1.2	ESTRUTURA DO TRABALHO.....	17
2	A PSICOLOGIA AMBIENTAL NOS ESTUDOS PESSOA-AMBIENTE.....	19
2.1	O OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA AMBIENTAL	19
2.2	CONCEITOS COMPLEMENTARES AO OBJETO DE ESTUDO	20
2.3	ESTRATÉGIAS PARA CONDUZIR OS ESTUDOS.....	22
2.4	SÍNTESE DO REFERENCIAL TEÓRICO	23
3	A FEIRA DA CIDADE	24
3.1	SURGIMENTO DA FEIRA DA CIDADE.....	26
3.2	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA FEIRA	29
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	34
4.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL.....	35
4.2	OBSERVAÇÃO ASSISTEMÁTICA	35
4.3	FORMULÁRIO	36
4.3.1	Critérios de exclusão e Seleção de Amostra.....	38
4.3.2	Pré-teste do formulário	39
4.4	OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA.....	40
4.4.1	Mapeamento Comportamental Centrado na Pessoa (MCCPessoa).....	41
4.5	TRATAMENTO DE DADOS	42
4.6	ELABORAÇÃO DE ORIENTAÇÕES PARA PROJETOS FUTUROS	42
4.7	SÍNTESE DA RELAÇÃO METODOLOGIA X OBJETIVOS	43
5	RESULTADOS.....	44
5.1	RESULTADO DA VISITA EXPLORATÓRIA.....	44
5.2	RESULTADO DO FORMULÁRIO.....	49
5.2.1	Satisfação.....	50
5.2.2	Produtividade.....	51
5.2.3	Interação	53
5.3	RESULTADO DA OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA COM MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL	55
5.3.1	Feirante(s) do setor de Boxe Fechado	57
5.3.2	Feirante(s) do setor de Frutas	58

5.3.3	Feirante(s) do setor de Farinha	60
5.3.4	Feirante(s) do setor de Importados	61
5.3.5	Feirante(s) do setor de Ervas	63
5.3.6	Feirante(s) do setor de Frutos do Mar	64
5.3.7	Feirante(s) do setor de Hortifruti	65
5.3.8	Feirante(s) do setor de Carnes	67
5.3.9	Feirante(s) do setor de Gastronomia.....	70
5.3.10	Anotações gerais da observação sistemática	71
6	DISCUSSÃO	73
6.1	O AMBIENTE SÓCIO-FÍSICO DA FEIRA DA CIDADE	73
6.2	<i>AFORDANCES</i> ENCONTRADOS.....	74
6.3	O ESPAÇO PESSOAL DOS FEIRANTES	75
6.4	TERRITORIALIDADE NA FEIRA	75
6.5	ORIENTAÇÕES PARA PROJETOS FUTUROS.....	76
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
	REFERÊNCIAS	90
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	93
	APÊNDICE B – Formulário.....	94
	APÊNDICE C – Ficha de Observação Estruturada.....	96

1 INTRODUÇÃO

As feiras são locais dinâmicos que fazem parte da cultura e economia das cidades, contudo, para além de espaços públicos, são ambientes de trabalho que muitas vezes exigem a longa permanência dos trabalhadores por ser sua única fonte de renda familiar. Dentro desse contexto, a Psicologia Ambiental surge como uma ferramenta importante nessa pesquisa para compreender como esse espaço influencia o comportamento dos feirantes.

A ocupação de feirante tem origem na Europa no século IX, a partir dos mercados locais criados para atender às necessidades básicas da população (Pirenne, 1936 *apud* Carvalho; Aguiar, 2017). No entanto, há evidências que esse tipo de comércio ocorre desde o século IV na Antiguidade, como em Constantinopla, onde aconteciam atividades culturais e econômicas semelhantes às das feiras medievais, com interações comerciais baseadas na compra, venda e negociação (Le Goff, 1998 *apud* Cardoso, 2023).

Inicialmente, essa profissão era transmitida de geração em geração como um legado familiar, no entanto, no século XXI, tornou-se uma alternativa diante do desemprego e uma estratégia para complementar a renda familiar, passando a inserir-se dentro do mercado informal (Carvalho, 2017). A Recomendação nº 204 da Organização Internacional do Trabalho define o termo “economia informal” como todas as atividades e unidades econômicas que, na lei ou na prática, não estejam cobertas ou estejam insuficientemente cobertas por disposições formais. Em outras palavras, a economia informal é caracterizada pela ausência de direitos trabalhistas, registro formal, regulação tributária e normas de segurança e saúde no trabalho.

Por outro lado, embora haja diversos problemas a serem enfrentados, as feiras cumprem um papel fundamental para a melhoria de vida das pessoas – justamente por serem uma oportunidade fora do campo formal –, não só como provimento econômico, mas pelo lugar que é compreendido como um espaço de socialização, carregado de narrativas e símbolos sociais (Ângulo, 2003). Ao mesmo tempo, é possível extrair desse ambiente diversas informações pertinentes para a elaboração de estudos, como as condições de trabalho, organização e consumo, origem e destino dos produtos potenciais de comercialização, nível de satisfação e quais os outros segmentos sociais envolvidos no processo: feirantes, consumidores e organizações locais (Ângulo, 2003).

No Brasil, as feiras livres se manifestam desde o período colonial, trazidas pelos portugueses e impulsionadas pelo crescimento populacional e econômico, contribuindo para o povoamento do interior e para o abastecimento das populações em todo o território brasileiro (Medeiros, 2010). Já em Belém, as feiras surgiram no século XIX, as quais foram movidas pela economia da borracha e inicialmente instaladas às margens do rio, acompanhando a dinâmica

fluvial do comércio, destacando-se a formação do Ver-o-Peso como principal ponto de troca. Com a expansão urbana e a abertura de novas vias, as feiras se espalharam por outros bairros e passaram a integrar o processo de estruturação da cidade, consolidando-se como espaços fundamentais de comércio popular e abastecimento regional (Medeiro, 2010).

O Decreto Municipal nº 26.579, de 14 de abril de 1994, estabelece o funcionamento das feiras livres em Belém e as define como

“[...] o local previamente designado pela Administração Pública Municipal, dotado de equipamentos padronizados, removíveis ou não, destinados às atividades comerciais a nível de varejo, voltada para o abastecimento de gêneros alimentícios à população, especialmente os de origem hortigranjeira (Belém, 1994, p. 1).”

Além disso, o decreto estabelece as dimensões das bancas para cada setor, bem como diretrizes de uso e comercialização, entre outras disposições. A tradição em feiras, entretanto, não se limita à capital paraense, expandindo-se também para o município de Ananindeua. Nesse contexto, embora o município não possua legislação específica sobre feiras, tais equipamentos urbanos mantêm forte relevância local, tanto no contexto econômico quanto social.

No que diz respeito a Psicologia Ambiental, ela surgiu primeiramente como “Psicologia da Arquitetura” após a II Guerra Mundial por meio da necessidade de reconstrução das cidades, tomou-se consciência de que o ambiente construído deveria refletir não somente princípios construtivos e estéticos, mas também as necessidades psicológicas e comportamentais dos futuros ocupantes (Melo, 1991).

A princípio, tinha-se uma visão bastante determinista sobre o assunto, onde o ambiente determinava o comportamento da pessoa, somente. Posteriormente, entendeu-se que certos aspectos dos indivíduos deveriam ser levados em conta na relação indivíduo-ambiente, porque eles podem alterar a natureza da influência que o espaço exerce sobre seu comportamento, por sua vez necessitando de adaptações no ambiente (Melo, 1991). Portanto, definiu-se a interrelação desses elementos, atrelado a outros aspectos igualmente relevantes, como peça-chave dos estudos da Psicologia Ambiental.

1.1 Problema de pesquisa, objetivos e justificativa

Esse trabalho tem como problema de pesquisa descobrir de que maneira o espaço projetado para a Feira da Cidade, situada no conjunto Cidade Nova em Ananindeua, no Pará, influencia o comportamento dos feirantes. Dessa forma, constitui-se como objetivo geral:

- Propor arranjos espaciais para setores de trabalho da Feira da Cidade em conformidade com o comportamento dos feirantes e as estratégias que eles desenvolvem para se adaptar às condições do espaço construído.

Quanto aos objetivos específicos, esse trabalho se propõe a:

- Registrar o comportamento dos feirantes no espaço da feira;
- Registrar a percepção dos feirantes quanto aos aspectos de satisfação, produtividade e interação;
- Identificar o modo como ocorre o uso do espaço em escala macro (feira como um todo) e micro (bancas individuais) pelos feirantes, sistematizando as adaptações adotadas por eles.
- Sistematizar informações em linguagem projetual para orientar a concepção futura dos espaços de trabalho dos feirantes, considerando as particularidades de cada tipo de setor da feira.

Destaca-se que a escolha da Feira da Cidade como objeto de análise se deu tanto pela relevância acadêmica e social, levando em consideração a importância de expandir o tema sobre a relação entre os espaços de trabalho da feira e o bem-estar dos seus trabalhadores, quanto por uma motivação pessoal. Como filha de uma feirante que trabalha há 33 anos no ramo, tive oportunidade de acompanhar de perto a realidade desse ambiente e seus trabalhadores, observando o cotidiano, os desafios e as estratégias utilizadas para lidar com as condições de trabalho na feira. Portanto, esse contato direto possibilitou que a pesquisa fosse conduzida com uma visão sensível e fundamentada na vivência concreta dos feirantes.

1.2 Estrutura do trabalho

A referida pesquisa está estruturada em quatro capítulos, além da introdução, considerações finais e referências. O capítulo dois aborda as principais bases teóricas para a realização do estudo, apresentando alguns conceitos-chave sobre a Psicologia Ambiental como a interrelação, a transacionalidade, o ambiente sócio físico, *Affordance*, *Environmental Role*, espaço pessoal e territorialidade, além de evidenciar estratégias que colaboram para a realização do estudo. Com o intuito de esclarecer as conexões entre esses aspectos, foi elaborado uma síntese esquemática e explicativa desse referencial teórico que será utilizado como fundamentos para coletar, analisar, interpretar e elaborar conclusões.

O terceiro capítulo discorre sobre o objeto de análise principal dessa pesquisa, que é a Feira da Cidade, contextualizando brevemente sobre o município e o bairro a qual está inserida. Também expõe como se deu seu surgimento e a organização espacial da feira, no que se refere às suas principais características como a tipologia arquitetônica, modelos de bancas, produtos comercializados e sua setorização.

O capítulo quatro refere-se à metodologia utilizada para alcançar os objetivos desse trabalho, explicando sobre a abordagem metodológica escolhida e as etapas envolvendo as técnicas de pesquisas de coleta e análise de dados, tais como: a pesquisa bibliográfica e documental, observação assistemática, formulário e observação sistemática com mapeamento comportamental.

O capítulo cinco diz respeito aos resultados da etapa de coleta de dados provenientes da visita exploratória, da aplicação do formulário e da realização do mapeamento comportamental. Logo depois, o sexto capítulo conta com a discussão acerca dos resultados obtidos relacionando-os com os conceitos da Psicologia Ambiental e com as orientações e informações sistematizadas para a concepção de espaços de trabalhos dos feirantes, sendo seguido pelas considerações finais, referências e apêndices.

2 A PSICOLOGIA AMBIENTAL NOS ESTUDOS PESSOA-AMBIENTE

Para nortear a compreensão dessa pesquisa, se faz indispensável entender a base teórica que será utilizada e que guiará o estudo sob a ótica da Psicologia Ambiental. Logo, esse referencial teórico conta com a apresentação dos principais conceitos e teorias e as estratégias para conduzir os estudos.

A principal característica encontrada é a convergência das ideias entre os autores. Tanto Melo (1991), Moser (1994), Günther, Elali e Pinheiro (2004) e Corral-Verdugo (2005), entendem a interrelação e a transação como os principais objetos de estudo da Psicologia Ambiental. Ademais, outros termos e teorias são incluídos de modo que se complementam entre si, como: ambiente sócio-físico, *Affordance*, *Enviromental Role*, espaço pessoal e territorialidade.

Além disso, para que a Psicologia Ambiental tenha um impacto efetivo, é fundamental compreender não apenas seus conceitos, mas também os métodos e formas de aplicação no campo, pois o estudo dessas abordagens permite uma descrição e análise mais precisa das interações entre indivíduo-ambiente. Diante disso, será compreendida a necessidade do cenário físico e social e dos multimétodos para o desenvolvimento da pesquisa.

2.1 O objeto de estudo da Psicologia Ambiental

A Psicologia Ambiental pode ser compreendida como o estudo da transacionalidade da relação indivíduo-ambiente – tema que será aprofundado posteriormente –, mas, principalmente, da “interrelação entre o ambiente físico (natural e/ou construído) e o comportamento humano, ou seja, o ambiente influencia o comportamento, e este por sua vez, também leva a uma mudança no ambiente” (Melo, 1991, p. 86-87). De forma complementar, Moser (1998, p. 121) reforça essa ideia ao reiterar que “a Psicologia Ambiental estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central a interrelação, e não somente a relação, entre a pessoa e o meio ambiente físico e social”. Esse entendimento se deu ao longo do tempo após perceber que “certos aspectos dos indivíduos deveriam ser levados em consideração na relação homem-meio ambiente” (Melo, 1991, p. 86) e que a fragmentação dessas abordagens, onde apenas o ambiente afeta o comportamento ou apenas o comportamento afeta o ambiente, seria inconveniente por caracterizar “desperdício de esforço de pesquisa”, deformação do objeto de estudo, confusão e ambiguidades nas definições (Corral-Verdugo, 2005).

Diante do exposto, pode-se resumir o objeto da Psicologia Ambiental como a “influência mútua entre os fatores ambientais e comportamentais ao tentar focalizar problemas específicos e soluções” (Corral-Verdugo, 2005, p. 75), onde, essa influência mútua significa que, assim

como o ambiente afeta o modo como percebemos, agimos e sentimos, essas mesmas ações afetam o ambiente.

2.2 Conceitos complementares ao objeto de estudo

A partir da compreensão do objeto de estudo da Psicologia Ambiental, é necessário entender os aspectos que o constituem. A priori, os termos “ambiente” e “espaço” são bastante utilizados, pois representam meios físicos, mas também sociais, onde as ações humanas acontecem. Corral-Verdugo (2005) avalia o espaço a partir das teorias de Gibson (1977) e Segall *et al.* (1999) como sendo parte de dimensões da realidade, resultando em dois tipos: o ambiente físico, descrito como o tangível e material, e o ambiente social, que é o criado pelo homem, possuindo normas, regras, leis e que, também, é regido pela cultura, portanto, formando o que chamamos de ambiente sócio físico.

Nesse sentido, Corral-Verdugo (2005), a partir do suporte conceitual de Gibson (1977), aborda a noção de *Affordance*, que descreve as características do ambiente que influenciam e estimulam as pessoas a reagirem de maneira eficaz, promovendo ações adaptativas ou soluções de problemas. Ou seja, a maneira que o indivíduo percebe o ambiente, mesmo que ele tenha uma utilidade diferente, é o que vai orientar as ações sobre ele. Essa perspectiva corrobora a ideia de que, por meio das interações, podem surgir a necessidade de adaptações o que leva o indivíduo a ajustar o ambiente de modo a satisfazer suas necessidades (Melo, 1991).

Mas, além da dimensão espacial, o ambiente também é composto pela dimensão temporal, a qual é delimitada como a projeção no futuro e referência ao passado, pois ela estabelece uma história. Embora o autor concentre sua análise na “história residencial”, a história do indivíduo também constrói uma identidade, a qual influencia na percepção e avaliação de determinado ambiente (Moser, 1998).

Essa linha de pensamento nos leva ao conceito de *conceptualization* ou conceituação apresentado por Melo (1991, tradução nossa) a partir dos princípios de Groat e Canter (1979) e Groat (1982). Na língua portuguesa, o termo em questão significa a ação de formar conceitos. Logo, a conceituação é entendida como a percepção do ambiente que ocorre devido a construção de um sistema de conceitos fundamentados nas experiências contínuas ao longo do tempo, o que possibilita a identificação de edificações específicas, como igrejas, residências, museus, entre outros (Melo, 1991).

No processo da construção da conceituação, é fundamental considerar não apenas as experiências prévias do indivíduo, mas também a transacionalidade – conceito o qual sugere que os objetivos dos indivíduos estão associados ao modo que eles agem em um lugar específico

–, e o papel que ele desempenha em um determinado ambiente e as normas sociais presentes nesses espaços, que são assimiladas e transmitidas, porém esses papéis diferem de indivíduo para indivíduo, e é essa diferença que contribuiu para o desenvolvimento da teoria proposta por Canter (1977) do “*Environmental Role*” (Melo, 1991).

Segundo Melo (1991), a teoria de *Environmental Role* diz que:

[...] os padrões de avaliação e percepção ambiental correspondem a ‘papéis’ sociais ou organizacionais distintos que os indivíduos desempenham no ambiente e que vão determinar as formas de interação que mantêm com o ambiente no exercício desses papéis (Melo, 1991, p. 88).

Por isso, afirma-se que, ao longo do tempo, cada indivíduo desenvolverá uma conceituação diferente do ambiente, dependendo do papel que desempenha e dos objetivos que possui naquele espaço, uma vez que a Psicologia Ambiental também pode ser compreendida como a transação entre o indivíduo e o ambiente (Melo, 1991). Isso significa que pessoas em um mesmo local podem ter experiências distintas, pois percebem e interagem com o ambiente de maneiras variadas (Melo, 1991).

Outro conceito importante e que complementa o que foi anteriormente apresentado, é o de espaço pessoal, definido como “um espaço imaginário ao redor do indivíduo, necessário para manter sua privacidade e seu apropriado nível de intimidade” (Altman, 1975 *apud* Melo, 1991, p. 90). Mas, mais do que um simples “espaço imaginário”, o espaço pessoal é um processo dinâmico cuja regulação depende de muitas nuances como regras sociais, papéis e lugares específicos (Melo, 1991). Esse conceito se aproxima da territorialidade, pois ambos envolvem o controle do espaço pelo indivíduo. No entanto, enquanto o espaço pessoal refere-se a uma zona invisível e móvel ao redor do corpo, a territorialidade diz respeito à apropriação e controle de um espaço físico delimitado (Melo, 1991) ou, ainda, a “um padrão de comportamento e atitudes por parte de indivíduos ou grupos, baseado em controle percebido, tentado ou real sobre um espaço físico [...], que pode envolver ocupação, defesa, personalização e demarcação habitual” (Gifford, 2002 *apud* Günther, Elali e Pinheiro, 2004, p. 2).

Em suma, ambas as noções atuam como estratégias para garantir a privacidade, onde a territorialidade pode ser vista como uma extensão do espaço pessoal em uma escala maior, envolvendo aspectos de permanência e domínio sobre um local específico. A compreensão desses comportamentos espaciais é essencial para os projetos arquitetônicos e urbanísticos dado que as configurações do espaço podem favorecer ou dificultar as interações sociais nele (Melo, 1991).

2.3 Estratégias para conduzir os estudos

No contexto do cenário de pesquisa, Corral-Verdugo (2005, p. 77) apresenta o “realismo ambiental”, ideia proposta por Gibson (1977), que se caracteriza pela “noção de que a nossa percepção ambiental e conhecimento derivam de um contato direto com objetos ambientais”. Dentro dessa perspectiva, os chamados “objetos estimulantes” desempenham um papel fundamental, pois influenciam diretamente a maneira como percebemos o espaço, contribuindo para a construção da experiência sensorial e cognitiva do ambiente por meio de elementos como formas e contrastes (Corral-Verdugo, 2005).

Além disto, os objetos são percebidos e reconhecidos em termos de outras propriedades físicas. Alguns liberam compostos químicos que afetam o nosso paladar e olfato. Quando vibram ou se movem, muitos são capazes de induzir respostas auditivas; sua composição atômica, como objetos sólidos, líquidos ou gasosos, macios ou ásperos, afetam sistemas táteis. Igualmente, quase todos os objetos poderiam ferir o tecido corporal, causando dor. O próprio organismo é uma fonte de estimulação proprioceptiva, cinestésica e vestibular. Este tipo de estimulação está baseado em propriedades físico-químicas dos objetos. (Corral-Verdugo, 2005, p. 77).

Desse modo, fica claro que a percepção ambiental humana — e, conseqüentemente, o comportamento — resulta de um contato direto e contínuo com os objetos do ambiente. Nesse sentido, “uma das características normalmente apontadas da Psicologia Ambiental é o estudo dos seres humanos em seus contextos regulares de vida, com o ambiente exercendo papel integral no processo” (Ittelson *et al.*, 1974 *apud* Günther, Elali e Pinheiro, 2004, p. 4). Corral-Verdugo (2005) enfatiza que é no ambiente físico que as interações humanas acontecem e essas interações podem mudar conforme as características de cada espaço, mas sem esquecer do ambiente social uma vez que os aspectos socioculturais definem as diferenças e especificidades de cada sociedade, produzindo visões de mundo e comportamentos diferentes. Assim, ao estruturar um estudo, o pesquisador deve identificar os contextos social e físico que estão diretamente relacionados aos comportamentos que serão analisados (Corral-Verdugo, 2005).

Dessa forma, Melo (1991) reforça que:

[..] deve-se levar em consideração o ambiente natural em que o fenômeno está sendo estudado. Ou, até mesmo, quando se leva o estudo para análise em laboratório, tem-se consciência de que os resultados serão apenas parcialmente corretos, porque em situações reais, tais resultados poderiam sofrer variações. (Melo, 1991, p. 77).

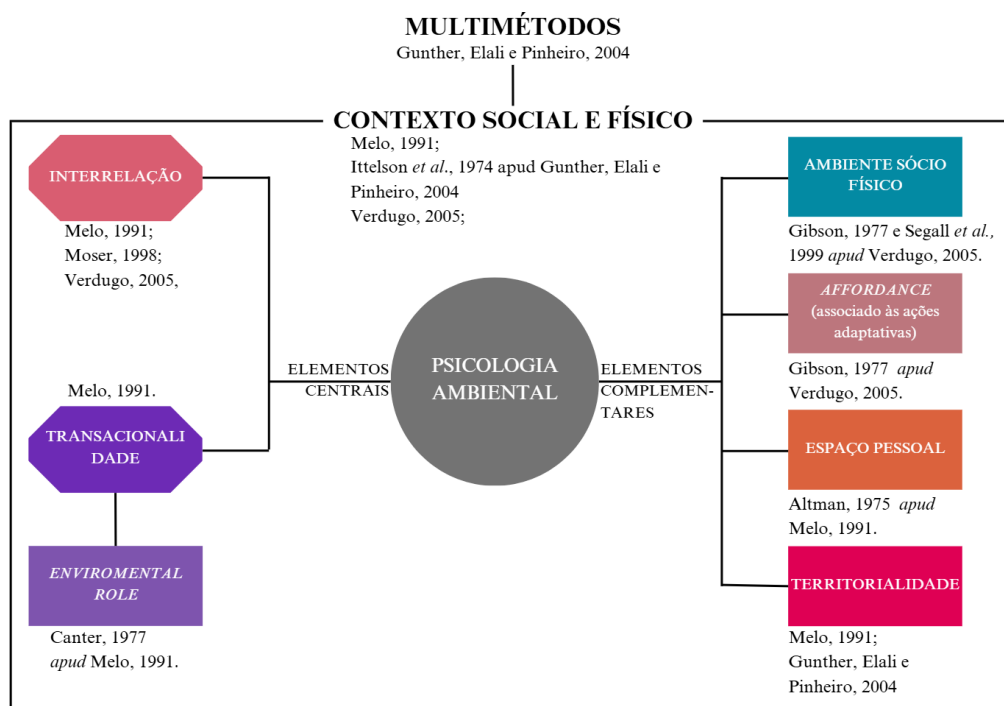
Essas observações evidenciam a necessidade da utilização de multimétodos para a realização dos Estudos Pessoa-Ambiente, afinal,

dados provenientes de uma única fonte são passíveis de dúvida, sendo aconselhável contrabalançar os desvios surgidos a partir de uma coleta de dados com informações oriundas de outros métodos a fim de minimizar as distorções no resultado final do trabalho. (Marans e Spreckelmeyer, 1987, p. 83 *apud* Günther, Elali e Pinheiro, 2004, p.5).

2.4 Síntese do referencial teórico

Em suma, evidencia-se que a Psicologia Ambiental carrega uma bagagem de conceitos e elementos que são inerentes aos seus estudos. Sendo assim, a convergência entre as ideias apresentadas, junto a outros conceitos complementares, possibilita uma fundamentação teórica abrangente e integrada formada através de um diálogo contínuo entre as literaturas observadas, fortalecendo o campo teórico e prático da área. Assim, o esquema da Figura 1 ilustra o resumo do referencial teórico apresentado e como ocorre a relação entre os principais conceitos e teorias.

Figura 1 – Esquema com os principais conceitos e teorias



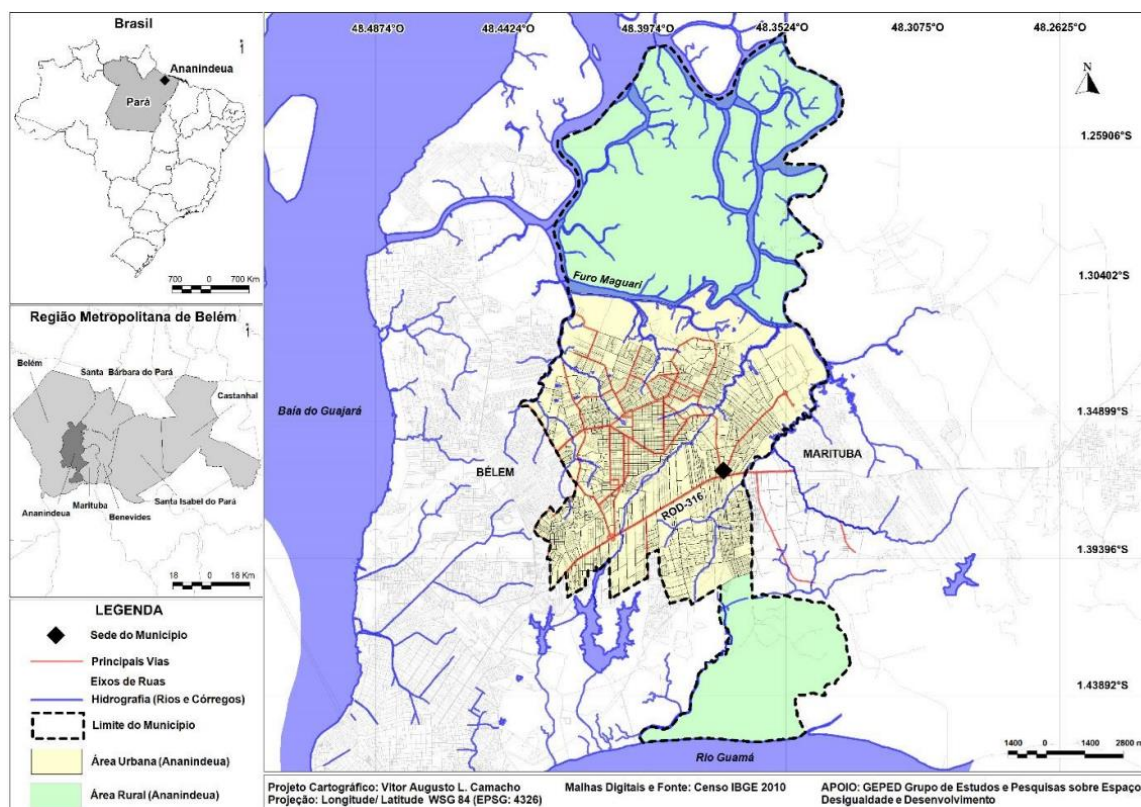
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A Psicologia Ambiental aparece como tema central conectando os elementos centrais e os complementares. Sendo assim, conforme Figura 1, a interrelação e a transacionalidade (que está diretamente relacionada com a teoria do *Environmental Role*) aparecem como componentes fundamentais por se tratar dos objetos de estudo da Psicologia Ambiental. De forma relacional, destacam-se o ambiente sócio-físico, *Affordance* (associado às ações adaptativas), espaço pessoal e a territorialidade como categorias inerentes à Psicologia Ambiental e que complementam a análise dos seus estudos. Todos esses aspectos se manifestam dentro do contexto social e físico de onde ocorre o problema da pesquisa, tornando essencial sua análise levando em consideração o ambiente natural e o estudo por meio da aplicação de multimétodos.

3 A FEIRA DA CIDADE

Ananindeua, segundo maior município do Pará, faz parte da Região Metropolitana de Belém (Figura 2) e por muito tempo foi denominada de “cidade dormitório”, aquela em que os moradores saem do seu município para trabalhar em outro e voltam apenas para dormir. Essa realidade começou a mudar paulatinamente a partir de 1960, com a inauguração da BR-010 (Belém-Brasília), na qual foram se estabelecendo indústrias e contribuiu para os fluxos migratórios diversos (Prefeitura Municipal de Ananindeua, 2023).

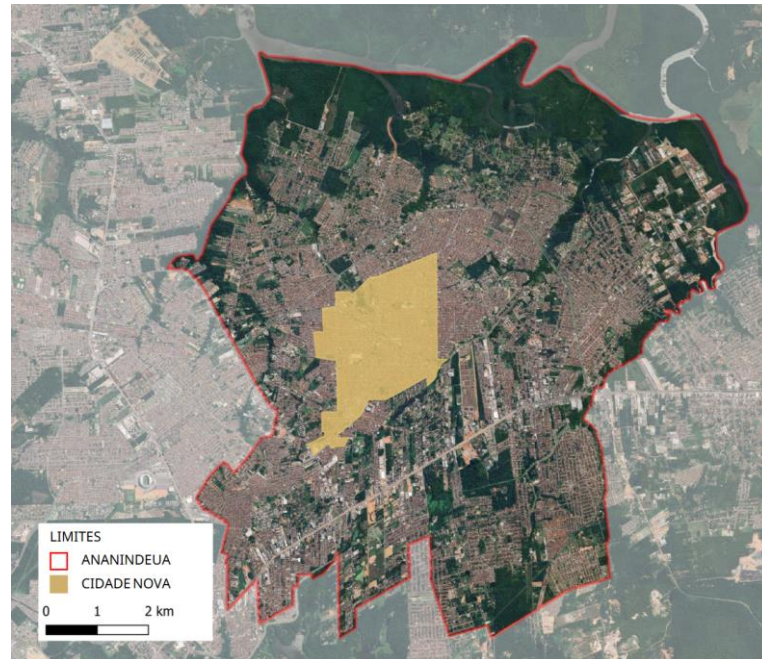
Figura 2 – Mapa de situação geográfica de Ananindeua



Fonte: Rodrigues, Filho e Neto (2018).

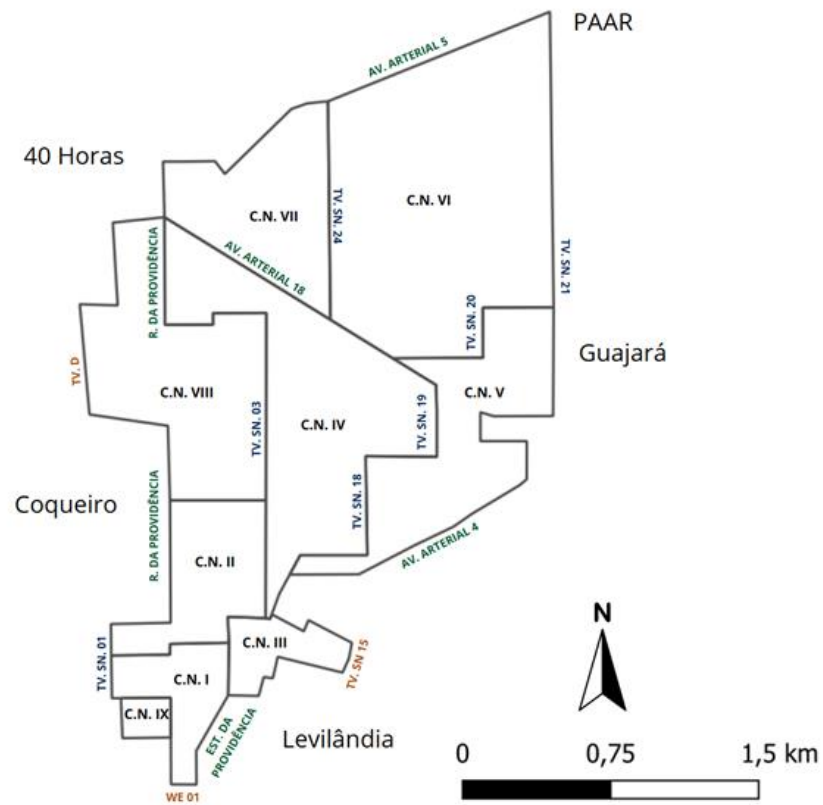
Por conseguinte, algumas políticas de fomento habitacional foram desenvolvidas, entre elas, o conjunto habitacional da Cidade Nova, subdivido em 9 regiões numeradas de I a IX (Figuras 3 e 4) cuja instalação se iniciou no período de 1976-1986 pela Companhia de Habitação do Pará (COHAB) e colaborou – juntamente com a inauguração do conjunto lindeiro PAAR (Pará-Amazonas-Acre-Rondônia) que ocorreria pouco depois –, para a expansão habitacional e comercial da cidade (Prefeitura Municipal de Ananindeua, 2023). Atualmente, o conjunto conta com redes de supermercados, ginásio, praças, Museu parque/ambiental, feiras comerciais que são abastecidas pelas cooperativas agrícolas do bairro do Curuçambá, assim como pescados, farinha, carvão e artesanato proveniente das comunidades das ilhas circunvizinhas do bairro da Cidade Nova (Cardoso, 2023).

Figura 3 - Mapa esquemático da localização do conjunto Cidade Nova em Ananindeua



Fonte: Adaptado pela autora a partir de Google Maps (2025).

Figura 4 – Mapa da divisão setorial do bairro Cidade Nova

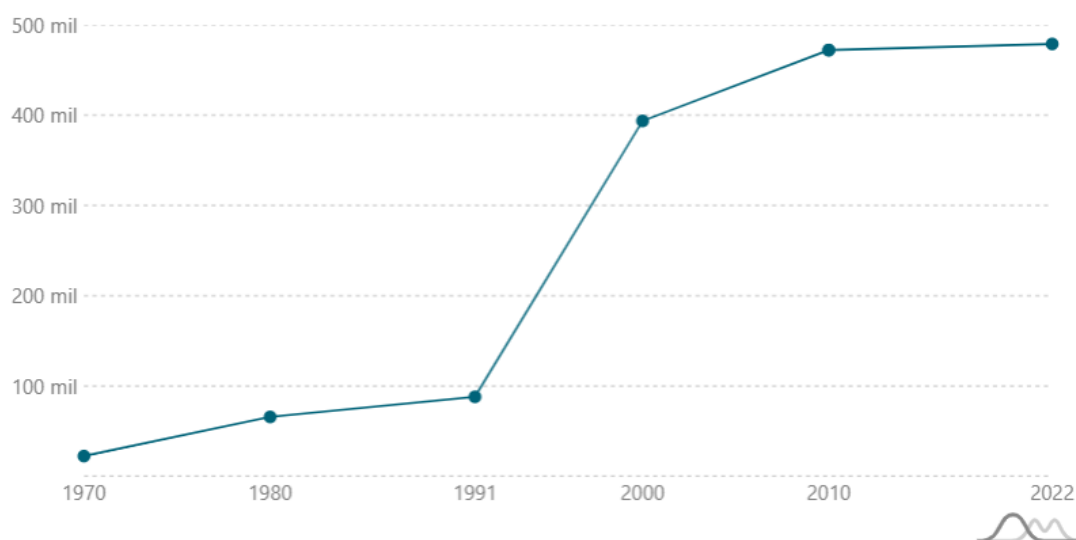


Fonte: Adaptado pela autora a partir de Furtado (2017).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), a população de Ananindeua estima-se em 478.778 habitantes, sendo possível observar o crescimento populacional significativo no Gráfico 1, evidenciando a influência das políticas habitacionais ocorridas no período mencionado.

Gráfico 1 – Crescimento Populacional de Ananindeua

Crescimento populacional



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022).

Tal aumento expressivo da população trouxe consigo a necessidade de atender às demandas cotidianas de consumo e geração de renda e, então, formou-se no município um forte traço de comércio informal, especialmente concentrado em áreas de grande fluxo de pessoas.

O cenário urbano de Ananindeua é marcado, em diversos pontos, pelo comércio informal “de rua”. Existem, espalhadas pela cidade, dezenas de feiras transacionando produtos variados, localizadas, principalmente, nas cercanias dos mercados, em praças públicas e em vias de grande circulação (Memorial [...], 2005, p. 1).

Destaca-se aqui o conjunto da Cidade Nova, onde nosso objeto de estudo se encontra, o qual possui uma intensa atividade comercial, onde as feiras livres desempenham papel central na economia local e na vida social da comunidade.

3.1 Surgimento da Feira da Cidade

A Feira da Cidade, popularmente chamada de “Feira Nova” ou “Feira Coberta”, teve sua inauguração em 2006 e está localizada na interseção entre a Cidade Nova IV, V, VI (Figura 5). A feira é fruto da necessidade de remanejamento dos pontos de venda que se estendia ao longo

da Avenida Arterial 18 e ruas lindeiras, pois essa configuração ocasionava obstrução das vias públicas e precariedade das condições do ambiente de trabalho, esses pontos – ou a maioria deles –, foram transferidos para outro espaço, mas ainda na mesma avenida (Memorial [...], 2005).

Figura 5 - Localização da Feira da Cidade



Fonte: Adaptado pela autora a partir de Google Maps (2025).

Tal ponto de comércio era conhecido como a “Feira do Quatro”¹ – o novo local até hoje é chamado assim também –, a data do seu surgimento é uma incógnita, não há fontes que abordem sobre isso e outras especificidades do local (Cardoso, 2023). No entanto, conforme relatado por S. Raimundo, responsável pela administração da antiga feira, em uma entrevista realizada pelo professor Oswaldo Cardoso, ele recorda que esse mercado teve origem por volta dos primeiros anos da década de 1980, com o propósito de atender os moradores da recém-inaugurada Cidade Nova IV (Cardoso, 2023). Portanto, sua existência denotava importância tanto na dimensão econômica, favorecendo o comércio local, quanto na dimensão social, como forma de subsistência de muitas famílias (Memorial [...], 2005).

¹ Como usuária da feira e frequentadora das proximidades, pude observar que, embora tenha ocorrido o remanejamento de parte dos feirantes, a antiga “Feira do Quatro” ainda existe, porém fora do leito das ruas e sem oferecer maiores danos à integridade física dos usuários, por isso a Feira da Cidade também é reconhecida pela comunidade como “Feira Nova” e a antiga como “Feira Velha” (Figura 5).

Contudo, os problemas se destacavam sobre as demais características. A expansão desordenada das barracas, a construção de pequenos estabelecimentos de alvenaria no canteiro central da avenida e as condições de higiene foram os motivos que chamaram a atenção da Prefeitura Municipal da época para o local, uma vez que constituíam atos de privatização do espaço público, comprometia o fluxo de circulação de pedestres e veículos e gerava insalubridade no local (Memorial [...], 2005).

Portanto, para a resolução dos problemas citados, foi preciso desenvolver um planejamento complexo diante os desafios encontrados. Segundo o Memorial Descritivo da Feira da Cidade (2005), a primeira etapa foi identificar e cadastrar as pessoas que seriam feirantes permanentes e seus tipos de comercialização para serem alocados de forma adequada na nova feira, já que existem os que trabalham temporariamente no ambiente em virtude de alguns fatores como o tipo de mercadoria e época do ano.

A segunda etapa foi a escolha do local. Levou-se em consideração as necessidades e disponibilidade do espaço para acomodar todos os cadastrados e, sobretudo, a proximidade ao local antigo da feira, pois a sua existência possui importância cultural e referencial para a cidade, destacando-se como um ambiente dinâmico onde a interação entre os feirantes, clientes e espaço físico já era constante e consolidado. Além disso, também foi necessário ouvir a opinião dos feirantes quanto as possibilidades para seus remanejamentos (Memorial [...], 2005).

Por fim, o lote escolhido para a locação da atual Feira da Cidade está por volta de 150 metros de distância da feira anterior e, na verdade, é resultado do remembramento de dois lotes, como se observa na Figura 6.

Figura 6 – Local da antiga “Feira do Quatro” e do lote escolhido para a “Feira da cidade”



Fonte: Memorial [...], (2005).

Sobre a mudança de localidade do mercado, é interessante salientar que, de acordo com Fiel (2018), ela trouxe algumas dificuldades para os feirantes, pois alguns não conseguiram se adaptar à nova freguesia, uma vez que

[...] como às feiras são eventos não perenes, emergindo conforme a demanda local, uma alteração de território mesmo que aparentemente pouco significativa tem grande impacto na preferência do consumidor de frequentar mais ou deixar de ir naquela feira, de acordo com os objetivos de compra e acessibilidade do consumidor (Fiel 2018, p. 56).

3.2 Organização espacial da Feira

O projeto da feira possui uma planta de formato triangular, está situado entre a Avenida Arterial 18 e as ruas SN-23 e WE-59 e consiste em um grande pavilhão semiaberto com uma área coberta de 3.127,17m² por uma grande tenso-estrutura, elemento de maior importância arquitetônica do conjunto (Figura 7). A escolha por esse tipo de cobertura se deu pelas limitações orçamentárias, adequabilidade do seu uso ao programa proposto, já que o material que cobre a feira, apesar de fixa, pode expressar a sua natureza efêmera, o curto prazo determinado para a execução da obra e a translucidez do seu material, permitindo a passagem de luz natural e, conseqüentemente, economizando energia elétrica (Memorial [...], 2005).

Figura 7 – Vista aérea da Feira da Cidade



Fonte: Blog Meia Dois Nove (2006).

Alguns pontos relevantes que podem orientar evidências futuras para este trabalho estão descritos na pesquisa realizada por Trindade e Fiel (2019) envolvendo os feirantes da Feira da

Cidade, na qual parte dos entrevistados alegaram apresentar precariedade nas condições físicas da feira por conta da falta de manutenção e de segurança pública. No entanto, esses são alguns aspectos que dependem da ação do poder público, logo, é necessário atentar-se se os mesmos problemas permanecem na atual gestão iniciada em 2021 e ainda vigente. Por outro lado, uma quantidade significativa dos entrevistados (51%) declarou ter dificuldades de armazenamento e manuseio das mercadorias, principalmente quando se trata de produtos que precisam de maiores cuidados de estocagem, e feirantes mulheres apontaram como uma dificuldade a ser enfrentada o esforço físico exigido para carregar certas mercadorias (Trindade e Fiel, 2019)

Quadro 1 - Modelos de configurações espaciais projetados para a Feira da Cidade

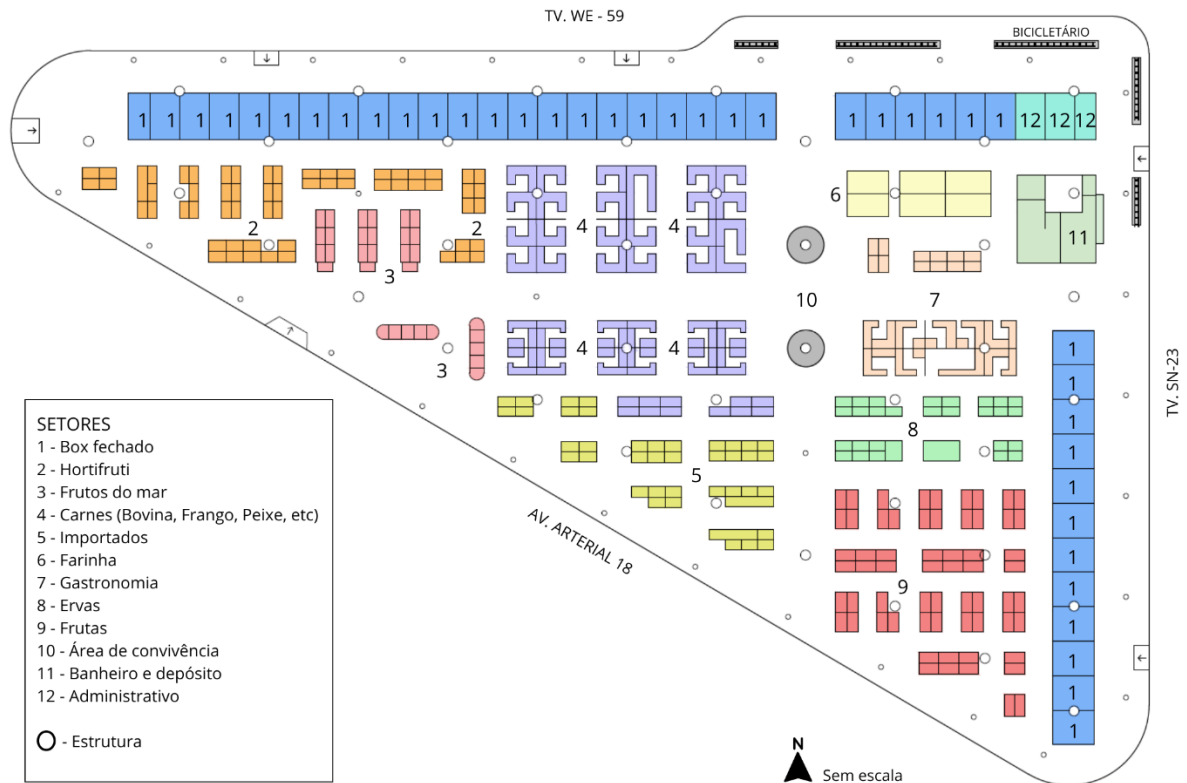
MODELO	FINALIDADE
BOX FECHADO	Comercialização em lojas
BOX ABERTO	Comercialização de peixes e lanches
ILHA DE VENDA DE CARANGUEJO	Comercialização de caranguejo
BANCA DE FEIRANTE	Comercialização de carne de porco, camarão e outros mariscos
	Comercialização de frutas e assemelhados
	Comercialização de bijuterias e assemelhados
	Comercialização de confecções
	Comercialização de CDs e assemelhados
	Comercialização de farinha e assemelhados

Fonte: Memorial [...], (2005) adaptado pela autora (2025).

Com relação aos pontos de venda, os espaços foram agrupados em quatro tipos de configurações espaciais: os boxes fechados que são pontos comerciais de diferentes ramos, como roupas e venda de açaí; os boxes abertos que comercializam peixes e diversos frutos do mar; a ilha de venda de caranguejo; e as bancas de feirantes que comercializam artigos variados como farinha, bijuterias, frutas, carnes, etc. (Quadro 1).

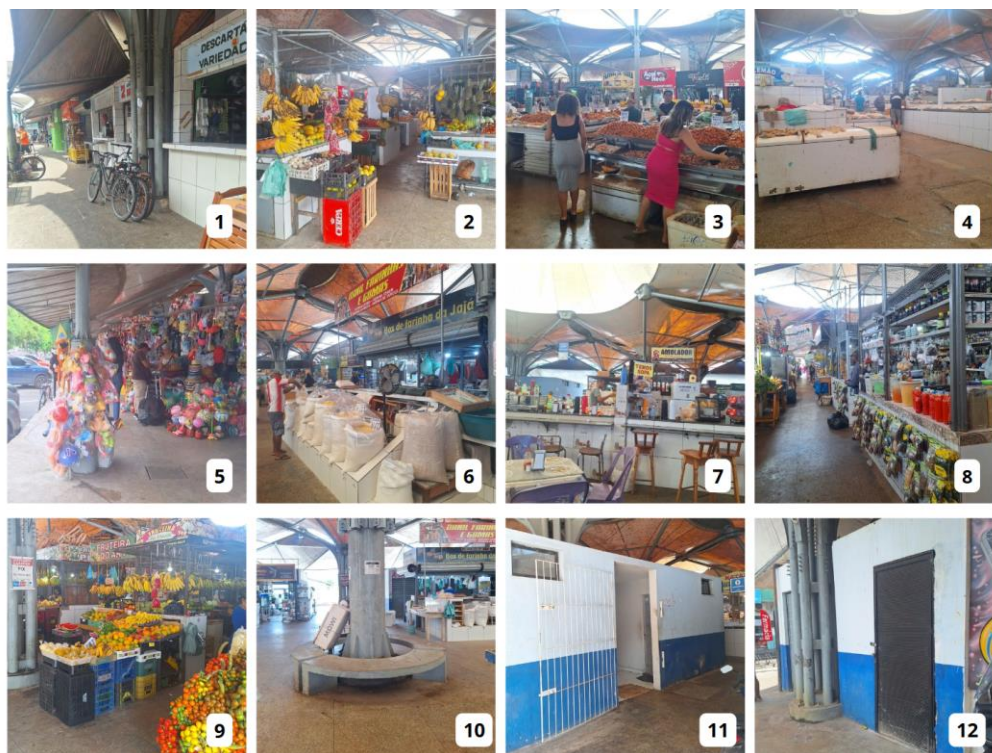
Ainda, a Feira da Cidade também dispõe da área administrativa, com salas para a direção da feira, guarda de lixo e sala de medidores de consumo de energia, além do depósito, sanitários públicos, bicicletário e uma área de convivência com bancos de concreto (Memorial [...], 2005). A setorização dessas áreas ocorre conforme mostram as Figuras 8 e 9.

Figura 8 – Planta esquemática da Feira da Cidade



Fonte: Blog Meia Dois Nove (2006) adaptado pela autora (2025).

Figura 9 – Fotos de cada setor



Fonte: Acervo da autora (2025).

Também é importante ressaltar que a Feira da Cidade passou por reformas recentes e, em razão dessas intervenções, o espaço já não corresponde integralmente ao projeto original, havendo alterações que vão desde os revestimentos e materiais até a configuração de determinadas bancas que precisaram ser reestruturadas para atender às demandas existentes. Por exemplo, o memorial descritivo indica a construção de 354 bancas, no entanto, esse número foi significativamente reduzido em virtude da união entre duas e até quatro bancas em diferentes pontos da feira. E os armários inferiores que originalmente eram de madeira, foram substituídos por construção em alvenaria com porta e estrutura metálica (Figura 10).

Figura 10 - Substituição da estrutura das bancas após reforma



Antes

Depois

Fonte: Elaborado pela autora a partir de fotografia própria e fotografia disponível em Google Maps, disponível em Google Maps (2020).

Mais recentemente, no início desse ano (2025), foram instalados refrigeradores verticais, o que exigiu, em alguns casos, a demolição de parte das bancadas de alvenaria para acomodá-los. Em outras situações, esses equipamentos foram simplesmente posicionados em espaços livres, imediatamente ao lado de bancas ou pilares. Trata-se de uma intervenção que, ao mesmo tempo em que contribui para a armazenagem de mercadorias, também impacta o espaço útil da banca e das passagens (Figura 11).

Figura 11 - Refrigeradores instalados interno e externo à banca.



Fonte: Acervo da autora (2025).

Tais modificações alteraram de forma significativa a configuração espacial dos pontos comerciais, preservando, entretanto, a disposição original das circulações. Considerando o escopo e a duração da pesquisa, optou-se por destacar essas modificações apenas nas bancas dos feirantes mapeados, por meio dos desenhos esquemáticos no capítulo de resultados da observação sistemática.

Ainda em relação à reforma, houve uma extensão da cobertura voltada para a Avenida Arterial 18 (lado que recebe o sol poente). Essa alteração é especialmente interessante, pois, ao comparar com registros antigos, nota-se que essa necessidade surgiu conforme o uso diário do espaço. Assim, durante muito tempo os feirantes improvisavam lonas sustentadas por estacas de madeira para prolongar a proteção como forma de se resguardar do sol e da chuva (Figura 12).

Figura 12 – O uso da cobertura ao longo do tempo



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Google Maps (2025).

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Entende-se como método “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...] traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 83). Logo, para o desenvolvimento de uma pesquisa é fundamental que se tenha uma metodologia bem definida para que se possa delimitar as técnicas de pesquisa (aplicação prática), de modo que o estudo seja devidamente direcionado, tornando-o lógico e fluído.

Dessa forma, a escolha da metodologia adotada neste estudo deve-se à necessidade de analisar e interpretar, inserido no contexto social e físico do problema, as nuances que compreendem a interrelação e transacionalidade do cenário socioambiental (feira) e do comportamento dos indivíduos (feirantes), levando em consideração, como variáveis de análise, as relações existentes com o ambiente sócio-físico, o *Affordance* associado às ações adaptativas, o espaço pessoal e a territorialidade.

Por isso, optou-se por uma abordagem qualitativa, pois ela permite que o pesquisador tenha o contato direto com o ambiente e as pessoas envolvidas no problema do estudo, possibilitando a coleta e a interpretação do significado dos dados (Creswell, 2007). Além disso, esse modelo de pesquisa se caracteriza por não ser engessado, permitindo flexibilidade e ajustes durante o processo de investigação, pois a partir do momento que o cientista adentra o campo de estudo, ele se coloca à disposição para “aprender sobre o problema ou questão com os participantes e lidar com a pesquisa de modo a obter essas informações” (Creswell, 2007, p. 209).

Nesse sentido, esse trabalho se estrutura a partir de um viés descritivo, tendo em vista que sua finalidade é a de descrever as características de uma determinada população ou fenômeno e possibilitar a identificação de relações entre variáveis (Gil, 2008). Para tal, foi utilizada a técnica de amostragem do tipo intencional, a qual consiste na seleção de um subgrupo de um todo a partir de conhecimentos prévios (Gil, 2008), estes adquiridos na visita exploratória ao local de análise.

Portanto, o levantamento e a análise de dados decorreram a partir das seguintes etapas: 1) pesquisa bibliográfica e documental; 2) observação assistemática, 3) aplicação de formulário, 4) observação sistemática com o mapeamento comportamental e a 5) sistematização de orientações para projetos futuros de espaços de trabalho dos feirantes.

4.1 Pesquisa bibliográfica e documental

A pesquisa iniciou-se com a coleta de informações para o referencial teórico utilizado na análise do elemento de investigação através da pesquisa bibliográfica (fontes secundárias). Como forma de compreender o tema da Psicologia Ambiental e seus aspectos, foram levantadas publicações e realizados fichamentos como instrumento da leitura analítica que “tem como finalidade ordenar e resumir as informações contidas nas fontes” (Gil, 2008, p. 75) sob uma revisão teórica, cujo objetivo é focar na teoria existente associada ao problema investigado (Creswell, 2007), sendo fundamental para assimilar os principais conceitos e entender como trabalhar em cima deles de modo a tornar possível a realização do estudo.

Além disso, coletou-se informações através de dissertações acadêmicas acerca da feira para entender sobre seu alcance social, econômico e cultural, principalmente no que se refere a descrição da sua localidade e importância desse tipo de mercado informal para a cidade, como sendo parte da identidade e do cotidiano da comunidade.

Em seguida, a pesquisa documental (fontes primárias) foi necessária para conhecer o projeto arquitetônico e as peculiaridades da Feira da Cidade. A princípio, por ser um equipamento público, a expectativa era de encontrar informações nos *sites* de domínio dos órgãos públicos, no entanto, deparou-se com a escassez dessas fontes, estando disponível somente algumas notícias de cunho político e de reforma do local. Em vista disso, foi através do memorial descritivo e artigos disponibilizados no *site* do escritório responsável pelo projeto da feira que foi possível conhecer previamente sobre seu surgimento, processo de construção, organização do espaço e das pessoas, produtos ofertados, além do acesso a fotografias e plantas esquemáticas do projeto.

Esse primeiro contato com os elementos que envolvem o tema central foi essencial para delinear as estratégias de coleta de dados e interpretação das informações, permitindo uma integração consistente entre os conceitos estudados e a realidade observada.

4.2 Observação assistemática

Buscando seguir os princípios da abordagem qualitativa no que diz respeito ao envolvimento direto do pesquisador no ambiente natural da pesquisa, optou-se, primeiramente, pela observação assistemática. Apesar de a pesquisadora já possuir contato direto no ambiente, devido relações familiares, esse tipo de observação é possível devido ser caracterizado pela distância mantida do pesquisador em relação ao grupo que está sendo estudado e não interferência nas atividades dele, conferindo uma observação espontânea que acompanha os acontecimentos naturais do ambiente (Gil, 2007).

Nessa etapa da pesquisa, foi realizada uma visita exploratória na Feira da Cidade, observando aspectos gerais do ambiente e o movimento dos feirantes dentro dele, essa técnica foi baseada na amostragem *ad libitum*, a qual Gil (2007, p. 106) define, a partir da visão de Martin e Bateson (1986), como um procedimento onde “o observador anota o que é visível e potencialmente relevante”. Assim, o registro da observação assistemática se deu por meio de fotografias, mediante autorização dos donos das bancas que foram necessárias registrar, e anotações que foram feitas imediatamente, sendo que, em situações em que não foi possível registrar no momento, recorreu-se a memória dos acontecimentos, para minimizar possíveis perdas de informações.

Antes de realizar a visita exploratória, os familiares feirantes da pesquisadora informaram que os horários de maior movimento são pelo período da manhã, sendo a tarde e à noite com fluxo leve ou moderado de clientes e feirantes, por isso foi preferível realizar a visita no período da manhã ao início da tarde. Assim, a visita ocorreu em dois dias, em 16 de maio (sexta-feira), no qual foi coletado a maioria das informações, e no dia 19 de maio (segunda-feira), que foi dedicado a verificar se algo havia passado despercebido. A visita iniciou-se pela realização de uma rota ao redor da feira, sem adentrar, para obter uma visão panorâmica. Na sequência, realizou-se percurso entre os setores, parando por um tempo em pontos estratégicos. Ao longo da observação foi necessário se comunicar com alguns feirantes para tirar dúvidas que foram surgindo, como a utilização de alguns artefatos, e para pedir permissão para fazer os registros.

Essa visita foi importante para, além de familiarizar-se com o ambiente, levantar informações iniciais e identificar que características receberiam uma análise mais aprofundada na etapa de aplicação do formulário e na observação sistemática, como os padrões de comportamento e aspectos do espaço físico. Essa etapa colaborou para a elaboração de uma planta baixa esquemática atualizada no que se refere à setorização. Além disso, foi fundamental para conhecer o perfil dos feirantes e para definir previamente quais perfis seriam selecionados como respondentes dos formulários e, conseqüentemente, ser a pessoa a ser observada no mapeamento comportamental centrado na pessoa. Desse modo, definiu-se que seriam entrevistados os donos legítimos dos boxes, visto que é comum que haja mais de uma pessoa em uma banca, atuando como ajudantes.

4.3 Formulário

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que nesse trabalho optou-se por utilizar o termo formulário em vez de questionário, pois questionário é descrito como “um instrumento

de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 201), diferentemente do formulário, que apresenta características semelhantes, porém, as perguntas são realizadas diretamente pelo pesquisador, que também registra as respostas durante a interação presencial com o participante (Marconi; Lakatos, 2003), e é este segundo procedimento que será adotado neste estudo.

A decisão de aplicar o formulário se deu, pois, como mencionado no capítulo de referencial teórico, há uma interrelação entre o ambiente-pessoa. Assim, se fez necessário analisar a influência, não apenas da perspectiva do espaço da feira sobre o feirante, mas também a percepção dos feirantes em relação ao ambiente da feira. Portanto, esse procedimento permite uma abordagem comparativa entre os dados obtidos a partir das observações dos comportamentos e a perspectiva dos feirantes sobre o local de trabalho.

Dessa forma, adotou-se a Escala de Likert como método mais adequado para esse formulário, pois permite mensurar níveis de percepção e atitudes, facilitando a captura de opiniões subjetivas, além de ser mais prático de se aplicar em um ambiente como a feira, pelo seu formato compacto e objetivo, já que o formulário seria aplicado durante o horário de trabalho e o movimento intenso poderia dificultar esse processo. Além disso, o formato padronizado facilita a comparação entre os resultados e possibilita a transformação de dados qualitativos em quantitativos, resultando em uma soma dos valores de todos os itens.

Portanto, com o objetivo de registrar a percepção dos feirantes, foram elaboradas afirmações (itens) separadas em blocos de satisfação, produtividade e interação, com a possibilidade de cinco respostas: concordo totalmente, concordo, nem concordo nem discordo, discordo e discordo totalmente. Para facilitar a compreensão das respostas e tornar esse processo mais lúdico, optou-se por oferecer aos participantes um cartão-resposta com *emojis* que expressasse o sentimento de cada alternativa (Figura 13).

Figura 13 - Cartão-resposta de apoio ao formulário



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Utilizou-se também da estratégia de mesclar afirmações positivas e negativas, com o intuito de manter a atenção dos participantes ativa e evitar o efeito de resposta automática.

4.3.1 Critérios de exclusão e Seleção de Amostra

Como a finalidade era captar a percepção dos usuários sobre o ambiente da feira, optou-se por entrevistar aqueles que a utilizam com maior frequência, que geralmente são os próprios donos das bancas e boxes. Com isso, excluíram-se da amostra os funcionários cuja presença na feira é eventual ou inferior à metade da semana. Além disso, embora seja comum a presença de crianças e adolescentes auxiliando os familiares nas tarefas, essas faixas etárias também foram desconsideradas, pois o método adotado exige uma percepção mais apurada do espaço. Assim, os entrevistados se restringiram a adultos com até cerca de 60 anos, sem distinção de gênero, conforme disponibilidade no momento.

Nesse contexto, considerando que o objetivo da pesquisa é analisar de que maneira o ambiente da feira influencia o comportamento dos feirantes, definiu-se como universo da pesquisa todos os trabalhadores da Feira da Cidade, totalizando 245 feirantes. No entanto, esse número mostrou-se muito amplo para ser investigado, levando em consideração o método de aplicação do formulário presencial e o tempo limitado para a realização da pesquisa. Assim, com base no conhecimento prévio da população, adquirido por meio de vivências e da etapa de visita exploratória, optou-se pela amostragem intencional a qual consiste em “selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população” (Gil, 2007). Dessa forma, como a feira é organizada por setores, foi escolhido ao menos um representante de cada setor, totalizando 15 participantes ao todo (Quadro 2).

Quadro 2 - Quantidade de participantes por setor

Setor	Quantidade
Box Fechado	2
Hortifruti	2
Frutos do mar	1
Carnes	3
Importados	2
Farinha	1
Gastronomia	1
Ervas	1
Frutas	2
Total	15

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.3.2 Pré-teste do formulário

Foi realizada uma etapa de pré-teste do formulário a fim de verificar se o conteúdo estava adequado e inteligível para os participantes. Dessa forma, foram selecionados 3 (três) voluntários de níveis de escolaridade distintos, com o objetivo de avaliar se as sentenças estavam claras para todos os públicos. A estrutura foi composta basicamente por dois blocos, onde o primeiro se tratava dos dados pessoais, o que inclui nome, setor, dias de trabalho e horário de funcionamento. Esses primeiros dados, para além da identificação dos participantes, foram incluídos com o intuito de fazer uma pré-seleção daqueles que posteriormente seriam observados na etapa de mapeamento comportamental, isto é, para saber que dias e horários eles estariam na feira para serem mapeados, pois só seriam observados aqueles que tivessem participado da etapa do formulário para melhor análise de dados e resultados.

Já o segundo bloco se tratava dos itens registrados com base na Escala de Likert, composto por 24 afirmações. A princípio foi explicado como o teste funcionaria, as afirmações seriam lidas em voz alta e os voluntários teriam que responder apenas uma das cinco opções de respostas, para tanto, foi entregue o cartão-resposta com as alternativas e *emojis* representando cada uma, para tornar mais lúdico, facilitar e agilizar na hora de pensar sobre as opções.

Após o formulário de teste ter sido aplicado, alguns tópicos tiveram que ser ajustados para o melhor entendimento de todos. No geral, os três voluntários conseguiram responder praticamente sem complicações, mas uma delas apresentou mais dificuldades para entender alguns itens, precisando de algumas adequações (Quadro 3). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o formulário utilizado nessa etapa encontram-se no Apêndice A e B, respectivamente.

Quadro 3 - Ajustes do formulário pré-teste

Itens pré-ajustes	Itens pós-ajustes
A configuração do espaço de trabalho da minha banca atende às minhas necessidades.	A forma que o espaço da minha banca foi feito atende às minhas necessidades de trabalho.
Consigo adaptar meu espaço de trabalho de acordo com minhas necessidades.	Consigo facilmente ajustar meu espaço de trabalho
A iluminação natural da feira durante o dia é suficiente para realizar meu trabalho.	A luz do sol na feira durante o dia é suficiente para realizar meu trabalho.
A altura das bancadas e balcão atrapalham meu desempenho ao longo do dia.	A altura das bancadas/balcão dificulta meu trabalho.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.4 Observação sistemática

Com as informações obtidas na observação assistemática acerca dos tópicos mais pertinentes para a pesquisa, a observação sistemática possibilitou a descrição dos aspectos específicos que geram influência no comportamento dos feirantes no espaço da feira, já que nesse método “o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação” (Marconi; Lakatos, 2007, p. 193). Essa técnica exige que seja desenvolvido um plano de observação que compreenda os elementos que serão observados e como as informações serão organizadas e registradas.

Portanto, para essa etapa, foi escolhido como método o Mapeamento Comportamental (MC), ferramenta que consiste na “representação gráfica dos comportamentos das pessoas e de sua localização no espaço” (Ittelson et al., 1974 *apud* Elali; Pinheiro, 2013, p. 28). Essa estratégia possibilita identificar a ocupação dos diferentes setores de uma área ampla, detalhando o tipo de uso e as alterações a que está submetida, considerando as principais características observadas na primeira visita ao local (Elali; Pinheiro, 2013). O mapeamento do comportamento possui dois tipos de modalidade, a centrada no lugar e a centrada na pessoa, no entanto, como o foco da pesquisa é o comportamento da pessoa no ambiente, optou-se por fazer apenas o Mapeamento Comportamental Centrado na Pessoa (MCCPessoa). Para o levantamento dos dados foram utilizadas a planta baixa esquemática da Feira da Cidade e a ficha de observação estruturada (Apêndice C).

É importante enfatizar as literaturas que foram utilizadas para nortear a análise de dados nessa fase da pesquisa. Pinheiro, Elali e Fernandes (2008) auxiliam na elaboração e análise da ficha de observação e plantas esquemáticas e Aguiar (2010) traz técnicas que guiam na análise do mapeamento e conceituações que auxiliam na revisão do mapeamento. Portanto, antes de adentrar nas especificidades do MCCPessoa, é necessário compreender algumas ideias do segundo autor.

Aguiar (2010, p. 152) descreve que a planta é “um instrumento de simultaneidade; uma descrição de espaço-tempo e que, como tal, incorpora naturalmente uma descrição de movimento” e que ela estabelece dois tipos de ordem: a geométrica e a topológica. A ordem geométrica é a mais evidente por se tratar de tudo que abrange a geometria do desenho, como as linhas e os pontos. A ordem topológica, e a mais importante para a nossa compreensão, é a que define como os ambientes são utilizados ou apreendidos a partir de padrões de comportamento, ou seja, pelos percursos ou rotas geradas pela planta, sendo possível definir o nível de inteligibilidade do espaço arquitetônico (Aguiar, 2010). Logo, é com base na ordem topológica que serão identificadas a organização e disposição do espaço sócio físico e suas

adaptações a partir dos registros comportamentais, tanto nas fichas de observação quanto nas plantas esquemáticas.

Ainda, o autor apresenta três importantes itens que estão presentes na análise de qualquer planta arquitetônica e que auxiliam na compreensão de como o espaço pessoal e a territorialidade são postas em prática no ambiente, já que ambos são influenciados pelas configurações espaciais:

- Barreiras: todos os obstáculos existentes no espaço, como as paredes e os mobiliários;
- Passagens: onde permite-se o livre movimento, definidas a partir da posição das barreiras;
- Percursos: o movimento, a porção dinâmica do espaço delimitada pelas barreiras e passagens.

Em suma, os instrumentos de análise básicos são as fichas de observação e as plantas esquemáticas, onde ambas possuem suas respectivas variáveis de análise que se relacionam com as variáveis da Psicologia Ambiental, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 - Relação entre as abordagens metodológicas e da Psicologia Ambiental

INSTRUMENTOS DE ANÁLISE	VARIÁVEIS DE ANÁLISE	VARIÁVEIS DA PSICOLOGIA AMBIENTAL
FICHA DE OBSERVAÇÃO	- Ordem topológica;	- Espaço sócio físico; - <i>Affordance</i> . - Espaço pessoal - Territorialidade
PLANTA ESQUEMÁTICA	- Ordem topológica; - Barreiras, passagens e percursos;	- Espaço sócio físico; - Espaço pessoal - Territorialidade

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.4.1 Mapeamento Comportamental Centrado na Pessoa (MCCPessoa)

O Mapeamento Comportamental Centrado na Pessoa, de acordo com Pinheiro, Elali e Fernandes (2008), ocorre quando o indivíduo é o foco do estudo durante o tempo em que percorre e usa o ambiente. Sendo assim, foi definido para o MCCPessoa o registro a partir de ficha de observação estruturada, relacionando horários e atividades dos participantes selecionados. As informações adquiridas das fichas foram esquematizadas em planta baixa a partir de eixos e inflexões, método de identificação de percursos proposto por Aguiar (2010), onde os eixos são segmentos de retas que representam o movimento e as inflexões significam as mudanças de direção. Portanto, a combinação e repetição de eixos e inflexões resultam em uma malha de percursos. As pessoas mapeadas foram as mesmas que participaram do

formulário como forma de manter um processo contínuo e garantir que as análises tivessem consistência.

O mapeamento foi feito utilizando as duas ferramentas simultaneamente (ficha de observação e planta esquemática), anotando os comportamentos e atividades realizadas e traçando o percurso quando havia deslocamento. Além disso, durante as observações foram sendo feitos desenhos das bancas destacando suas principais características, já que só em planta baixa seria impossível indicar tudo e muitos elementos importantes passariam despercebidos.

4.5 Tratamento de dados

Para o formulário, os dados foram digitalizados, tabulados e quantificados no software Excel 2019. A tabulação foi feita na mesma estrutura do formulário: separada em blocos de satisfação, produtividade e interação, com isso, foi possível gerar três gráficos diferentes, cada um referente ao seu bloco. Além disso, as cores de acordo com as respostas foram utilizadas para reforçar a clareza visual das informações apresentadas.

Já os percursos das plantas esquemáticas, foram digitalizados no AutoCAD 2025 identificando o deslocamento de cada feirante através de cores diferentes, bem como demarcando áreas de concentração de barreiras (mobiliários, equipamentos, etc.). Para as fichas de observação não houve tratamento estatístico por se tratar de um levantamento de dados qualitativo, em vez disso, foram utilizadas as próprias anotações para a redação do texto, comparando e resumindo os padrões de comportamentos e atividades notadas.

Os desenhos feitos das bancas foram passados para o software SketchUp 2024 e foram adaptados para o estilo “pontos finais de marca-texto profissional”, pois o objetivo foi mostrar os desenhos de forma simples, mas ao mesmo tempo intuitivo. Por isso, após levantado o 3D, as imagens foram exportadas em PNG e importadas para a plataforma Canva na qual foram sendo colocadas setas explicando os principais elementos constituintes das bancas.

4.6 Elaboração de orientações para projetos futuros

A última etapa consistiu na sistematização de informações e orientações para a concepção de projetos futuros de feiras. Esse processo foi fundamentado a partir dos resultados obtidos nas etapas anteriores reunindo tanto os aspectos positivos quanto os pontos críticos identificados. A partir dessa análise, buscou-se propor soluções que contemplem não apenas melhorias no espaço físico, mas também estratégias que favoreçam a apropriação e o conforto dos usuários. Diante disso, foram desenvolvidas sugestões de modelos de bancas adaptados às diferentes necessidades observadas em cada setor, levando em consideração fatores como

funcionalidade, otimização do espaço e possibilidade de personalização. Para facilitar a compreensão das soluções sugeridas, foram apresentados layouts e perspectivas ilustrativas.

4.7 Síntese da relação metodologia x objetivos

Cada etapa da pesquisa possui um objetivo específico que pretende alcançar. A identificação do comportamento e as adaptações dos feirantes no espaço da feira foram possíveis através da observação assistemática, com a visita exploratória, e sistemática, com o mapeamento comportamental.

O registro da percepção dos feirantes quanto aos aspectos de satisfação, produtividade e interação foi realizado por meio da aplicação do formulário com o auxílio da técnica da Escala de Likert. Por fim, foi feita a sistematização das adaptações adotadas pelos feirantes de modo que sejam facilmente visualizadas, resultando na elaboração de sugestões para projetos futuros. O Quadro 5 mostra em detalhes a relação entre as etapas da pesquisa, objetivos específicos e técnicas aplicadas.

Quadro 5 - Etapas, Objetivos e Técnicas da pesquisa

ETAPAS DA PESQUISA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÉCNICAS APLICADAS
Pesquisa bibliográfica e documental		Levantamento de referencial teórico e de fontes primárias
Coleta de dados	Identificar o comportamento dos feirantes no espaço da feira	Observação assistemática e sistemática
	Registrar a percepção dos feirantes quanto aos aspectos de satisfação, produtividade e interação	Formulário e captura de imagens
Análise dos dados	Registrar o uso do espaço o relacionando com as necessidades e expectativas dos feirantes	Observação sistemática e desenhos esquemáticos
Elaboração de orientações para projetos futuros	Sistematizar informações de projeto como orientações no processo de concepção.	Desenhos esquemáticos (layout e perspectivas)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5 RESULTADOS

5.1 Resultado da visita exploratória

A pesquisa de campo iniciou com a observação assistemática a partir de uma visita exploratória à Feira da Cidade. As observações foram feitas em dois dias (sexta-feira e segunda-feira), pelo período da manhã até o início da tarde, sendo a maior parte das informações registradas no primeiro dia, e outra parte no segundo dia.

Nesse primeiro contato, o que se percebeu inicialmente foi que os feirantes não se limitam ao espaço físico delimitado pela banca para a realização do seu trabalho. Observou-se a presença de muitas caixas e outros elementos servindo de apoio para as mercadorias no entorno imediato dos pontos, o que diminui bastante a faixa de circulação livre nos corredores. A razão disto, segundo um dos feirantes, é que essa prática evita que, os produtos fiquem “amontoados” e “desorganizados” (Figura 14).

Figura 14 – Faixa de circulação livre reduzida por mercadorias



Fonte: Acervo da autora (2025).

Observou-se também a alta utilização de bicicletas por eles, as quais são apoiadas nas bancas ou nos pilares, enquanto o bicicletário, localizado apenas em uma extremidade da feira e longe das bancas, não é utilizado (Figura 15).

Figura 15 – Bicycletas estacionadas em pilares e bicicletário subutilizado



Fonte: Acervo da autora (2025).

Outro aspecto relevante observado é que a maioria dos peixeiros utilizam um mobiliário feito de madeira ou a própria bancada para cortar as carnes, com exceção de um, que utiliza uma tábua elevada. Ao ser questionado, ele relatou utilizá-la por apresentar dor na coluna em razão da altura baixa do balcão (Figura 16). Essa questão dos mobiliários auxiliares também foi observada em outros setores, por exemplo, em um boxe onde vende água de coco registrou-se uma vendedora cortando coco em 2 (dois) bancos de plástico empilhados. (Figura 17).

Figura 16 - Feirante cortando carne com o auxílio de uma tábua



Fonte: Acervo da autora (2025).

Figura 17 - Feirante cortando coco usando um banco como suporte



Fonte: Acervo da autora (2025).

Foi possível visualizar também a presença de muitos objetos empilhados em cima das coisas, como em cima da geladeira, nas próprias bancas, penduradas nos pilares que, além de serem usados como apoio para bicicleta e objetos pessoais, também são utilizados como expositor de mercadorias (Figura 18).

Figura 18 - Pilares como apoio para as mercadorias



Fonte: Acervo da autora (2025).

Além disso, algumas diferenças físicas entre as bancas foram marcantes, por exemplo, na Figura 19 a imagem 1 mostra o desnível do piso interno de um ponto de lanche e a imagem 2 é de uma banca de peixe com uma pequena rampa em sua entrada, sendo que em todas as outras de mesmo modelo possuem o tipo de configuração padrão de nível da imagem 3.

Figura 19 - Diferença de níveis entre os boxes abertos



Fonte: Acervo da autora (2025).

Ainda, em alguns boxes fechados, verificou-se a presença de pequenas placas feitas de alumínio e madeira alocados nas entradas (Figura 20), uma vendedora de lanches informou que o artefato serve como proteção para impedir a entrada de roedores nos estabelecimentos, um problema muito comum e relatado pelos usuários da feira.

Figura 20 - Placas de proteção nas entradas de alguns boxes fechados



Fonte: Acervo da autora (2025).

As áreas onde estão situados os pontos de venda de carnes (bovina, frango, peixe, etc) e frutos do mar utilizam muita água para fazer lavagem das mercadorias e da própria banca, o que torna o piso desses trechos bastante difícil de se andar pela formação de poças de água, exigindo vestimentas adequadas para o serviço, incluindo botas (Figura 21). Com isso, observou-se que na falta desse vestuário, um dos trabalhadores improvisou e colocou sacolas plásticas nos pés para proteger-se dos resíduos líquidos.

Figura 21 - Poças de água próximas às vendas de carnes e frutos do mar



Fonte: Acervo da autora (2025).

Além disso, observou-se também bastante a interação e relação entre os feirantes e o espaço. Os feirantes cujas bancas não são limitadas por alvenaria, como as de ervas, frutas, hortifruti e farinha permanecem nos seus espaços, seja ao lado ou na frente, com ou sem freguesia. Já aqueles próximos à área de convivência como, os peixeiros e vendedores de outras

carnes, permanecem em seus boxes apenas durante o atendimento ou enquanto organizam seus produtos; em momentos de pausa do trabalho, fazem questão de sair e acomodarem-se nos bancos de concreto para lanche, repousar e/ou interagir entre si. Foi registrado também um momento de revezamento, por ser comum mais de uma pessoa trabalhar em uma banca, uma pode ficar responsável pelo serviço enquanto a outra descansa durante um intervalo de tempo e vice-versa. Por outro lado, os feirantes dos boxes fechados permanecem dentro dos seus boxes a maior parte do tempo.

Quando chegou por volta das 12h, parte dos trabalhadores começaram a se organizar para fechar as bancas e deixar o espaço de trabalho, isto é, os setores cuja venda de produtos se dá majoritariamente pelo período da manhã, ou seja, antes do almoço, como o de carnes e hortifrutis. O fechamento se dá de algumas formas, os boxes fechados utilizam portas de rolar, algumas bancas utilizam estruturas metálicas que se fecham sem precisar de muito reforço e outras precisam de lonas e correntes para as manter seguras, empilhando os mobiliários conforme o espaço disponível (Figura 22).

Figura 22 - Banca fechada



Fonte: Acervo da autora (2025).

Os demais feirantes que não dependem exclusivamente desse período para vender suas mercadorias permanecem e estendem seus trabalhos até a tarde ou noite, como os do setor de gastronomia, importados, frutas, etc. Outra pequena parte também permanece na feira após o horário de pico, mas para socializar, eles utilizam a área de convivência para conversar,

consumir alimentos e jogar cartas, durante a tarde e as vezes passam a noite, conforme relatado por feirantes.

5.2 Resultado do formulário

Este capítulo apresenta os resultados obtidos por meio da aplicação do formulário, realizada no dia 06 de junho, no período das 10h às 13h. A proposta desta etapa foi compreender o ambiente da feira a partir da percepção dos próprios feirantes, considerando que a maneira como o espaço é experienciado pode influenciar diretamente o comportamento dos usuários e, com isso, complementar a etapa posterior (mapeamento comportamental), oferecendo uma compreensão mais completa sobre a relação entre o espaço e os aspectos de satisfação, produtividade e interação no ambiente da feira.

Foi percorrido todo o espaço da feira em busca de participantes que, além de estarem disponíveis para participar da pesquisa, estivessem localizados em pontos estratégicos, de forma que fosse possível captar diferentes percepções sobre o ambiente, considerando a diversidade de setores dentro da feira. Por isso, buscou-se distribuir ao máximo os entrevistados ao longo do espaço (Figura 23).

Figura 23 - Localização dos participantes do formulário

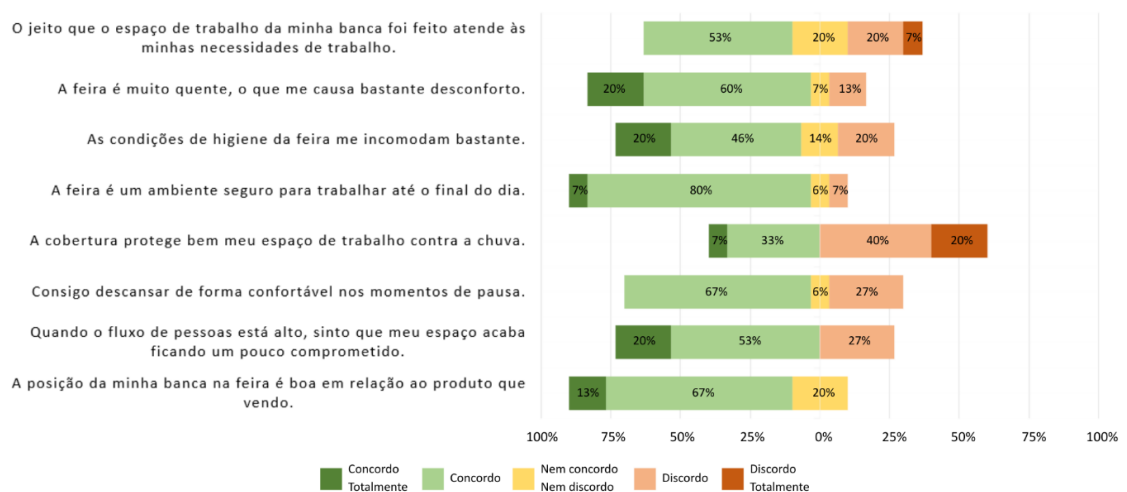


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.2.1 Satisfação

A análise do aspecto de satisfação está relacionada ao grau de contentamento dos feirantes quanto ao seu ambiente de trabalho, tanto em menor escala (seu próprio boxe ou banca) como em maior escala (a feira como um todo). As questões abordaram itens como organização, infraestrutura, conforto, segurança, limpeza e bem-estar geral durante a permanência no espaço, conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Percepção dos feirantes quanto aos aspectos de satisfação



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observa-se que a maioria dos entrevistados (53%) concordam que a configuração do seu espaço de trabalho atende às suas necessidades. Outros 27% apresentam grau de discordância com a afirmação, eles relatam que o motivo é o espaço pequeno ou reduzido. Os feirantes que apresentaram neutralidade disseram que concordam, mas “poderia ser melhor”. Ainda, uma das feirantes do setor de importados relatou que quando sua banca foi entregue as condições eram inadequadas, fazendo com que necessitasse melhorar a banca por conta própria.

Quanto à temperatura, 80% das pessoas manifestaram concordância em relação ao ambiente da feira ser muito quente, o que as causam desconforto. Os demais responderam com discordância ou neutralidade, mas justificaram que isso se deve ao uso de ventiladores em seus estandes, sem esse recurso, também considerariam o ambiente excessivamente quente. Além disso, a maioria (66%) relatou que as condições de higiene da feira é algo que os incomoda bastante, porém, outros, relatam que há um tempo atrás era pior e que hoje os funcionários da prefeitura estão constantemente higienizando o local.

Os feirantes também apresentaram alto nível de concordância (87%) quanto ao ambiente da feira ser um lugar seguro de trabalhar, alguns incidentes individuais fizeram com que 7% discordassem e outros 6% se mantivessem neutros. No entanto, a única afirmação positiva que

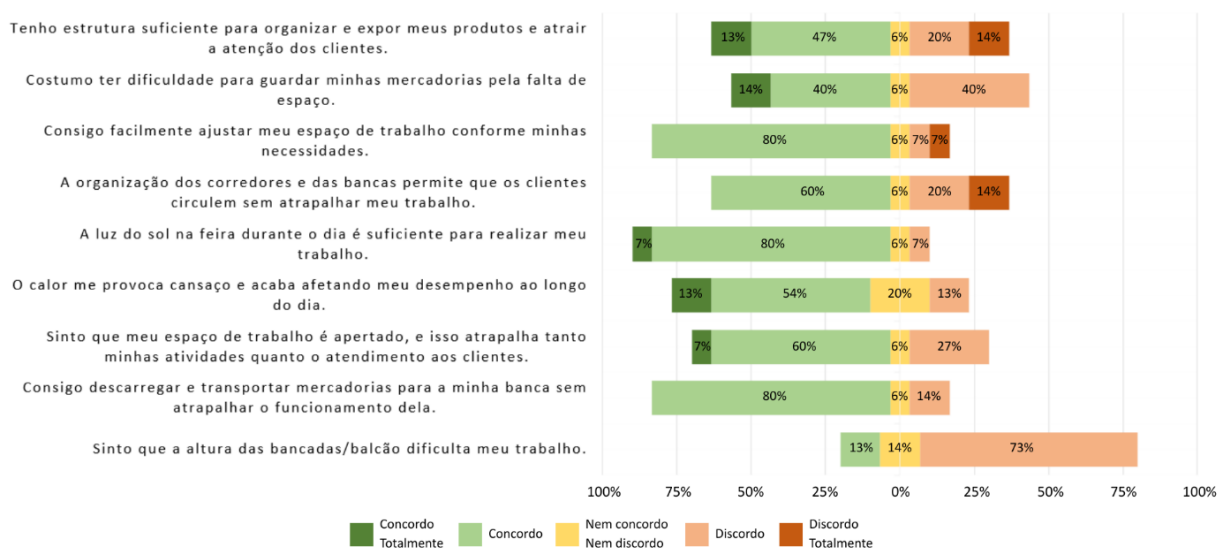
recebeu uma alta taxa de discordância, foi em relação à cobertura proteger o espaço de trabalho da chuva, ou seja, os feirantes expressaram alto descontentamento com a proteção da cobertura contra intempéries e relatam sofrer com muitas goteiras. Contudo, com a variação das respostas, percebeu-se que não é em toda a feira, alguns pontos não apresentam vazamento na estrutura, o que explica a percepção favorável dos demais. Além disso, todos que discordaram ficam localizados na parte interna da feira, isto é, o setor de box fechado não é atingido por esse problema pois a proteção principal é a cobertura de laje de concreto, com exceção de um entrevistado, que, apesar de seu ponto comercial ser um box fechado, as suas mercadorias ficam expostas e apoiadas nos pilares das extremidades da calçada, o que pode justificar sua resposta.

Quanto à percepção de comprometimento de espaço quando o fluxo de pessoas está alto, 73% dos entrevistados concordam em algum nível com a afirmação. Os feirantes de todos os setores fazem parte dessa estatística, com exceção do setor de farinha, cujo representante relatou discordar da afirmação. Por fim, observa-se que a maioria dos entrevistados apresentam nível de concordância alto quando o assunto é o posicionamento de seu estabelecimento. 67% concordam e outros 13% concordam totalmente que a posição de suas bancas é boa em relação ao produto que vendem. Alguns feirantes do setor de carnes, box fechado e frutas fazem parte dos 20% que nem concordam nem discordam com a afirmação. A localização de frente para uma rua não tão movimentada ou “escondida” entre tantas bancas no meio da feira, pode explicar essa porcentagem.

5.2.2 Produtividade

Este aspecto buscou avaliar como o ambiente da feira influencia o desempenho e rendimento dos feirantes em suas atividades diárias, levando em consideração a perspectiva de quem o utiliza diariamente. As questões abordaram itens como infraestrutura, organização, capacidade de armazenamento e personalização, iluminação e conforto térmico, conforme Gráfico 3.

Gráfico 3 - Percepção dos feirantes quanto aos aspectos de produtividade



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observa-se que 60% das pessoas concordam que a estrutura da sua banca é suficiente para organizar e expor os seus produtos e conseguem atrair a atenção dos clientes, 3% se mantêm neutros e outros 34% discordam. Em contrapartida, mais da metade dos entrevistados, afirmaram que possuem dificuldade para armazenar as mercadorias por falta de espaço. Ainda, a expressiva maioria (80%) considera ser fácil ajustar seu ambiente de trabalho de acordo com as necessidades, alguns feirantes do setor de importados, box fechado e frutas manifestaram percepção desfavorável quanto ao assunto.

A relação entre a organização dos corredores e das bancas e a circulação livre, foi algo expressivamente perceptível na primeira visita exploratória, e é algo percebido pelos feirantes também. Ainda que a maioria (60%) concorde que essa relação não compromete o seu trabalho, 34% afirmam o contrário. Essas pessoas que discordam estão situadas, principalmente, no setor de hortifruti, importados, frutos do mar e frutas, áreas que são tomadas por caixotes que avançam o limite das bancas e invadem os corredores, mas necessários para o suporte das mercadorias. Apesar dos feirantes dos boxes fechados possuírem uma estrutura bem delimitada, sem uma relação direta com os corredores, um representante também demonstrou descontentamento com a questão apresentada, mas isso, possivelmente, deve-se ao fato de que ele, e boa parte do setor, avançam seus produtos para os corredores principais.

A maioria significativa dos feirantes (87%) demonstra satisfação com a iluminação natural da feira, destacando que a luz solar contribui positivamente para a exposição dos produtos e para a realização das atividades relacionadas ao trabalho. No entanto, em algumas bancas localizadas na parte interna da feira, foi possível observar lâmpadas acesas, o que pode

indicar necessidade de reforço pontual na iluminação. Mesmo assim, apenas 7% declararam discordância quanto à suficiência da luz natural. Ainda dentro do cenário de conforto ambiental, 67% das pessoas percebem que a alta temperatura da feira provoca cansaço, o que afeta negativamente o seu desempenho no dia a dia, no entanto, 13% discordam dessa afirmação e outros 20% se mantêm neutros por conta da utilização dos ventiladores.

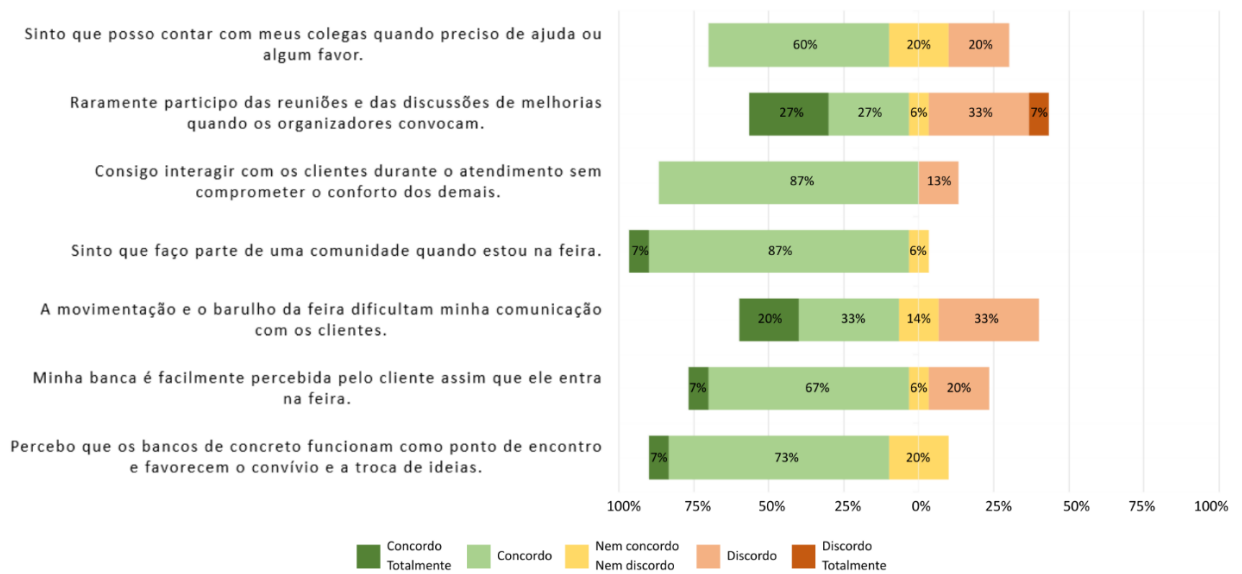
O tamanho das bancas e dos boxes também é uma questão relevante percebida pelos feirantes, 67% afirmam sentir que seu espaço de trabalho é apertado e isso gera impacto nas atividades e no atendimento aos clientes. Por outro lado, os demais 33% relataram sentir-se satisfeitos com o espaço disponível e isso pode estar relacionado ao tipo de mercadoria comercializada, ao layout adotado ou até à localização no interior da feira, fatores que contribuem para uma percepção mais positiva em relação ao espaço de trabalho.

Quanto à declaração “consigo descarregar e transportar mercadorias para a minha banca sem atrapalhar o funcionamento dela” 80% concordam, pois, segundo os feirantes, como boa parte deles chegam pelo início da manhã, o movimento da feira ainda é baixo, o que não interfere no funcionamento das atividades. Por fim, 73% das pessoas entrevistadas discordam que a altura das bancadas/balcão dificulta seus trabalhos, contudo, uma parcela menor discorda, o que sinaliza dificuldades pontuais, que pode relacionar-se com o tipo de produto comercializado.

5.2.3 Interação

A inserção deste bloco de afirmações teve como objetivo compreender de que forma o ambiente da feira influencia nas interações estabelecidas pelos feirantes durante suas atividades, considerando os aspectos físicos e ambientais e a dinâmica social do espaço. A escolha por inserir tópicos que vão além do espaço físico se deu porque a feira é, ao mesmo tempo, um espaço social, onde as trocas e relações entre as pessoas fazem parte da rotina, o que é também uma variável de análise dessa pesquisa. Por isso, as questões investigaram elementos como a disposição das bancas e conforto ambiental, além de possibilidade de diálogo com os clientes e a convivência entre os trabalhadores, conforme apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Percepção dos feirantes quanto aos aspectos de interação



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Quanto à percepção de colaboração e apoio mútuo entre os feirantes, 60% afirmam sentir que podem contar com seus colegas quando precisam de ajuda ou algum favor. Por outro lado, 20% apontam que essa colaboração depende da situação, e os demais 20% afirmam não perceber esse apoio no dia a dia, o que indica que essa experiência varia entre os feirantes. Quando se trata de reuniões e discussões de melhorias quando a administração da feira convoca, um pouco mais da metade (54%) concordam em algum grau, alguns deixaram claro o desinteresse e outros apontaram a baixa efetividade desses encontros, enquanto 40% afirmam participar sempre que possível. Portanto, apesar de apontarem muitos pontos negativos, de alguma forma os feirantes se reconhecem em um vínculo coletivo, o que é confirmado por eles quando 94% dos participantes concordam que se sentem parte de uma comunidade na feira e um deles complementa: “passo muito tempo aqui, é como uma família”.

Sobre a relação entre o conforto e a interação com a freguesia, embora tenham sido apontados nos blocos anteriores aspectos negativos quanto ao layout e à circulação, 87% declaram que conseguem interagir com os clientes durante o atendimento sem comprometer o conforto dos demais, enquanto outros 13% pelos motivos mencionados, discordam da afirmação. Em contrapartida, 53% dos entrevistados concordaram que a movimentação intensa e o elevado nível de ruído, principalmente por conta das caixas de som, dificultam a comunicação com os clientes. Essa percepção foi evidente também durante as entrevistas, nas quais, em diversos momentos, foi necessário elevar o tom de voz, chegando a gritar, para que a fala fosse compreendida, inclusive entre participantes que se mantiveram neutros ou discordaram da afirmação.

Em relação aos aspectos físicos, foi identificado que 74% concordam que sua banca é facilmente percebida pelo cliente assim que ele entra na feira. É interessante observar que os 20% que discordam estão localizados em posições consideradas favoráveis, ou seja, nas extremidades da feira, voltadas diretamente para a rua. Por fim, apesar de 80% dos feirantes reconhecerem que os bancos de concreto localizados na área de convivência funcionam como ponto de encontro e favorecem o convívio e a troca de ideias, a maioria deles não os utilizam, já que fica muito restrito àqueles situados próximos deles e a alguns clientes que resolvem repousar por breves momentos.

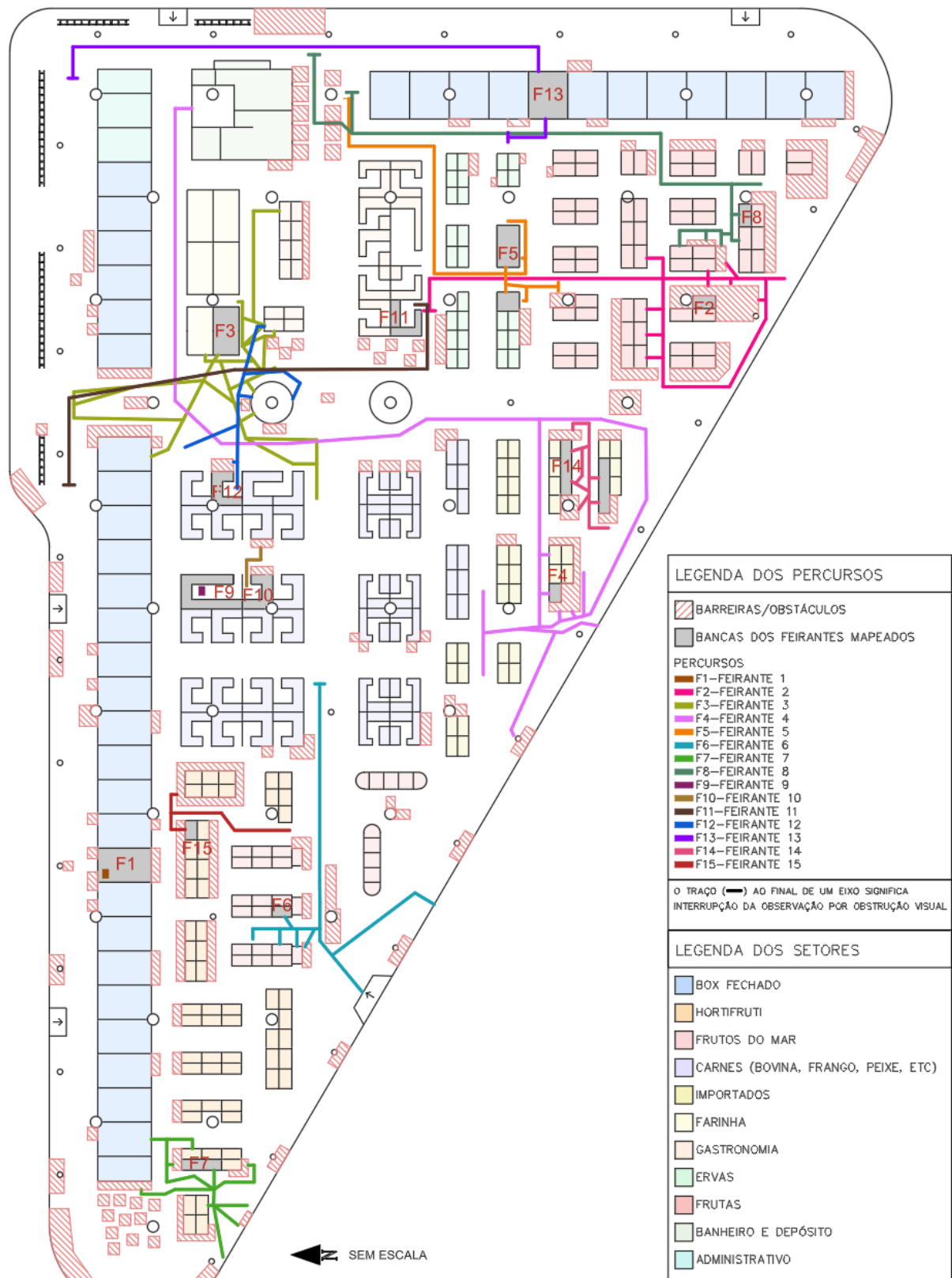
5.3 Resultado da observação sistemática com mapeamento comportamental

Deu-se continuidade na pesquisa de campo com o mapeamento comportamental realizado a partir de uma observação sistemática. Essa etapa durou 15 dias, sendo cada um dedicado a observação de um feirante, das 9h às 12h, horário observado como a de maior movimentação no espaço. Durante a observação, foi possível compreender as principais atividades exercidas pelos feirantes as quais são diretamente relacionadas ao seu setor ou produto comercializado, uma vez que, apesar da setorização demarcada, ocorre situações que um mesmo tipo de mercadoria é vendido em mais de um setor.

Seguindo a literatura de Douglas Aguiar (2010), procurou-se identificar as barreiras, o que resultou nas passagens (espaço de livre circulação) e, porventura, o percurso dos feirantes (Figura 24). As barreiras no contexto da feira, para além do que é construído (alvenaria e estrutural), se traduzem em mobiliários e equipamentos como, cadeiras, mesas, bancos, caixas de papelão, isopor, freezer, expositores, mercadorias e caixotes de madeira, os quais influenciam diretamente no comportamento do usuário no espaço. É válido ressaltar que essas barreiras não são fixas e que elas variam de posição e de quantidade, justamente por se tratar de objetos móveis, e o mapa esquemático das barreiras representam a predominância da disposição delas no espaço.

As principais atividades e comportamentos notados em comum entre os feirantes foram: interação com cliente (atendimento) e feirante (conversas/brincadeiras/troca de dinheiro), limpeza/higienização da sua banca e entorno, pausas curtas quando não há clientes, anotações em caderno, consumo de alimento nas pausas e durante o atendimento (maioria da vezes adquirido na própria feira) e utilização de um objeto para várias funções. No entanto, alguns comportamentos variam entre os feirantes, os quais são determinados pela estrutura da banca, bem como sua localização, e tipo de mercadoria, o que requer uma análise mais detalhada de cada feirante/setor mapeado.

Figura 24 - Mapa de percursos e barreiras dos feirantes observados

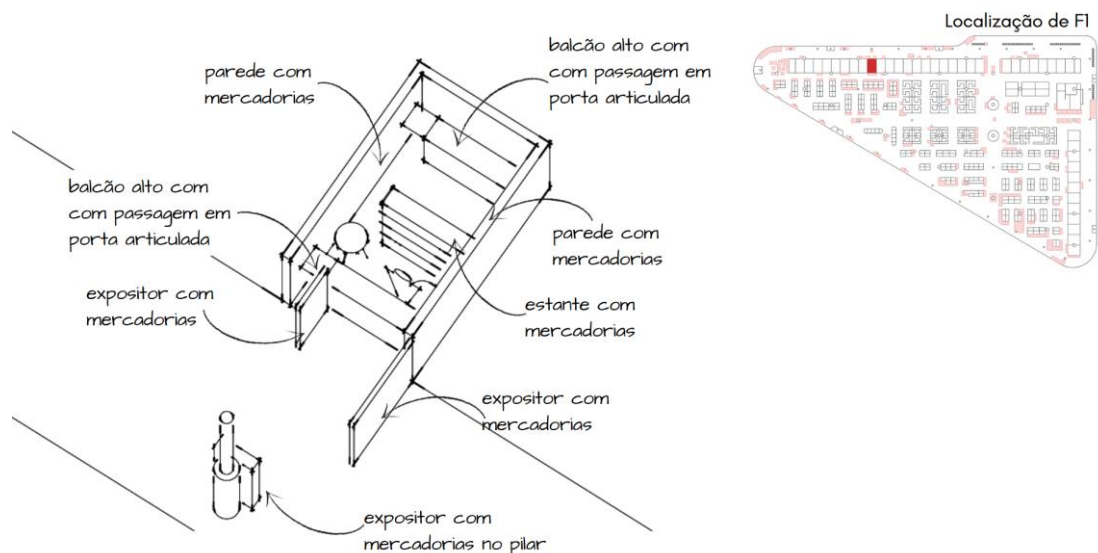


Fonte: Elaborado pela autora (2025),

5.3.1 Feirante(s) do setor de Boxe Fechado

Como se nota, a planta gerada a partir do mapeamento comportamental de F1 e F13 praticamente não tem traçados de percursos, já que em todo o período de observação desses feirantes eles se mantiveram dentro dos seus boxes, por isso aqui cabe uma análise mais restrita ao interior da sua loja. F1 é comerciante do ramo de material de construção e, com o espaço lotado de mercadorias, manteve-se quase que 100% do tempo sentado em um assento baixo atrás de uma bancada alta. Somando esse aspecto à presença de uma grande estante, observou-se a existência de uma barreira visual causada por esses mobiliários. Além disso, a bancada alta existe dos dois lados como delimitador do espaço, mas também como armazenamento na parte inferior, sendo todo espaço livre indispensável para acomodar o grande (Figura 25).

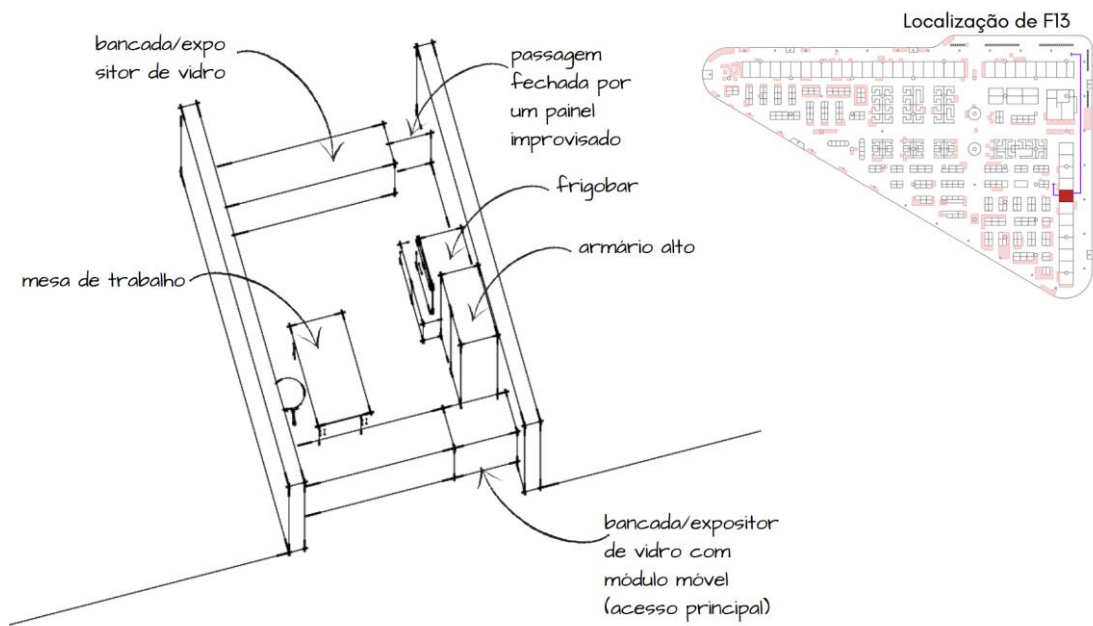
Figura 25 - Box do Feirante 01 (F1)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Já a F13 é feirante que trabalha com reparo de ventiladores, e, também, se manteve praticamente o tempo todo de observação sentada fazendo anotações, esporadicamente se levantava, mas logo voltava a se sentar novamente. Assim como F1, mantém diversos objetos e mobiliários em seu espaço, embora com menos barreiras visuais. A mesa e a cadeira ficam posicionadas ao lado de um expositor alto, porém de vidro, o que garante certa visibilidade. Esse expositor, voltado para a calçada de uma das ruas principais da feira, possui um módulo móvel que funciona como acesso “disfarçado”, enquanto, no lado oposto, há outra passagem, atualmente obstruída por uma placa ou estrutura similar, desempenhando o papel de “porta” (Figura 26).

Figura 26 - Box do Feirante 13 (F13)



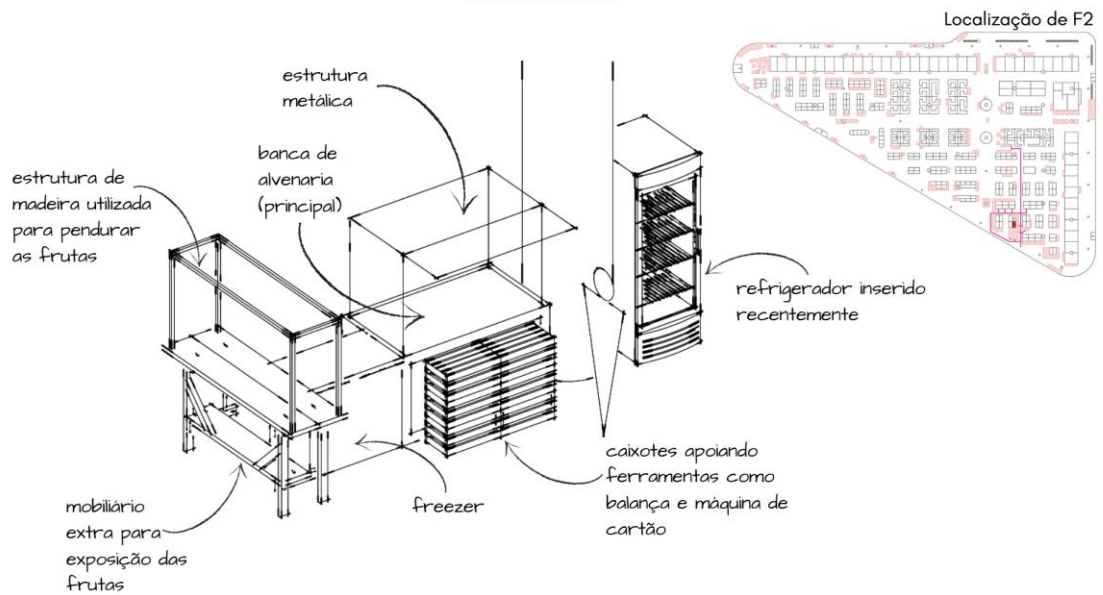
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3.2 Feirante(s) do setor de Frutas

F2 e F8 são feirantes que trabalham com a comercialização de frutas e ambos possuem comportamentos parecidos por causa das suas atividades semelhantes. Na observação de F2, percebeu-se que o espaço destinado à sua banca não é o suficiente para acomodar suas mercadorias, por isso ela expande sua área de trabalho para os arredores imediatos com o uso de caixotes e mesas, elementos considerados como “barreiras”, os quais acabam ocupando boa parte da área de circulação livre, uma situação recorrente em praticamente todo o setor de frutas. Além dos espaços destinados ao apoio dos produtos, também há mobiliários utilizados para acomodar objetos como cadernos de anotação, máquinas de cartão, entre outros, bem como superfícies para o corte das frutas e uma banca próxima também utilizada durante seu serviço.

Assim, o percurso de F2 é baseado na localização desses pontos de apoios, além de uma ligação com outras bancas próximas, compartilhando de utensílios e as usando como algum tipo de apoio para seu trabalho. Durante toda a observação, F2 manteve-se em constante movimento, permanecendo 100% do tempo em pé e circulando ao redor da sua banca enquanto realizava suas tarefas, com apenas uma pequena pausa, que durou por volta de 10 minutos (em pé). Ainda, uma intensa interação com a freguesia foi marcante, especialmente entre 10h e 11h, e com outros feirantes em diferentes momentos também (Figura 27).

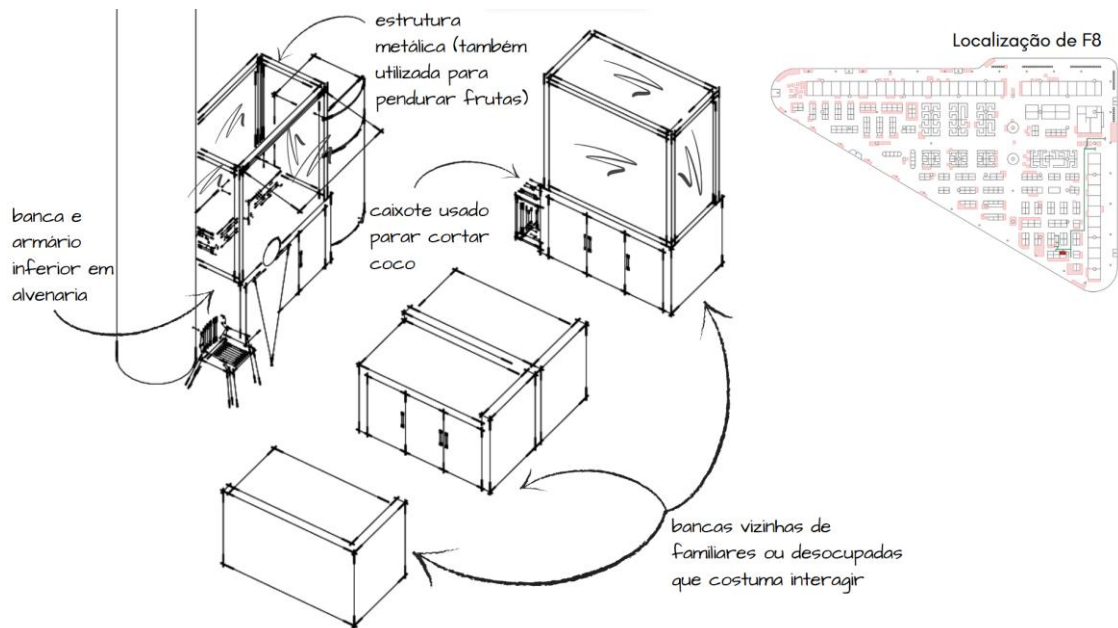
Figura 27 - Box do Feirante 02 (F2)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

F8, apesar de estar no mesmo setor e com atividades semelhantes de F2, a configuração espacial da sua banca e o que está disponível ao seu redor traz alguns comportamentos individuais, principalmente pelas bancas vizinhas serem de familiares próximos, o que faz com que, eventualmente, assuma a responsabilidade de cuidá-las na ausência de alguém (Figura 28). Por conta disso, a expansão da sua banca com mesas e caixotes é menor que a de F2 por poder partilhar das bancas dos seus vizinhos, ocupadas ou não. Outra particularidade é que F8 dispõe de um assento para o repouso, o qual utiliza com frequência enquanto interage com outros feirantes. Dessa forma, seu percurso é fortemente influenciado por essa rede de relações entre as bancas sob sua responsabilidade e, também, pela necessidade de lavar utensílios em um lavatório compartilhado, situado nas proximidades dos banheiros, deslocamento registrado em duas ocasiões durante a observação.

Figura 28 - Banca do Feirante 08 (F8)



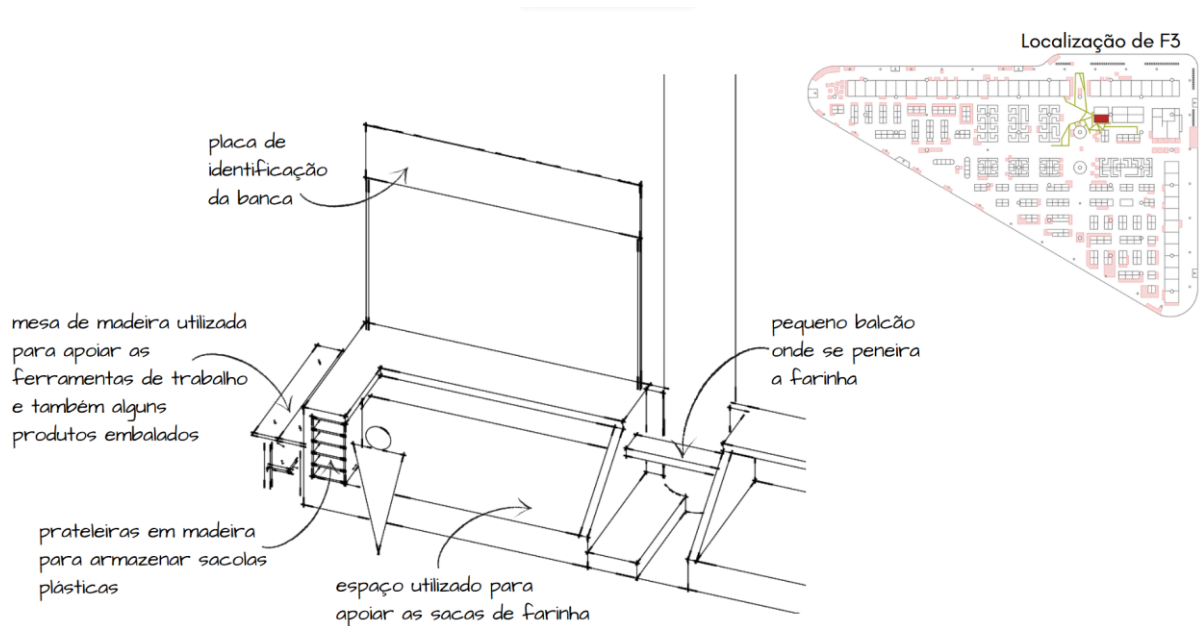
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3.3 Feirante(s) do setor de Farinha

O setor de farinha é o menor que existe, sendo formado por aproximadamente 4 feirantes. O feirante mapeado foi um dos que mais se movimentou durante o período de observação e se manteve em pé por diversas questões, mas, principalmente, pelo intenso atendimento ao cliente e interação com os feirantes próximos. Além disso, apesar da configuração espacial da sua banca permitir apenas a acomodação das sacas de farinha e um espaço para o peneiramento, é um dos que menos possui mobiliários extras para apoio de produtos, utilizando somente prateleiras embutidas na banca e uma mesa com gavetas para apoiar seus materiais de trabalho como a máquina de cartão, caderno de anotações, dinheiro físico e alguns produtos menores (Figura 29).

A localização de F3 contribui para a intensidade de sua movimentação, pois sua banca está situada em uma das áreas de maior circulação da feira, com intenso fluxo de pessoas, sejam clientes ou não, e fica imediatamente ao lado da área de convivência. Por isso, o percurso de F3 pode ser resumido como uma constante interação ao redor do banco de concreto, sua própria banca e outras bancas próximas.

Figura 29 - Banca do Feirante 03 (F3)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3.4 Feirante(s) do setor de Importados

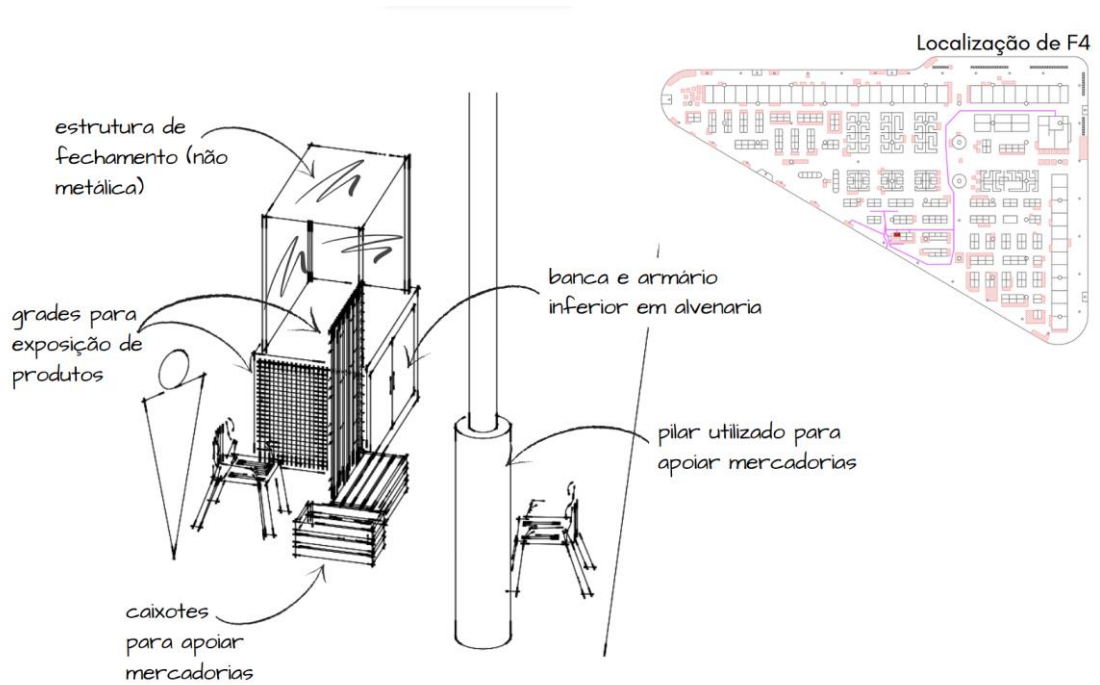
O setor de importados, assim como o de frutas, apresenta diversas barreiras físicas e visuais, como os caixotes, grades e até os próprios produtos, pendurados em pilares e estruturas metálicas suspensas. Apesar de pertencerem ao mesmo setor, F4 e F14 possuem configurações espaciais distintas em suas bancas.

A banca de F4 está situada em uma das extremidades da feira e possui dimensões aproximadas de 1,35 m x 0,86 m. Contudo, o feirante organiza seus produtos ao redor da banca, utilizando grades metálica, caixotes, o próprio piso e o pilar mais próximo como apoio. O espaço da banca funciona mais como um depósito para armazenamento de mercadorias e objetos pessoais do que como área de exposição para venda (Figura 30).

Apesar do espaço de F4 ser relativamente pequeno, ele foi um dos feirantes que mais se movimentou, percorrendo longas distâncias durante o período de observação, ainda que também tenha se sentado diversas vezes. Entre os principais comportamentos registrados, destacam-se o atendimento ao cliente e interações pontuais com outros feirantes e longos momentos em que permanecia em pé, observando a rua. Além disso, notou-se que ele se ausentava ocasionalmente e costumava se sentar em dois pontos específicos: um logo atrás da grade onde pendura as mercadorias e outro ao lado de um pilar, de costas para a rua. Outro comportamento comum entre alguns feirantes é o de deixar a banca sozinha por um instante

quando precisam se ausentar, sem grande preocupação. F4 segue essa prática, mas uma feirante vizinha fica disposta a atender cliente se vier a aparecer durante sua ausência.

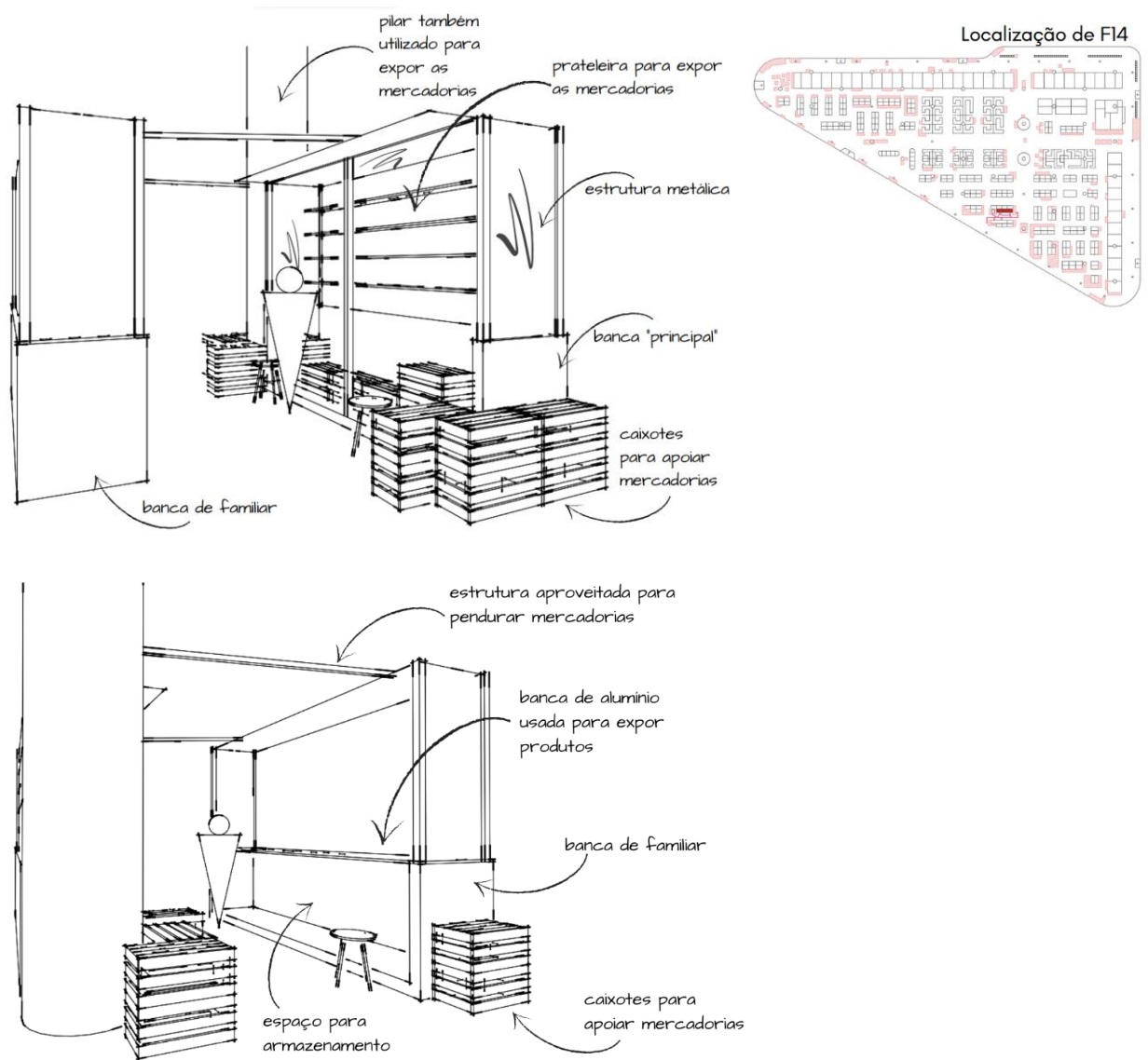
Figura 30 - Banca do Feirante 04 (F4)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

F14, assim como tantos outros, é um dos tipos de feirantes que trabalha próximo de outro familiar e acaba “dividindo” a banca e as responsabilidades sobre ela. Em virtude disso, é uma das bancas que passaram por reforma e acabaram se integrando e formando uma só. Diferente do feirante anterior, F14 utiliza todo o espaço interno e a estrutura metálica de suas bancas além de todos os espaços disponíveis aos arredores para acomodar seus produtos (Figura 31). A disposição das bancas de F14 (posicionadas frente a frente) cria uma espécie de hall, dando ao espaço um caráter quase exclusivo. Com isso, seus deslocamentos se concentram majoritariamente nesse ambiente, onde, além de atendimentos e interações, desempenha atividades como organização de mercadorias, pausas para descanso, geralmente sentado em um banco, e refeições.

Figura 31 – Banca(s) do Feirante 14 (F14)

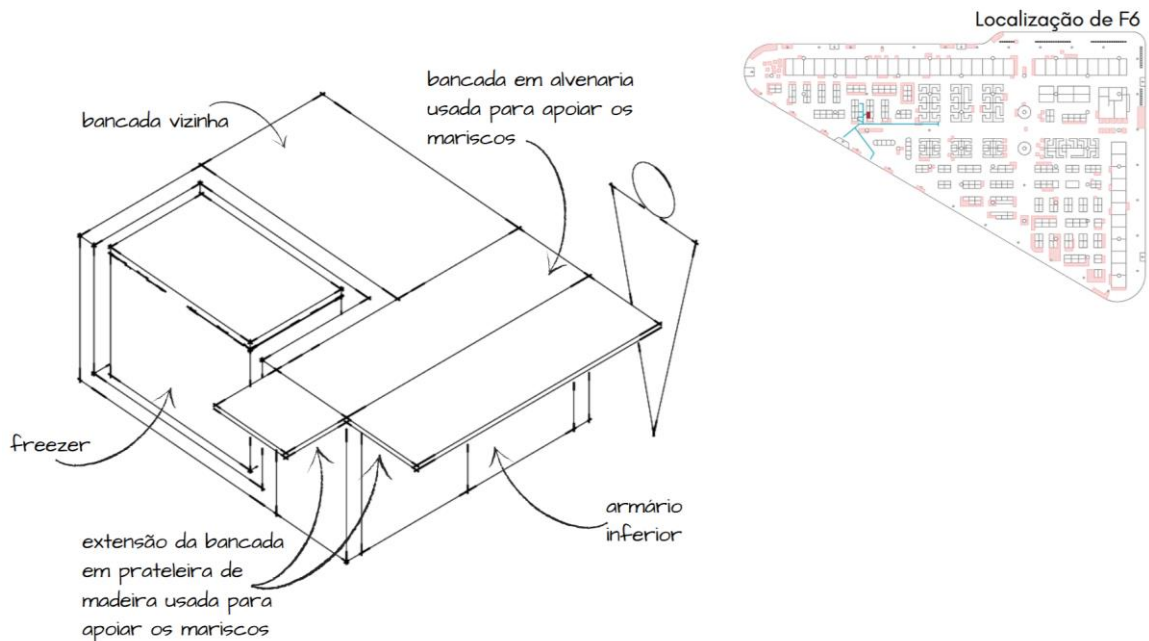


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3.5 Feirante(s) do setor de Ervas

Assim como outros feirantes, F5 também compartilha o espaço de trabalho com outra pessoa já que a banca ao lado é de um familiar, sendo uma dessas bancas o resultado da integração entre quatro menores. Então, enquanto um ponto é destinado à comercialização dos produtos, o outro funciona como apoio para utensílios e necessidades do dia a dia, pois inclui uma pia e um pequeno fogão portátil. Além disso, observou-se na banca de vendas o uso de um equipamento semelhante a um moedor de grãos, utilizado para preparar pacotes com pesos específicos (Figura 32).

Figura 33 – Banca do Feirante 06 (F6)



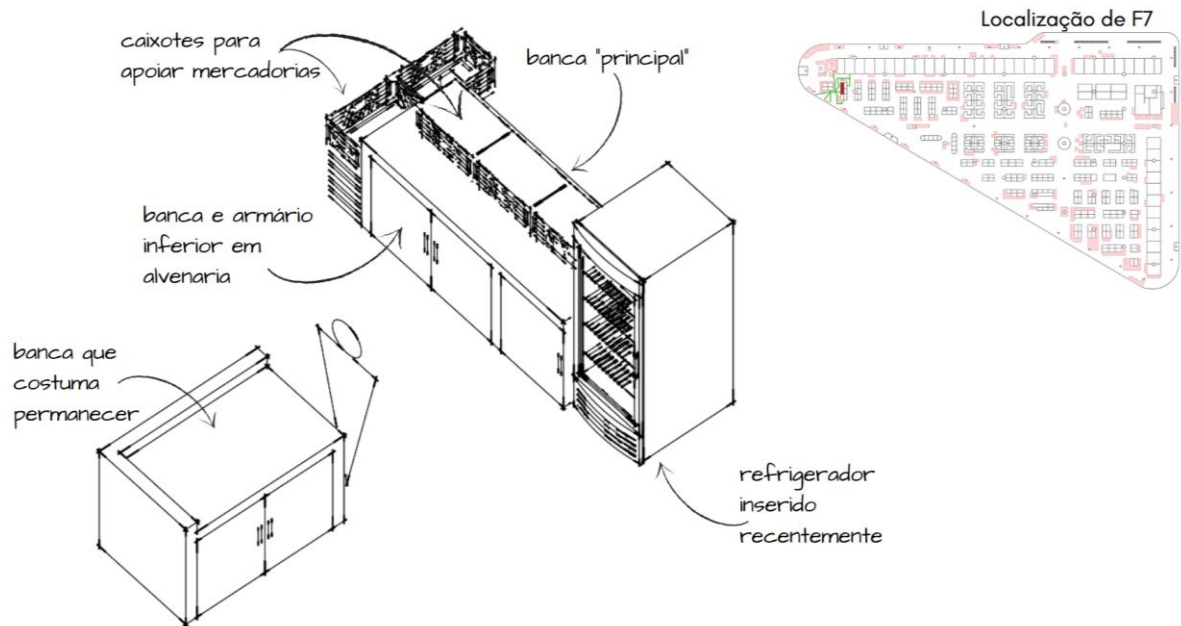
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3.7 Feirante(s) do setor de Hortifruti

F7 e F15 são feirantes do setor de Hortifruti, mas trabalham em contextos bastante diferentes. A banca de F7 está posicionada quase na extremidade da feira, medindo cerca de 1,40m x 0,75m, e, como é comum nesse setor, ela amplia o espaço com caixotes para apoiar as mercadorias. No entanto, apenas na metade do período de observação notou-se qual era realmente a sua banca, já que F7 passou praticamente todo o tempo encostada em outra, mas que parece já ter se tornado uma extensão natural do seu espaço, servindo de apoio para suas atividades, ponto de descanso e local de conversa com outros feirantes (Figura 34).

Assim, F7 se manteve durante o período de observação em pé e o seu percurso se concentrou em 3 pontos principais relacionados às suas atividades: extremidade da calçada (descarte de resíduos), banca de apoio (interação com feirante e repouso), banca principal (atendimento ao cliente e organização e manutenção dos produtos) e ponto de água para lavagem de utensílios.

Figura 34 - Banca do Feirante 07 (F7)

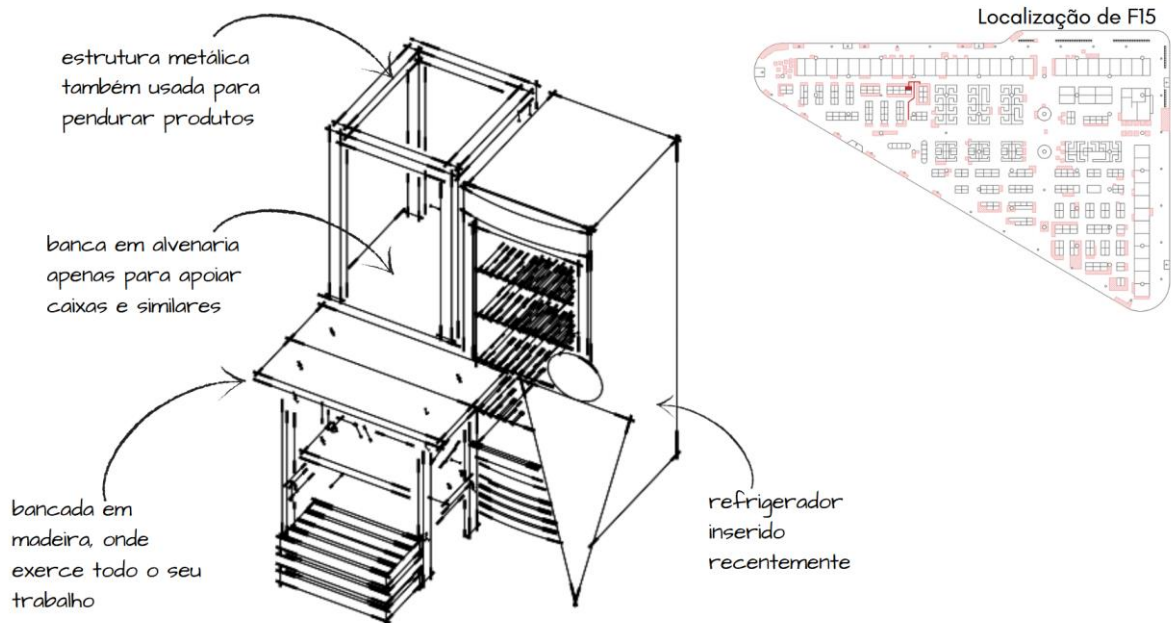


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

F15, por outro lado, foi a feirante que mais apresentou dificuldades em relação às barreiras e passagens. Sua banca está localizada em um corredor extremamente estreito, estrangulado por caixas e mobiliários. As bancas dessa área são pequenas e não comportam a quantidade de mercadorias expostas, o que leva F15 a praticamente não utilizar a estrutura de alvenaria para a venda (Figura 35). Em vez disso, ela apoia seus produtos em uma bancada de madeira e em parte da bancada de um box fechado logo à frente.

Com isso, seu percurso é bastante limitado, a qual passa a maior parte do tempo sentada em uma banqueta alta, de onde realiza praticamente todas as tarefas como atender os clientes, organizar os produtos, interagir com outros feirante e levanta-se apenas em momentos pontuais, como para limpar a banca e seus arredores.

Figura 35 - Banca do Feirante 15 (F15)

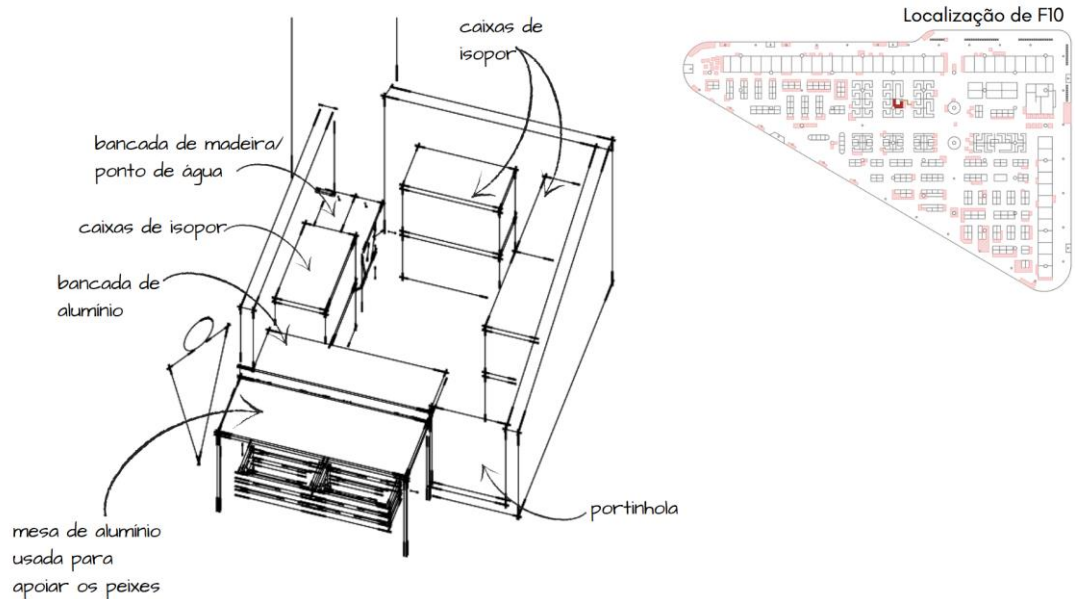


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3.8 Feirante(s) do setor de Carnes

O setor de carnes apresenta bancas bastante semelhantes entre si, embora cada uma conte com adaptações específicas para atender às necessidades de cada feirante. F10 e F12 são especializados na comercialização de peixe e F9 na comercialização de carne vermelha, os quais dispõem de estruturas parecidas, ambas equipadas com freezer, caixas térmicas de isopor, bancadas com ponto de água e recipientes diversos. No caso de F10, uma bancada metálica posicionada na parte externa é utilizada para expor as mercadorias, enquanto a área interna é destinada a atividades como corte e lavagem do peixe (Figura 36). Ele divide seu tempo entre o interior da banca, onde realiza serviços, interage ou permanece em repouso, e o espaço externo, com funções semelhantes. Dessa forma, seu percurso restringe-se praticamente a esse perímetro.

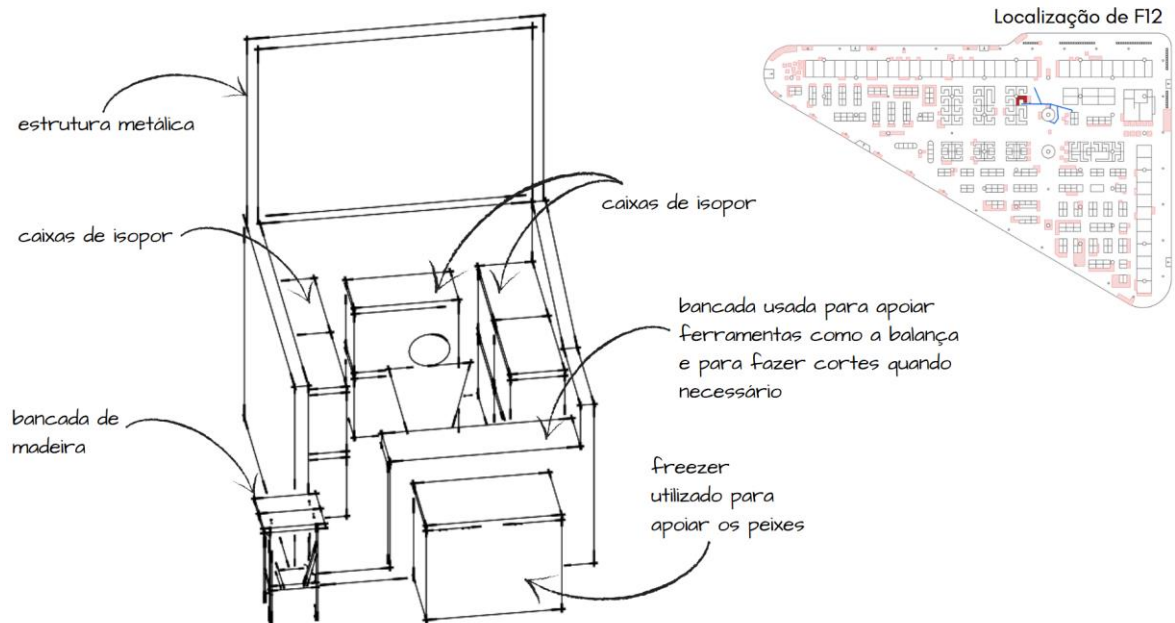
Figura 36 - Banca do Feirante 10 (F10)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

F12 dispõe de freezers tanto no interior quanto na parte externa da banca; o externo serve de apoio para a exposição dos peixes, enquanto a bancada de alvenaria interna é utilizada para acomodar instrumentos, como balança, entre outros, além de contar com uma bancada de madeira como suporte extra (Figura 37). Seu percurso é mais amplo que o de F10 devido à sua localização que, assim como F3 (setor de Farinha), está situada imediatamente ao lado da área de convivência. Por essa razão, F12 circula entre sua banca, bancas vizinhas e o banco de concreto, onde passa boa parte do tempo interagindo com outros feirantes.

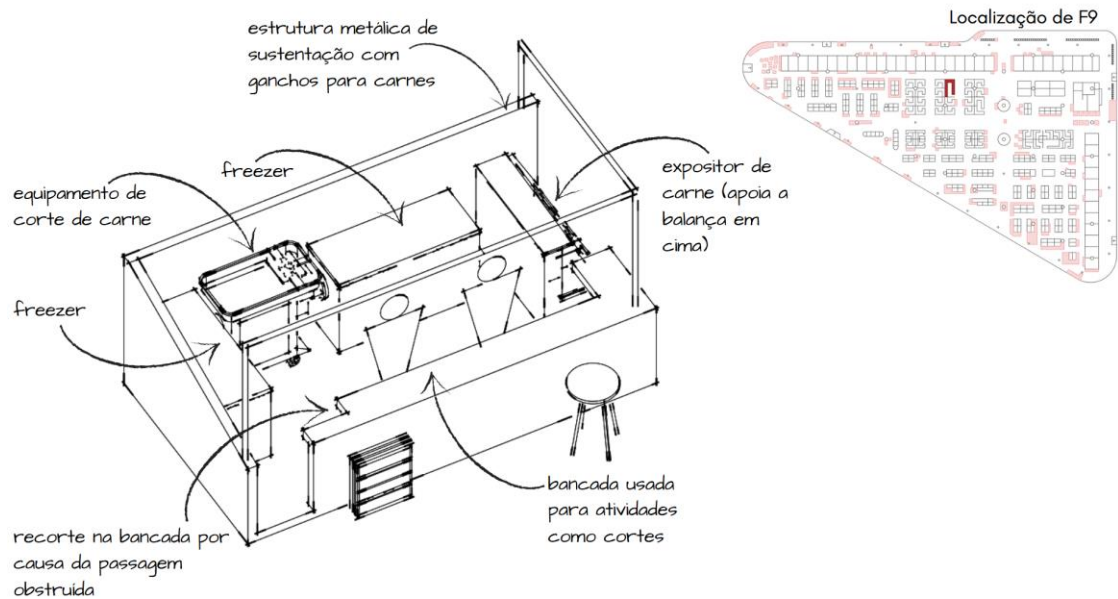
Figura 37 - Banca do Feirante 12 (F12)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Por outro lado, F9, que comercializa carne vermelha, diferentemente dos demais, permaneceu 100% do tempo dentro de sua banca, dedicada exclusivamente ao corte de carne. Ela divide o espaço com outra pessoa, espaço esse que é o resultado da fusão de duas bancas, o que garante um espaço maior. O ponto conta com expositor, bancadas de alvenaria, freezers e uma estrutura metálica para pendurar as peças (Figura 38). Durante a observação, F9 manteve-se cortando carne na bancada e pesando os cortes na balança posicionada sobre o expositor, intercalando essa rotina com breves atendimentos e rápidas interações. Seu deslocamento limitou-se ao interior da própria banca, onde os equipamentos atuam como barreiras. Mesmo após a ampliação da estrutura, o espaço permanece reduzido, evidenciado pelo recorte feito na bancada, possivelmente realizado para facilitar a passagem que havia ficado estreita devido à posição do freezer.

Figura 38 - Banca do Feirante 09 (F9)

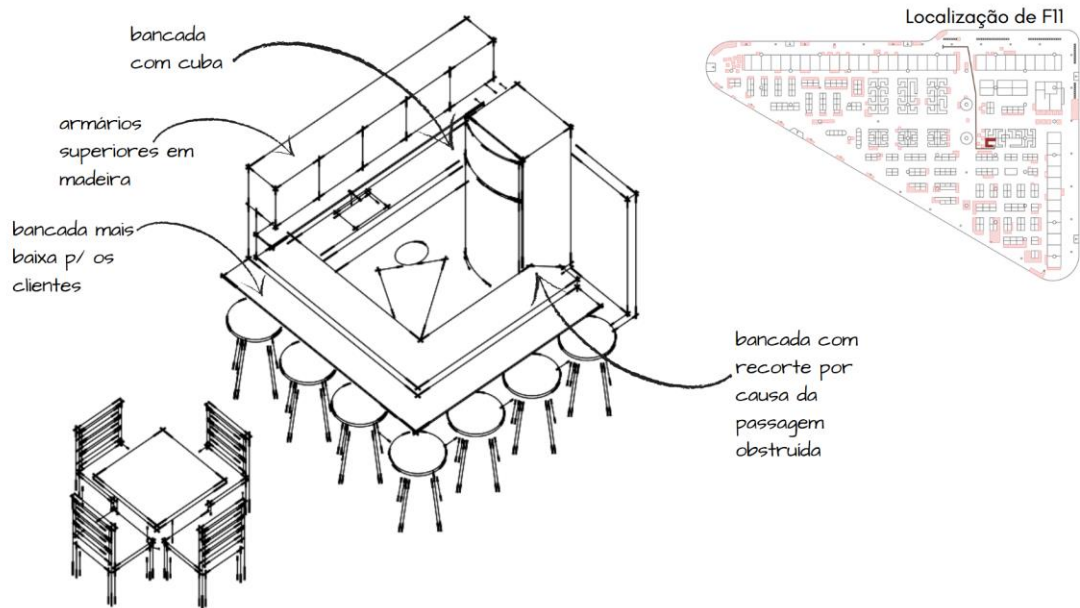


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3.9 Feirante(s) do setor de Gastronomia

Por fim, F11 ocupa uma banca de aproximadamente 2,50m x 2,30m, composta por uma bancada em granito e outra mais baixa com pia, armários superiores e uma geladeira, além de uma bancada somente para os clientes. Essa configuração reduz consideravelmente o espaço de circulação interna, tornando-o mais estreito. A maior parte do tempo, F11 permanece sentada em uma banqueta e interagindo com outras pessoas, levantando-se apenas para realizar compras externas ou para limpar os arredores. Na área livre em frente à banca, posiciona mesas e cadeiras para atender seus clientes e aproveita ao máximo cada superfície e elemento disponível como apoio, desde o topo dos armários até o espaço sob as bancadas, uma das quais apresenta um recorte provavelmente feito para facilitar a passagem estreitada pela geladeira (Figura 39).

Figura 39 - Banca do Feirante 11 (F11)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5.3.10 Anotações gerais da observação sistemática

Além dos padrões de comportamento relacionados às atividades dos feirantes, também foram identificados padrões na forma como se apropriam do espaço. Observa-se, por exemplo, a necessidade de limitar o acesso às suas bancas por meio de mobiliário ou estruturas em alvenaria, como ocorre nos boxes fechados, bem como a carência de superfícies além das originalmente concedidas nos demais setores. Essas situações resultam em um espaço marcado por adaptações e improvisos para acomodar o volume de mercadorias que precisam ser expostas — às vezes, inclusive, recorrendo à banca de um vizinho ausente ou que a compartilha por vontade própria. Tal situação é particularmente evidente em setores como o de frutas, frutos do mar e hortifruti, que demandam o uso de freezers para a conservação dos produtos; no entanto, o espaço disponível muitas vezes é insuficiente para dispor simultaneamente esses equipamentos e a exposição das mercadorias, levando à utilização de áreas originalmente destinadas à circulação livre.

Esse comportamento tende a ser minimizado quando os feirantes contam com familiares trabalhando nas proximidades, possibilitando o trabalho em conjunto, o compartilhamento das bancas ou até mesmo sua integração. Essa integração, aliás, foi um aspecto bastante evidente surgindo após a reforma realizada em meados de 2021-2024, conforme mencionado no capítulo sobre a feira, a qual descaracterizou em alguns aspectos o projeto original.

No que diz respeito à utilização do espaço, durante a observação no setor de frutas foi presenciado o seguinte diálogo:

Cliente: “Esse coco é de vocês também?”

Feirante: “Não, é deles aí.” (aponta para a banca a sua frente).

A partir disso, concluiu-se que a expansão das bancas por meio de apoios extras, como caixotes e mesas, pode influenciar na identificação da propriedade de cada banca, especialmente no setor de frutas, onde essa situação é mais evidente e as mercadorias ficam muito próximas umas das outras.

6 DISCUSSÃO

6.1 O Ambiente Sócio-Físico da Feira da Cidade

De acordo com Verdugo (2005), o ambiente sócio-físico é aquele em que constitui a realidade cultural e material, onde o estudo da relação entre o ambiente e o comportamento destaca de que maneira os estímulos físico-químicos e os contextos ambientais influenciam as percepções, as preferências, o conhecimento e as ações. A análise dos dados obtidos por meio do formulário, da visita exploratória e do mapeamento comportamental evidencia que o espaço sócio-físico da Feira da Cidade é vivenciado, percebido e internalizado como lugar de pertencimento, possibilitando às pessoas transformarem-no conforme suas necessidades. A feira, em seu sentido cultural, manifesta-se principalmente nas interações sociais que ali ocorrem, configurando-se como um espaço de encontro e convivência. Os feirantes não frequentam o local apenas para exercer seu ofício, mas também para conversar e trocar ideias. Nesse contexto, observam-se práticas de cooperação que se materializam de diferentes formas: a troca de dinheiro, o compartilhamento de bancas vizinhas como extensão das próprias atividades quando o espaço individual se mostra insuficiente ou ainda o auxílio no atendimento entre feirantes próximos em momentos de necessidade. Logo, essas evidências são confirmadas pelos dados extraídos do formulário, onde 94% dos feirantes afirmaram sentir-se parte de uma comunidade.

Quanto aos aspectos materiais, a feira, enquanto equipamento público que demanda uma identidade visual clara e coerente, apresenta desde sua origem uma linguagem relativamente homogênea. Mesmo pós-reforma, manteve-se essa lógica, apenas assumindo uma nova configuração visual, mas que preservou a organização das bancas e das circulações. Após a requalificação, essa homogeneidade ficou ainda mais clara através dos materiais e nas estruturas empregadas nas bancas e na setorização de acordo com o tipo de comércio. Ainda, Verdugo (2005, p. 77) afirma que a combinação de referências espaciais “produz a forma, o contraste e outros aspectos visualmente percebidos de objetos no ambiente”, essa perspectiva foi confirmada ao observar a feira, onde a presença de equipamentos e outros objetos diversos pode ser compreendida como parte da dimensão espacial e temporal revelando que eles foram inseridos em momentos distintos e em locais originalmente não planejados para recebê-los, gerando contrastes e novas formas no ambiente.

Nesse contexto, é possível dizer que o espaço é um organismo vivo, passível de mudanças conforme o uso de seus usuários, onde “ele [o espaço] muda e se move, e suas muitas formas proporcionam barreiras, desafios e oportunidades” (Werner *et al.*, 2002, p. 204 *apud* Corral-Verdugo, 2005, p. 78). Sendo assim, as estratégias de proteção contra as intempéries, a

setorização – que mesmo induzida por agentes externos, alguns feirantes acabam comercializando produtos os quais não fazem parte de tal setor –, e cada modificação realizada pelos feirantes em seus locais de trabalho evidenciam não apenas a flexibilidade do espaço, mas também a sua dimensão sócio-física, onde o ambiente é constantemente ressignificado para atender às necessidades práticas e culturais de quem o utiliza.

6.2 *Aforddances* encontrados

A partir da compreensão de que *affordances* é tudo aquilo que dispõem no espaço os quais levam as pessoas a adotarem ações adaptativas (Corral-Verdugo, 2005), foi possível observar vários exemplos ao longo da visita exploratória e do mapeamento comportamental. O principal e mais amplamente observado é a utilização de ferramentas e objetos que servem múltiplas funções como os caixotes/caixas que além de armazenar mercadorias, também servem como apoio extra para diversas atividades em todos os setores. Os pilares de ferro, além de uma estrutura que sustenta a cobertura, são usados para expor as mercadorias e como estacionamentos de bicicletas. Bem como a utilização de placas de compensado ou metal, servindo como porta, mas ao mesmo tempo como proteção para roedores não entrarem.

Também se observam adaptações voltadas para a ergonomia, como o uso de uma tábua elevada para o corte de carnes quando a bancada é considerada baixa pelo feirante; a utilização de calçados próprios para áreas molhadas ou, na ausência destes, a improvisação com sacolas plásticas nos pés; além dos recortes inclinados feitos nas bancadas, possibilitando uma passagem um pouco mais confortável em espaços congestionados por equipamentos e mobiliários.

Além das soluções temporárias, algumas intervenções no espaço assumem caráter permanente, indicando um processo de reconfiguração do layout original para atender novas demandas de uso. Um exemplo significativo é a demolição parcial de bancadas para permitir a instalação de equipamentos de conservação como refrigeradores e expositores. Essa alteração demonstra como exigências funcionais do espaço mudam e geram pressão sobre a estrutura física, que não foi inicialmente projetada para acomodar tais volumes.

Dessa forma, os *affordances* identificados demonstram como os feirantes encontram soluções para problemas ambientais, em sua maioria decorrentes da falta de espaço, para exercer suas atividades da melhor maneira possível. Ou seja, identificam e exploram as oportunidades de ação oferecidas pelo ambiente a seu favor, o que é corroborado pelos 80% que afirmaram conseguir adaptar seu espaço de trabalho conforme suas necessidades.

6.3 O Espaço Pessoal dos feirantes

O espaço pessoal em um ambiente como a feira, caracterizado por grande concentração de pessoas, é um tema complexo de se abordar, pois surge a questão de como preservar níveis confortáveis de privacidade em um local cuja essência está justamente na aglomeração e na intensa interação social. Mas a verdade é que, sabendo que a percepção de espaço pessoal muda conforme convenções culturais, sociais e os papéis dos indivíduos (Melo, 1991), a feira configura-se como um espaço onde esses limites são constantemente negociados. Os feirantes adaptam-se a uma convivência próxima, mas limitado de certa forma, seja por meio da organização das bancas ou uso de barreiras improvisadas.

Dessa forma, pode-se compreender por que 87% dos feirantes afirmam conseguir interagir com os clientes sem comprometer o conforto dos demais, evidenciando familiaridade e adaptação à dinâmica espacial característica desse ambiente.

Por outro lado, foram registrados alguns apontamentos na análise de dados do formulário que evidenciam incômodos que podem estar relacionados à restrição do espaço pessoal disponível. Em alguns setores, como hortifruti e frutas, pode-se deduzir que a redução da largura dos corredores limita o espaço pessoal e aumenta a sensação de confinamento, conforme relatado por 73% dos participantes que percebem comprometimento da circulação em momentos de maior fluxo. Portanto, apesar do costume e das adaptações à dinâmica espacial característica da feira, é possível admitir que ainda existem limitações que afetam o conforto e a privacidade dos feirantes.

6.4 Territorialidade na feira

A territorialidade é entendida como um padrão de comportamento voltado à apropriação e ao controle de um espaço físico. Nesse sentido, enquanto o espaço pessoal se revela mais complexo de ser analisado em um ambiente como a feira, a territorialidade manifesta-se de maneira bastante visível pela demarcação física por meio de boxes fechados e abertos, ilhas de venda de caranguejo e as bancas de feirantes.

No entanto, mais do que essas delimitações construídas, destacam-se as territorialidades definidas pelo uso, aquelas estabelecidas a partir da disposição de mobiliários e objetos ao redor das bancas, como caixas de mercadorias ou suportes para exposição de produtos. Porém, em alguns momentos, observou-se que essa apropriação do espaço pode gerar confusões para os clientes, que às vezes têm dificuldade em identificar a quem pertencem determinados produtos, como evidenciado pela pergunta: “Esse coco é de vocês também?”. Embora não se trate de um

problema significativo, tal ocorrência demonstra a forma como o espaço é utilizado pelos feirantes no dia a dia.

Além disso, a territorialidade também se manifesta por meio da formação de grupos no espaço, observada especialmente na organização por setores, onde feirantes de um mesmo segmento tendem a permanecer próximos. Essa característica se evidencia, de forma ainda mais clara, na área de convivência com os bancos de concreto, onde é possível perceber uma demarcação social marcante feita pelos feirantes das bancas adjacentes.

6.5 Orientações para projetos futuros

A interrelação e a transacionalidade, conceitos centrais da Psicologia Ambiental, revelam uma influência mútua na relação pessoa-ambiente, no qual ambos se modificam por causa do outro e que as estratégias observadas indicam que as ações dos feirantes estão diretamente relacionadas aos seus objetivos e papel social no contexto da feira. Levando em consideração que as análises das variáveis desse estudo (ambiente sócio-físico, *affordance*, espaço pessoal e territorialidade) corroboraram esse pensamento, o Quadro 6 busca sintetizar os principais aspectos observados relacionando cada uma delas.

Quadro 6 – Questões observadas relacionadas às variáveis da Psicologia Ambiental

VARIÁVEIS	QUESTÕES OBSERVADAS
Ambiente sócio-físico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Utilização de bancas vizinhas para extensão do seu negócio; ▪ Estratégias de proteção contra intempéries; ▪ Constantes demandas novas implicam em mudança significativa no espaço.
<i>Affordance</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Espaço insuficiente, levando a improvisações com móveis e objetos de apoios diversos; ▪ Necessidade de soluções ergonômicas; ▪ Alterações temporárias e permanentes na estrutura original.
Espaço pessoal	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Restrição de espaço nas circulações livre, gerando sensação de confinamento;
Territorialidade	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Demarcação por uso, com a disposição de mobiliários e objetos aos redores das bancas; ▪ Setores marcados pela ocupação de grupos sociais específicos, os quais se identificam entre si.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

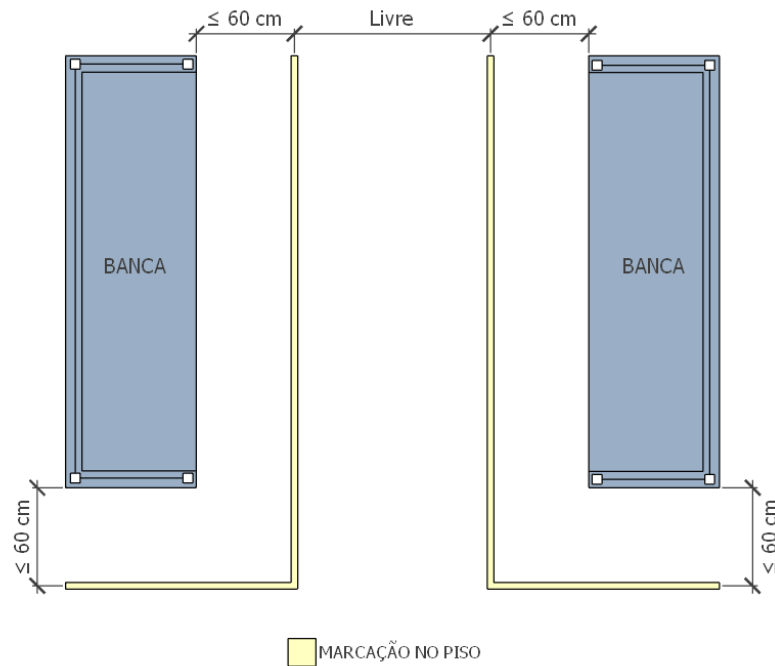
A partir dessas observações realizadas no objeto de estudo, foram elaborados modelos de bancas adequados para cada setor, considerando as adaptações já praticadas pelos feirantes. Contudo, os boxes fechados não foram incluídos, pois constituem um modelo que abrange diferentes tipos de comércio, sendo difícil propor uma solução única. Nesses casos, o problema não se refere tanto à dimensão física do espaço, mas sim a questões organizacionais relacionadas ao tipo e à quantidade de mercadorias. Assim, considera-se que as dificuldades observadas nos boxes fechados estão mais ligadas à gestão do espaço interno do que à sua configuração arquitetônica. Portanto, para projetos futuros, propõe-se que sejam previstas estratégias de organização que favoreçam a otimização do espaço e da circulação interna, a fim de atender ao máximo a todos os tipos de comércios.

Cabe ressaltar também que as proposições de layout das bancas não receberam cotas das dimensões, pois o objetivo é indicar a área mínima que um ponto comercial destinado a determinado tipo de produto deve possuir (delineada no Quadro 7), podendo ser configurado de diferentes maneiras conforme o espaço disponível, desde que respeitadas as orientações discutidas no texto.

De modo geral, as propostas seguem diretrizes que priorizam o uso de materiais e revestimentos que possuem uma vida útil longa, considerando que se trata de um espaço público. Nesse sentido, permanecer utilizando alvenaria, bancadas em granito e acessórios em alumínio (como portas e prateleiras) se mostra a alternativa mais adequada, em detrimento do uso da madeira, por exemplo, uma vez que esses materiais apresentam melhor desempenho e maior satisfação por parte dos usuários.

Outro ponto positivo observado em algumas bancas é a utilização de estruturas metálicas que servem tanto para o fechamento da banca quanto para o apoio dos produtos. Essa solução é especialmente importante em espaços pequenos, que precisam acomodar um grande número de pessoas, exigindo, portanto, mobiliários versáteis e funcionais. Além disso, ficou evidente que os feirantes tendem a ocupar áreas além do limite de sua própria banca, por isso, além de prever um espaço mínimo capaz de comportar os elementos necessários, é fundamental considerar também a circulação ao redor, que inevitavelmente será utilizada, seja por muito ou pouco tempo. Portanto, sugere-se prever marcações no piso que delimitem, no máximo, 60 cm ao redor da banca para posicionamento de objetos e mercadorias diversas, garantindo, também, a manutenção de uma faixa de circulação livre desobstruída que siga as normas de acessibilidade (Figura 40).

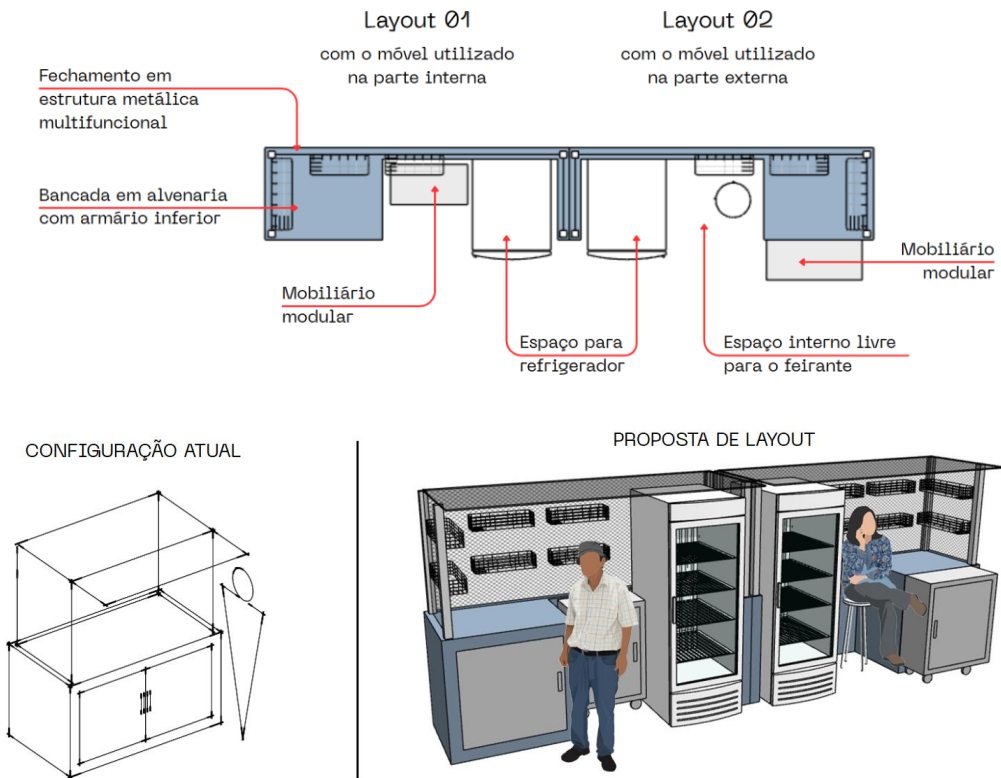
Figura 40 - Marcação no piso ao redor das bancas



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

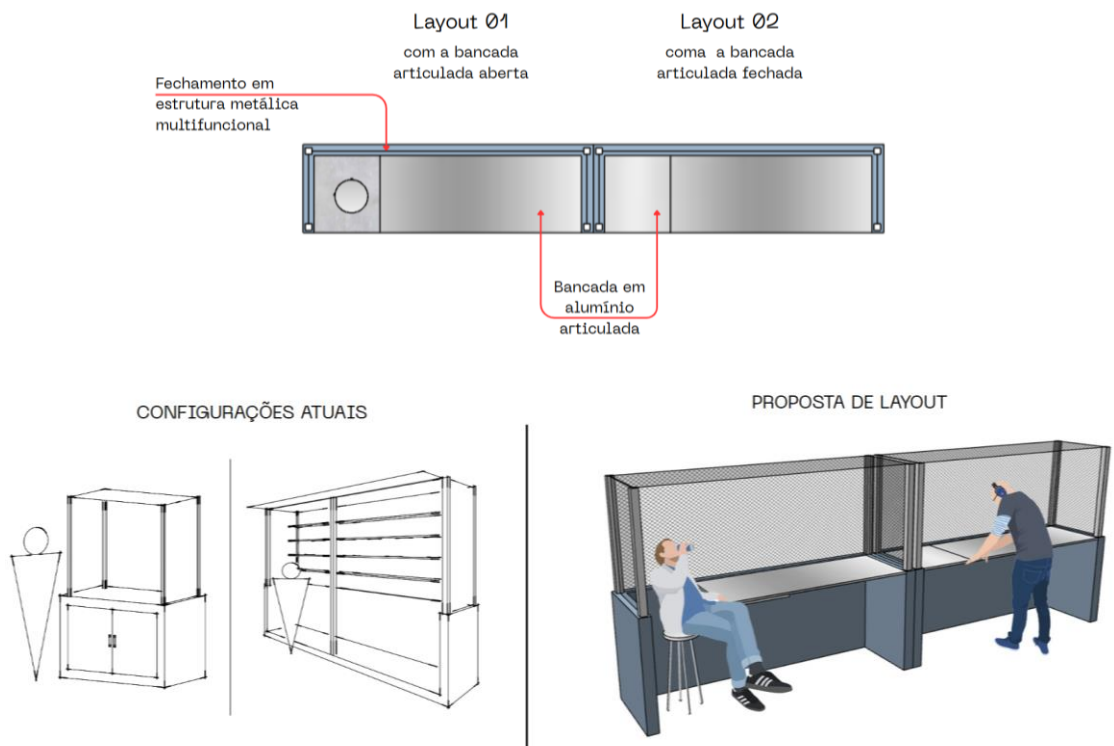
Em suma, a principal sugestão diz respeito ao dimensionamento mínimo e a otimização dos espaços, a partir do uso de estruturas e mobiliários versáteis e adaptáveis. No caso das bancas de hortifruti e frutas, propõe-se a utilização de um mobiliário modular que, além de funcionar como espaço de armazenamento, também atua como apoio para a exposição dos produtos, podendo ser reposicionado livremente no layout conforme a necessidade (Figura 41). Já para o setor de importados, tomando como referência as adaptações realizadas pelo feirante observado na etapa de mapeamento comportamental, sugere-se a reformulação da bancada, substituindo armários fixos por uma estrutura mais aberta e flexível, que permita maior personalização do espaço pelo usuário, considerando a diversidade dos produtos comercializados (Figura 42). Em ambos os casos, hortifruti, frutas e importados, destacou-se a relevância de reservar uma área interna da banca, de modo a mitigar os problemas relacionados ao espaço pessoal e ao mesmo tempo reduzir a interferência na área livre de circulação. Por essa razão, o mobiliário modular no hortifruti foi pensado para possibilitar tanto o reposicionamento livre quanto a liberação de espaço interno para acomodação do feirante, enquanto no setor de importados propõe-se o uso de uma bancada articulada, dobrável, que possa ser recolhida para dentro da banca sempre que necessário.

Figura 41 - Layout proposto para o setor de hortifruti e frutas



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

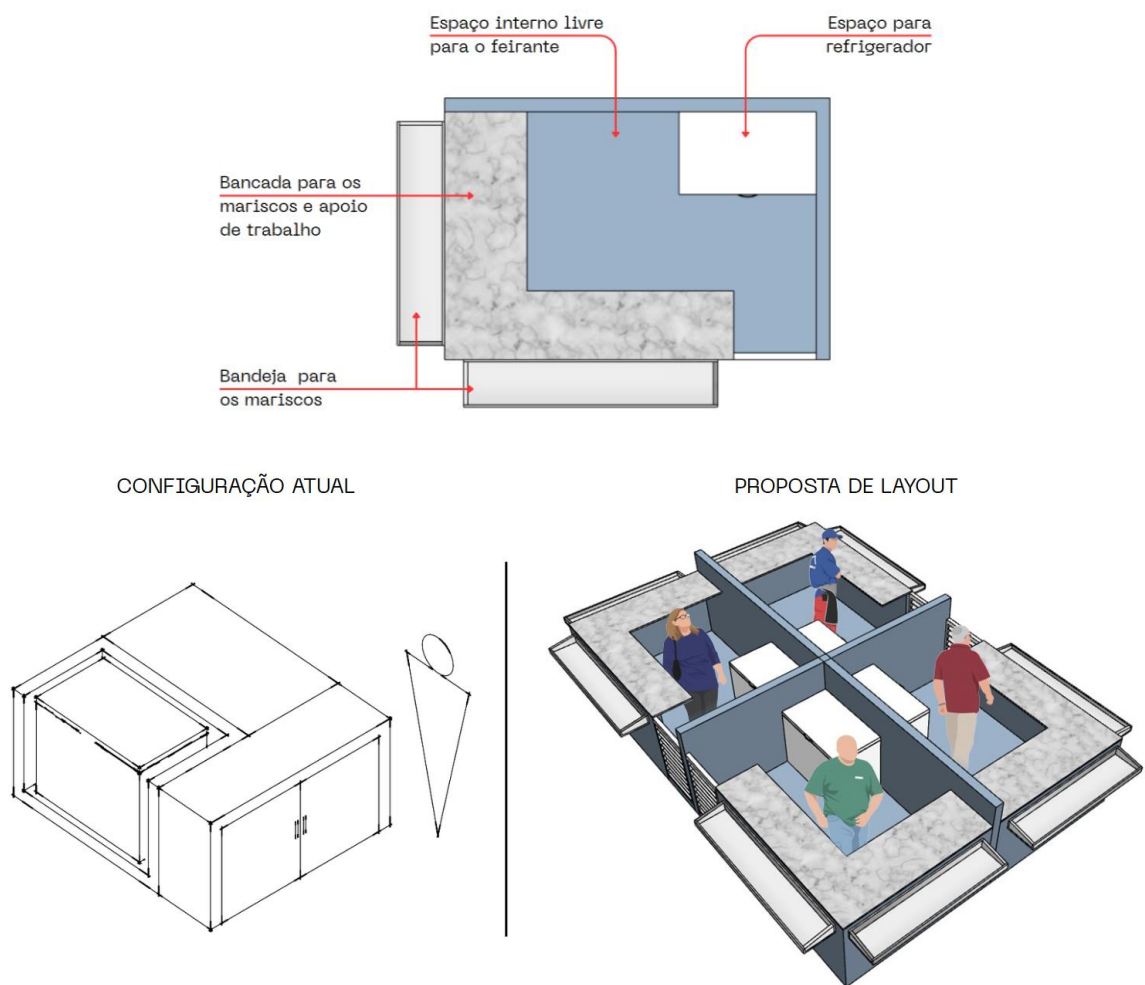
Figura 42 - Layout proposto para o setor de importados



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Da mesma forma, a recomendação de manter um espaço interno na banca para garantir o mínimo de espaço pessoal, também foi aplicada ao setor de frutos do mar. Assim, considerando a necessidade de reservar áreas para equipamentos de conservação, sem comprometer a área útil da bancada, a solução proposta foi a de uma estrutura com espaço interno em dimensões adequadas para acomodar tais equipamentos, que ao mesmo tempo possa servir como espaço de apoio e repouso para o feirante, dispondo ainda de uma bancada de apoio tanto para o trabalho como para as mercadorias, as quais também podem ser organizadas em bandejas acopladas na parte externa da banca (Figura 43).

Figura 43 - Layout proposto para o setor de frutos do mar

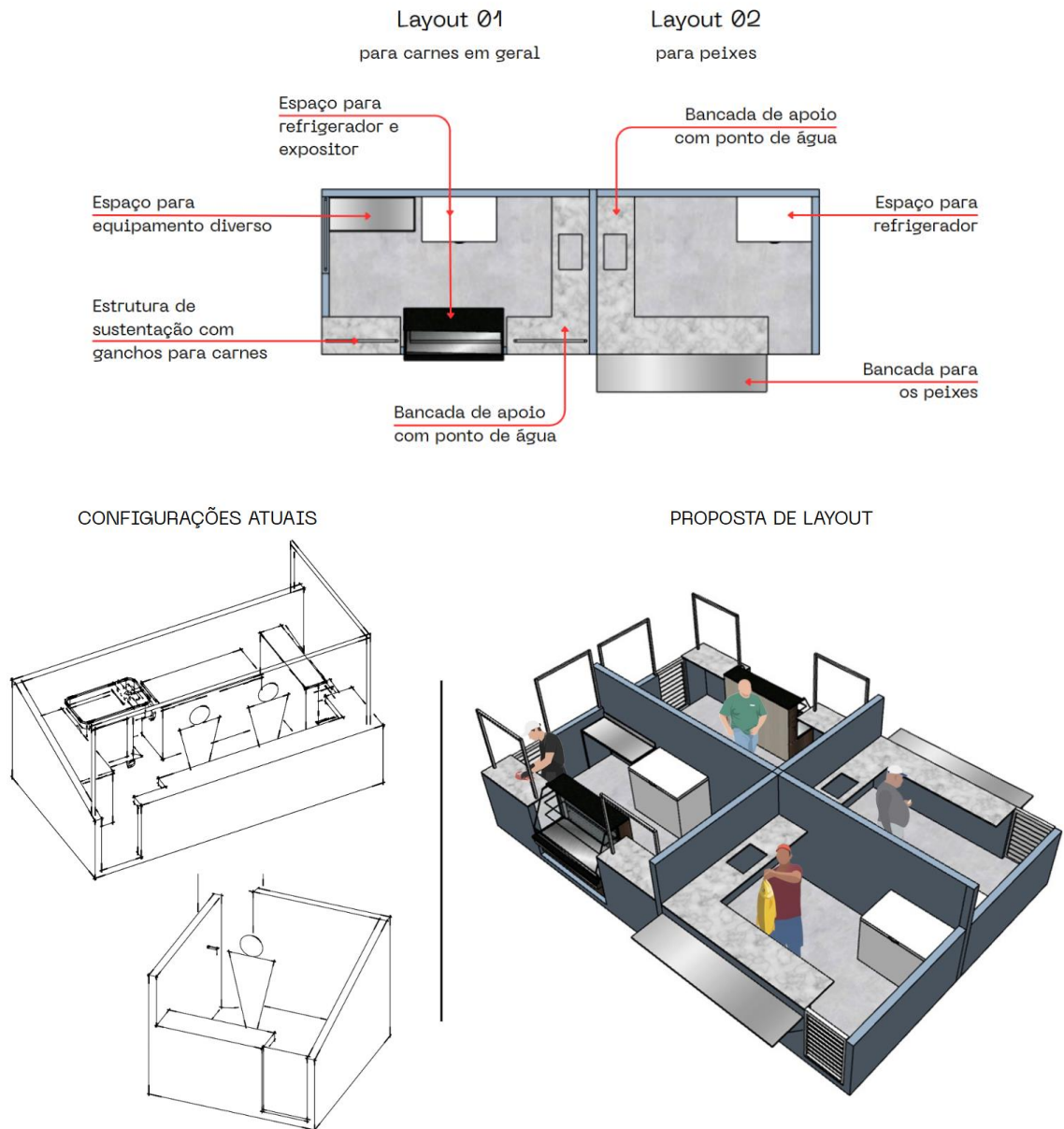


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No caso das bancas do setor de carnes, as adaptações são completamente voltadas para o aumento das dimensões de modo que seja possível acomodar os equipamentos e mobiliários necessários, como freezers, isopores, bancadas adequadas além de expositores e máquina de corte de carne. Especificamente para a banca destinada à comercialização de peixes, propõe-se o acoplamento de uma bancada de alumínio na parte externa, a fim de servir como apoio para

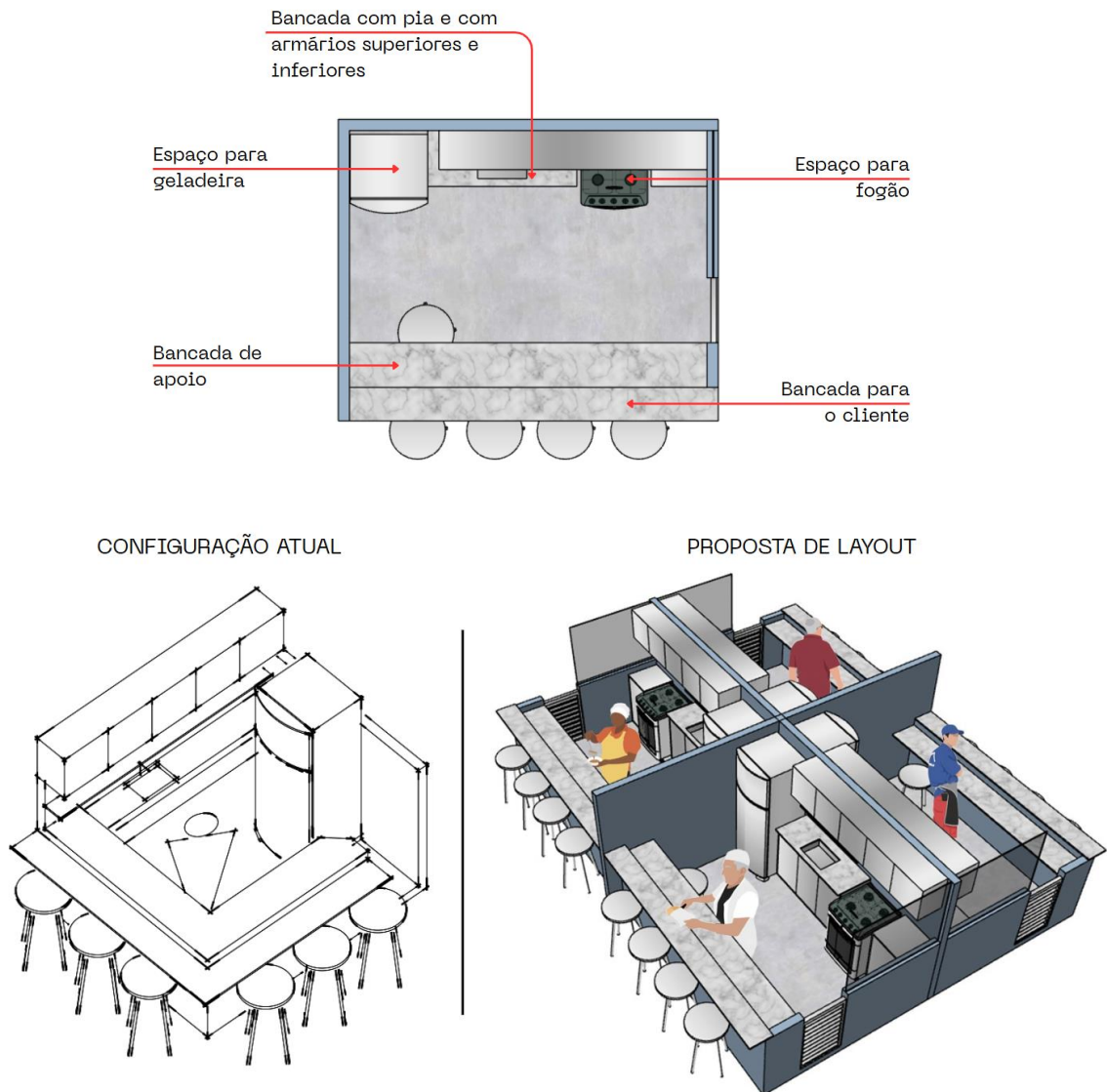
os produtos (Figura 44). Situação semelhante ocorre com a banca do setor de gastronomia, onde a solução está no redimensionamento, possibilitando a inclusão de geladeira, fogão, pia e bancadas adequadas, além de armários suficientes para atender às demandas do trabalho, garantindo um espaço confortável e ergonômico (Figura 45).

Figura 44 - Layout proposto para o setor de carnes



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

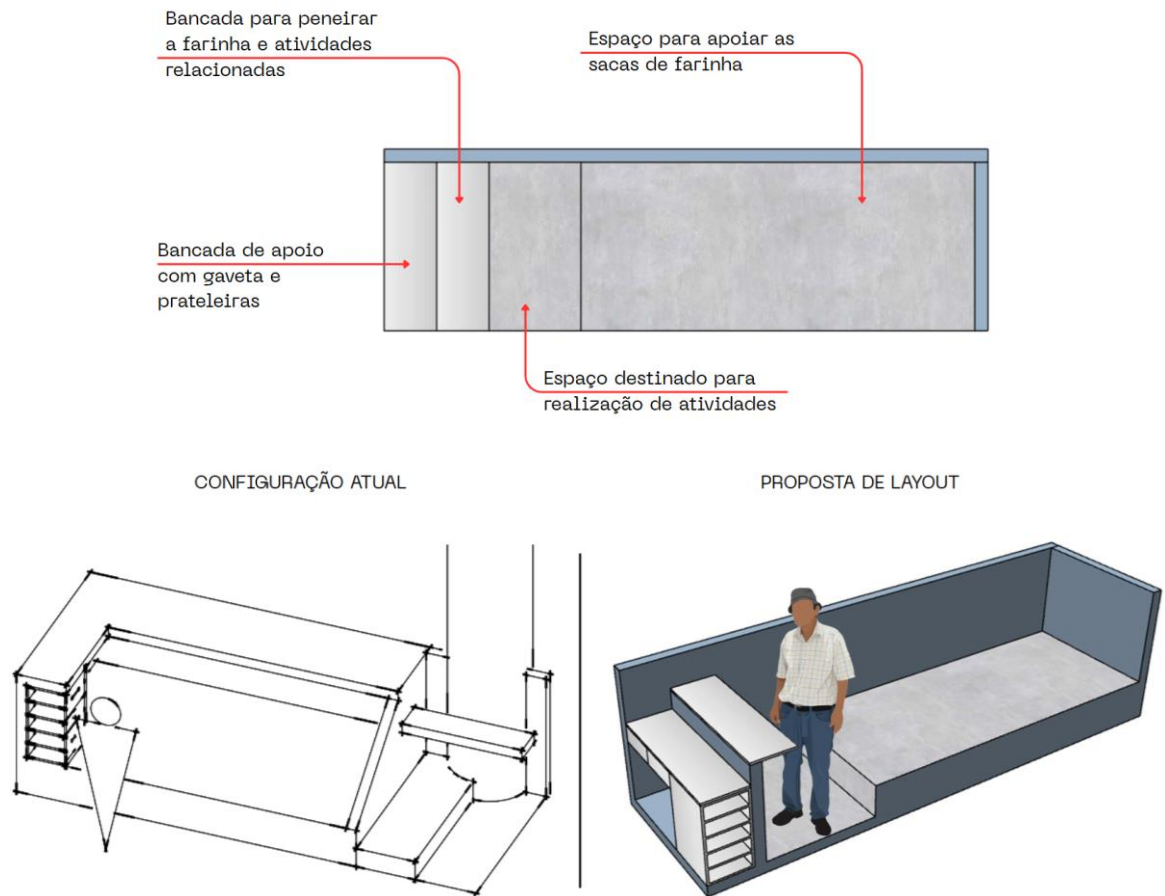
Figura 45 - Layout proposto para o setor de gastronomia



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como a banca de farinha, ao longo da pesquisa, mostrou atender às necessidades e expectativas do feirante, as sugestões propostas concentram-se em pequenos ajustes para otimizar o espaço. Entre eles, destaca-se a inclusão de uma área específica para atividades relacionadas ao seu trabalho, como peneirar a farinha, com uma bancada reservada para essa função. Além disso, considera-se importante integrar uma superfície de apoio destinada às ferramentas de trabalho, mantendo também as pequenas prateleiras, que se mostraram úteis como recurso funcional (Figura 46).

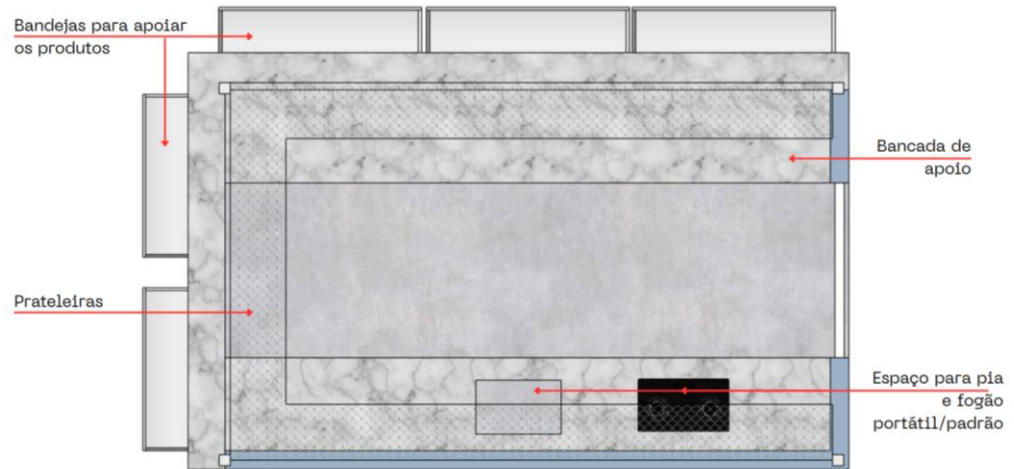
Figura 46 - Layout proposto para o setor de farinha



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

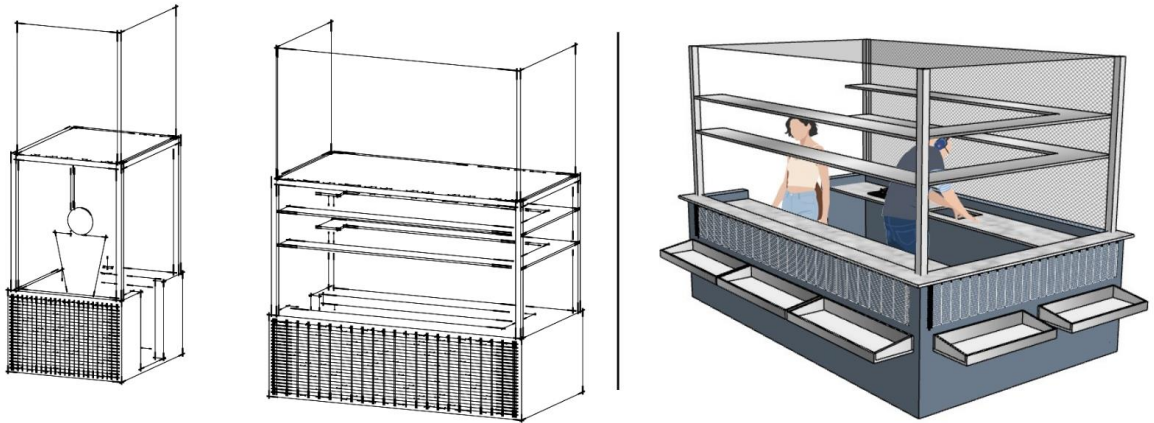
Para a banca de ervas, foram levadas em consideração as funções que eram distribuídas em duas bancas distintas: atendimento ao público, armazenamento de mercadorias, preparo de alimentos para consumo próprio, lavagem de utensílios e moagem de grãos. A nova proposição de layout integra todas essas atividades em uma única banca, garantindo conforto e o trabalho simultâneo de duas pessoas no mesmo espaço. Também foram mantidos e otimizados os elementos para exposição e armazenamento de produtos, como as prateleiras e grades, agregando bandejas externas ao conjunto a fim de atender ao volume de mercadorias expostas (Figura 47).

Figura 47 - Layout proposto para o setor de ervas



CONFIGURAÇÃO ATUAL

PROPOSTA DE LAYOUT



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Quadro 7 organiza essas proposições de forma resumida, relacionando cada tipo de banca às soluções sugeridas.

Quadro 7 - Síntese das orientações para a concepção de bancas de feira

SETOR		ÁREA MÍNIMA (M ²)	EQUIPAMENTOS/ACESSÓRIOS NECESSÁRIOS
Hortifruti		2,70 m ²	- Mobiliário modular
Frutas			- Refrigerador
Importados		2,40 m ²	- Bancada metálica articulada
Frutos do mar		5,04 m ²	- Freezer - Bancadas e bandejas metálicas
Carnes	Peixe	6,30 m ²	- Freezer - Bancada com ponto de água - Bancada metálica
	Outros	7,56 m ²	- Freezer - Expositor - Máquina de corte de carne (ou similar) - Bancada com ponto de água - Estrutura suspensa com gancho
Gastronomia		9,00 m ²	- Geladeira - Fogão - Bancada com ponto de água - Armários superiores e/ou inferiores - Bancadas de apoio
Farinha		5,85 m ²	- Bancada de apoio - Bancada de trabalho
Ervas		7,40 m ²	- Bancadas de apoio com ponto de água - Prateleiras

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Além das questões relacionadas às bancas, projetos futuros devem considerar a avaliação da performance da cobertura da feira, levando em conta materiais, formas de ventilação e, sobretudo, a implementação de um plano de manutenção preventiva, uma vez que problemas como infiltrações e goteiras podem estar diretamente relacionados à falta de cuidados regulares. Ainda, recomenda-se a instalação de ponto de escoamento em cada banca que lide diretamente com água, como nos setores de frutos do mar, gastronomia e carnes, a fim de reduzir o acúmulo de água no piso, garantindo maior segurança e higiene no espaço.

Além disso, distribuir estrategicamente mais de um ponto com bicicletários ao redor do equipamento público e próximos às bancas é fundamental, considerando que a bicicleta foi

identificada como um dos principais meios de transporte utilizados pelos feirantes, os quais não dispõem de local apropriado para estacioná-las. Por fim, as áreas de convivência na feira representam uma estratégia importante para fortalecer a apropriação do espaço pelos feirantes e melhorar a experiência social no ambiente. Portanto, incluir, pequenos pontos com bancos ao longo dos espaços da feira, funcionando como uma área de respiro, é importante para aliviar a sobrecarga física e mental dos trabalhadores.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi impulsionado pelo objetivo de analisar, sob a ótica da Psicologia Ambiental, como o ambiente da Feira da Cidade influencia o comportamento dos feirantes em relação aos impactos e às possíveis estratégias de adaptação adotadas por eles. Para isso, alguns caminhos foram traçados de modo que o trabalho fosse feito com clareza e objetividade. Quanto à percepção dos feirantes em relação à satisfação, produtividade e interação no espaço da feira, os resultados evidenciaram situações pontuais de desconforto, mas também de contentamento, sem configurar uma opinião uniforme, pois variaram de acordo com fatores como o tipo de produto comercializado e localização da banca no espaço total da feira.

No que diz respeito à análise do comportamento dos feirantes, registrando o uso do espaço e relacionando com as adaptações realizadas para atender às suas necessidades e expectativas, a principal problemática identificada foi o espaço insuficiente, tanto para a exposição e comercialização dos produtos quanto para o armazenamento e a permanência do próprio feirante de maneira confortável no seu ambiente de trabalho, o que acaba gerando outros problemas como a diminuição de espaço livre de circulação, gerando as barreiras no ambiente as quais comprometem as passagens. A partir da obtenção desses dados, buscou-se sistematizar as informações como orientações no processo de concepção de projetos futuros de feiras.

Com base nessas análises, foi possível compreender como as variáveis da Psicologia Ambiental se manifestam no contexto da Feira da Cidade. O ambiente sócio-físico revela um espaço marcado por constantes negociações entre limitações físicas e possibilidades de uso, evidentes nos percursos adotados pelos feirantes, onde cada indivíduo apresenta comportamentos específicos em relação aos seus deslocamentos, fortemente influenciados pela estrutura e organização de sua própria banca. Já os *affordances* são traduzidos a partir das adaptações realizadas pelos feirantes para suprir suas necessidades e, ao mesmo tempo, das oportunidades oferecidas pelo espaço para atender às suas necessidades. Observou-se também que o espaço pessoal é uma variável complexa de analisar nesse contexto, pois a feira é um ambiente naturalmente caracterizado pela interação social e física constante. Ademais, a territorialidade mostrou-se presente sendo marcada tanto por elementos físicos, quanto por aspectos simbólicos e sociais. Todas essas variáveis evidenciam sua essência como parte do objeto de estudo da Psicologia Ambiental, que se fundamenta na interrelação e na transacionalidade da relação pessoa-ambiente, permitindo compreender a influência mútua entre o ambiente da feira e o comportamento dos feirantes.

Quanto às necessidades dos feirantes, concluiu-se que cada tipo de comerciante exige um programa de necessidades específico, as vezes até mesmo dentro do mesmo setor. Por isso, é

fundamental projetar os espaços de maneira que, ao mesmo tempo em que mantenham a concepção organizada da feira, ofereçam certa flexibilidade para personalização, permitindo que os usuários adaptem seu ambiente conforme suas demandas individuais. Essa abordagem deve considerar dimensões mínimas adequadas, definidas a partir da compreensão dos equipamentos e acessórios necessários em cada tipo de banca, de acordo com os produtos comercializados.

Quanto ao desenvolvimento dessa pesquisa é importante destacar algumas limitações que ocorreram. A primeira refere-se ao curto prazo disponível para a realização do estudo, o que resultou em um número de feirantes analisados reduzido. Ainda assim, a amostra obtida mostrou-se suficiente para identificar aspectos e considerações relevantes para a análise. Além disso, o tempo limitado também afetou a atualização completa da planta baixa. Apesar de o layout geral permanecer o mesmo, algumas bancas acabaram se agrupando ou foram adicionadas, influenciando a contagem e a distribuição final das bancas, no entanto, isso não comprometeu os resultados nem a qualidade da pesquisa, uma vez que as análises foram centradas no comportamento individual dos feirantes observados.

Por isso, como sugestão para pesquisas futuras, propõem-se o levantamento técnico completo da nova configuração da Feira da Cidade e a proposição de um projeto adequado para atender a quantidade atual de feirantes, visto que inicialmente a feira foi projetada para comportar 354 feirantes e atualmente conta com 245. Nesse contexto, torna-se importante avaliar de forma mais aprofundada a demanda e os fatores que levaram a essa redução, a fim de orientar estratégias de planejamento que atendam às necessidades atuais e futuras dos usuários.

Sugere-se, também, a realização de um mapeamento comportamental centrado no lugar como complemento aos dados já apresentados nesta pesquisa. A aplicação dessa metodologia auxiliaria a identificar as atividades específicas que ocorrem em cada setor da feira, quem são os frequentadores desses espaços e qual é o grau de ocupação em cada um deles. Assim, essa abordagem possibilitaria observar o ambiente como um todo e com mais detalhes sobre os padrões de comportamento e apropriação no ambiente a partir de um grupo de pessoas e ações, contribuindo para as decisões projetuais de um espaço como a feira.

Ainda, os resultados da pesquisa indicam que a elevada sensação de calor constitui uma das principais demandas não atendidas pelos usuários do espaço. Contudo, tal problemática, que está diretamente relacionada à estrutura da cobertura, ao seu desempenho termoacústico e a diversos outros fatores externos, acaba fugindo do escopo do trabalho que tem como foco os espaços de trabalhos dos feirantes (bancas e boxes). Portanto, recomenda-se a realização de

estudos específicos sobre soluções de cobertura que conciliem baixo custo e alto desempenho termoacústico, adequadas às mudanças e adaptações climáticas, de modo a proporcionar um ambiente mais confortável e sustentável para as feiras cobertas.

Por fim, ainda como sugestão para trabalhos posteriores, considera-se importante pesquisas voltadas para a acessibilidade das feiras. Durante a pesquisa de campo, observou-se que muitos feirantes idosos e pessoas com mobilidade reduzida atuam no local. Em uma ocasião específica, verificou-se que um senhor em cadeira de rodas tinha duas opções de percurso: um corredor interno da feira, repleto de barreiras como cadeiras e caixas, e a calçada de uma das ruas, mais ampla, mas com trechos irregulares que dificultavam o deslocamento, e ele acabou optando pelo corredor interno, provavelmente por oferecer um percurso mais contínuo, mesmo com obstáculos. Essas considerações reforçam a importância de promover trabalhos que tenham como foco projetos com acessibilidade plena e segura a todos os usuários.

A partir das reflexões e dos resultados apresentados, ressalta-se a relevância de considerar o papel das variáveis da Psicologia Ambiental no processo projetual. Essa abordagem reforça a necessidade de compreender o espaço não apenas em sua dimensão física, mas também em sua dimensão social, evidenciando a importância dos estudos da interrelação e da transacionalidade entre o indivíduo e o ambiente. Nesse sentido, este trabalho contribui fornecendo subsídios teóricos e práticos que podem orientar projetos futuros, considerando o comportamento e as necessidades dos usuários como elementos centrais para a concepção de projetos de feiras.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Douglas Vieira de. **Alma espacial**: o corpo e o movimento na arquitetura. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

ANGULO, José Luis Gutiérrez. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, MG, v. 5, n. 2, p. 96-109, dez. 2003. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/242/239>. Acesso em: 26 fev. 2025.

BELÉM (PA). Decreto Municipal N.º 26.579, de 14 de abril de 1994. Dispõe sobre o funcionamento de feiras livres no Município de Belém, e dá outras providências. **Procuradoria Geral do Município**. Disponível em: <https://sistemas.belem.pa.gov.br/leisedecretos/#/visualizacao/1896>. Acesso em: 20 set. 2025.

CARDOSO, Oswaldo José de Almeida. **Ensino de história e saberes patrimoniais**: aprendizagens históricas por intermédio de experiência na feira da Cidade Nova IV Ananindeua/Pará. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2023.

CARVALHO, Jakelini de Jesus; AGUIAR, Maria Geralda Gomes. Qualidade de vida e condições de trabalho de feirantes. **Revista de Saúde Coletiva da UEFES**, Feira de Santana, BA, v. 7, n. 3, p. 60-65, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1943/2183>. Acesso em: 26 fev. 2025.

CORRAL-VERDUGO, Victor. Psicologia Ambiental: objeto, "realidades" sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 71-87, 2005.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ELALI, Gleice Azambuja; Pinheiro, José de Queiroz. Analisando a experiência do habitar: algumas estratégias metodológicas. *In*: VILLA, Simone Barbosa; ORNSTEIN, Sheila Walbe (orgs.). **Qualidade ambiental na habitação**: avaliação pós-ocupação. 1. Ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. p. 15-35.

FIEL, Ewerton Uchôa Vieira. **Relações informais de trabalho**: um estudo de caso sobre os trabalhadores por conta própria da Feira da Cidade em Ananindeua – PA. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FURTADO, Adrielson. **Mapa setorial do conjunto Cidade Nova, Ananindeua, PA**. *In*: Blog Adrielson Furtado. Ananindeua, PA, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://adrielsonfurtado.blogspot.com/2017/11/divisao-setorial-do-conjunto-cidade.html>. Acesso em: 16 mar. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: ATLAS, 2008.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice Azambuja; PINHEIRO, José de Queiroz. A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, definições e implicações. **Série: Textos de Psicologia Ambiental**, Brasília: Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia Ambiental, n. 23, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Crescimento Populacional**. Ananindeua: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 30 fev. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: ATLAS, 2003.

MEDEIROS, Jorge França da Silva. **As feiras livres em Belém (PA): dimensão geográfica e existência cotidiana**. 2023. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MEIA DOIS NOVE. Arquitetura e Consultoria. Feira da Cidade – Ananindeua, PA. *In: Blog Meia Dois Nove*. 19 out. 2006. Disponível em: <https://meiadoisnove.blogspot.com/2012/08/feira-da-cidade-ananindeua-para.html>. Acesso em: 27 fev. 2025.

MELO, Rosane Gabriele Campelo de. Psicologia Ambiental: uma nova abordagem da Psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 2, n 1-2, p. 85-103, 1991.

MEMORIAL DESCRITIVO DA FEIRA DA CIDADE. *In: MEIADOISNOVE*. [S. l.]. 2005. Disponível em: http://www.meiadoisnove.com.br/memorial_feiradacidade.pdf. Acesso em: 27 fev. 2025.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130, jun. 1998.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Recomendação nº 204: Transição da economia informal para a economia formal. **Organização Internacional do Trabalho**: Genebra, 2015. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/@americas/@ro-lima/@ilo-brasil/documents/genericdocument/wcms_619831.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

PINHEIRO, José de Queiroz; ELALI, Gleice Azambuja; FERNANDES, Odara de Sá. Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental. *In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (orgs.)*. **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**, São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 75-104, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANANINDEUA. 80 anos: Conheça a História de Ananindeua desde sua origem. *In: PORTAL da Prefeitura de Ananindeua*. Ananindeua, PA, 2 jan. 2023. Disponível em: <https://www.ananindeua.pa.gov.br/consultoria/noticia/4139/80-anos-conheca-a-historia-de-ananindeua-desde-sua-origem>. Acesso em: 26 fev. 2025.

RODRIGUES, Jovenildo Cardoso; FILHO, José Sobreiro; NETO, Adolfo Oliveira. O rural e o urbano na Amazônia metropolitana: reflexões a partir de Ananindeua, Pará. **Revista NERA**, Presidente Prudente, SP, ano 21, n. 42, p. 256-280, 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/issue/view/28%20de%20mar.%202018/27>. Acesso em: 16 mar. 2025.

TRINDADE, José Raimundo; FIEL, Ewerton Uchôa Vieira. Emprego, renda e informalidade: um estudo da Feira da Cidade em Ananindeua (PA). **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho**. Rio Grande do Norte, v. 08, n. 01, p. 108-130, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rerut/article/view/20339/12701>. Acesso em: 14 mar. 2025.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Feira da Cidade, Ananindeua-PA: o comportamento dos feirantes sob a ótica da Psicologia Ambiental

Pesquisadores:

Orientadora Prof^ª Dra. Izabel Cristina Melo de Oliveira Nascimento
Graduanda Kalena Uchôa Dias

Esclarecimentos sobre a pesquisa:

Estou realizando uma pesquisa acadêmica para desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Arquitetura e Urbanismo, que tem como objetivo analisar como o espaço da feira influencia o comportamento dos feirantes.

Para isso, será realizada a aplicação de formulário com perguntas relacionadas ao tema da pesquisa, buscando compreender a percepção dos feirantes quanto aos aspectos de satisfação, produtividade e interação.

Sua participação é voluntária, e você poderá se recusar a responder qualquer pergunta, assim como interromper sua participação a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo.

As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, garantindo o anonimato e a confidencialidade dos dados.

Declaração de consentimento:

Declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos da pesquisa, bem como sobre a forma de participação, e que minhas dúvidas foram esclarecidas. Estou ciente de que minha participação é voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem que isso me cause qualquer tipo de prejuízo.

Por meio deste, AUTORIZO minha participação na entrevista, consentindo com o uso das informações para os fins acadêmicos propostos.

Ananindeua, _____ de _____ de 2025

Assinatura do(a) participante: _____

APÊNDICE B – Formulário

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

FORMULÁRIO – FEIRA DA CIDADE, ANANINDEUA-PA

DADOS					
NOME:					
SETOR:					
DIAS DE TRABALHO:					
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:					
SATISFAÇÃO					
	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
1. O jeito que o espaço de trabalho da minha banca foi feito atende às minhas necessidades de trabalho.	5	4	3	2	1
2. A feira é muito quente, o que me causa bastante desconforto.	5	4	3	2	1
3. As condições de higiene da feira me incomodam bastante.	5	4	3	2	1
4. A feira é um ambiente seguro para trabalhar até o final do dia.	5	4	3	2	1
5. A cobertura protege bem meu espaço de trabalho contra a chuva.	5	4	3	2	1
6. Consigo descansar de forma confortável nos momentos de pausa.	5	4	3	2	1
7. Quando o fluxo de pessoas está alto, sinto que meu espaço acaba ficando um pouco comprometido.	5	4	3	2	1
8. A posição da minha banca na feira é boa em relação ao produto que vendo.	5	4	3	2	1
PRODUTIVIDADE					
9. Tenho estrutura suficiente para organizar e expor meus produtos e atrair a atenção dos clientes.	5	4	3	2	1
10. Costumo ter dificuldade para guardar minhas mercadorias pela falta de espaço.	5	4	3	2	1
11. Consigo facilmente ajustar meu espaço de trabalho conforme minhas necessidades.	5	4	3	2	1
12. A organização dos corredores e das bancas permite que os clientes circulem sem atrapalhar meu trabalho.	5	4	3	2	1

13. A luz do sol na feira durante o dia é suficiente para realizar meu trabalho.	5	4	3	2	1
14. O calor me provoca cansaço e acaba afetando meu desempenho ao longo do dia.	5	4	3	2	1
15. Sinto que meu espaço de trabalho é apertado, e isso atrapalha tanto minhas atividades quanto o atendimento aos clientes.	5	4	3	2	1
16. Consigo descarregar e transportar mercadorias para a minha banca sem atrapalhar o funcionamento dela.	5	4	3	2	1
17. Sinto que a altura das bancadas/balcão dificulta meu trabalho.	5	4	3	2	1
INTERAÇÃO					
18. Sinto que posso contar com meus colegas quando preciso de ajuda ou algum favor.	5	4	3	2	1
19. Raramente participo das reuniões e das discussões de melhorias quando os organizadores convocam.	5	4	3	2	1
20. Consigo interagir com os clientes durante o atendimento sem comprometer o conforto dos demais.	5	4	3	2	1
21. Sinto que faço parte de uma comunidade quando estou na feira.	5	4	3	2	1
22. A movimentação e o barulho da feira dificultam minha comunicação com os clientes.	5	4	3	2	1
23. Minha banca é facilmente percebida pelo cliente assim que ele entra na feira.	5	4	3	2	1
24. Percebo que os bancos de concreto funcionam como ponto de encontro e favorecem o convívio e a troca de ideias.	5	4	3	2	1
OBSERVAÇÃO					

APÊNDICE C – Ficha de Observação Estruturada

Ficha de Mapeamento Comportamental Centrado na Pessoa

Data:

Pessoa Nº:

Setor:

MOMENTO	HORÁRIO	ATIVIDADE	OBSERVAÇÕES
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			
22			
23			
24			
25			
26			
27			
28			
29			
30			
31			
32			
33			
34			
35			

Resumo: